

Universidade de Caxias do Sul-UCS

Renan de Lima da Silva

**EM ONDAS COM O TURISMO:
O Olhar da Comunidade sobre o Turismo
nas Praias do Farol de Santa Marta**

**Caxias do Sul
2015**

Renan de Lima da Silva

**EM ONDAS COM O TURISMO:
O Olhar da Comunidade sobre o Turismo
nas Praias do Farol de Santa Marta**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista.

Coorientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos

**Caxias do Sul
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S586e Silva, Renan de Lima da, 1991-
Em ondas com o turismo : o olhar da comunidade sobre o turismo nas praias do Farol de Santa Marta / Renan de Lima da Silva. – 2015.
116 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2015.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista ;
Coorientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos.

1. Turismo – Santa Catarina. 2. Turismo – Aspectos sociais. 3. Hospitalidade. 4. Recursos naturais – Praias. I. Título.

CDU 2.ed.: 338.48(816.4)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo – Santa Catarina	338.48(816.4)
2. Turismo – Aspectos sociais	338.48:316
3. Hospitalidade	338.483.13
4. Recursos naturais - Praias	338.483.11

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730

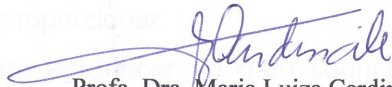
“Em ondas com o turismo: o olhar da comunidade sobre o turismo nas praias do Farol de Santa Marta”

Renan de Lima da Silva

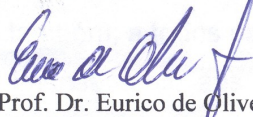
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 28 de maio de 2015.

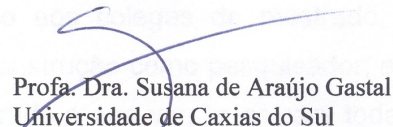
Banca Examinadora:



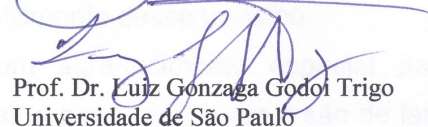
Prof. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Eurico de Oliveira Santos
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dra. Susana de Araújo Gastal
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godói Trigo
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, para além das mudanças na minha visão da Academia e da Ciência, mudou também a minha visão de mundo. Para a construção de um trabalho com tamanho potencial de mudança em mim mesmo, vale ressaltar que este não foi construído sozinho; portanto, quero agradecer imensamente àqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes no entrelaçamento dos meus caminhos durante a pesquisa.

- Quero agradecer a minha família, pelo apoio e pelo incentivo, em minhas incursões acadêmicas.
- Em especial, quero agradecer a minha mãe Rosilene, pela compreensão e o carinho, e ao meu pai Messias, por toda a força e apoio nos momentos difíceis.
- Quero agradecer imensamente a minha orientadora, Maria Luiza, pela confiança, por ter acreditado e confiado em mim, além de ter visto e me mostrado, com muito 'Amorcomtur', todas as nuances que a pesquisa poderia me proporcionar.
- Quero agradecer ao meu coorientador, Rafael, por ter me apresentado e despertado o sentido que eu precisava, no meu processo de aprendizagem.
- Agradeço também, a todos os professores do Mestrado em Turismo da UCS.
- Agradeço imensamente aos amigos do grupo de estudos AMORCOMTUR!, por todo o acolhimento durante as reuniões.
- Agradeço aos colegas do mestrado, que foram parte importantíssima da minha construção como pesquisador; em especial, aos amigos que conquistei no Mestrado e que vou levar para toda a vida, por suas contribuições para o desenvolvimento desse trabalho.
- Tenho um agradecimento especial para fazer aos personagens desta pesquisa, que me receberam e são de fato coautores dessa pesquisa, Rafael 'Faísca', Rafael Córdova, João, Katyuscia, seu Adilson, Adilton e Rafael.
- E agradeço à Capes por viabilizar o desenvolvimento dessa pesquisa no mestrado.

RESUMO

A presente dissertação é sobre o turismo nas Praias do Farol, analisado a partir do olhar da comunidade, sobre as relações estabelecidas na atividade. Tem como objetivos caracterizar as práticas turísticas nas Praias do Farol; descrever as relações estabelecidas entre os turistas e a comunidade; e observar e discutir os eventuais desdobramentos dessas relações e o turismo da localidade. Trata-se de um estudo transdisciplinar, envolvendo as áreas Turismo, Hospitalidade, Comunicação e Antropologia. A orientação metodológica é qualitativa, de cunho exploratório, com o desenvolvimento de revisão bibliográfica, observação participante com caderno e diário de campo e entrevistas abertas gravadas e transcritas. Em termos de resultados, tem-se um panorama sobre as desterritorializações da pesquisa, pensadas a partir de Baptista (2013); o turismo como manifestação cultural, entendido a partir de Geertz (1989); a característica das práticas turísticas das Praias do Farol, dividindo sazonalmente, segundo Arantes e Santos (2010); o espaço com a pesca e perpassado por características do estilo de vida do surf. Todos esses aspectos foram demonstrados a partir da descrição do turismo e da hospitalidade, segundo o olhar da comunidade, seus medos e pretensões com essas práticas. São apresentados, ainda, os desdobramentos das relações estabelecidas nas práticas turísticas, tendo como marca o fato de que o 'localismo' do surfe e a hospitalidade baseada nas trocas de Marcel Mauss (2002) são fatores que ajudam na preservação dessa cultura, se pensarmos a partir de Castrogiovanni (2003), Barretto (2003) e Krippendorf (2000).

Palavras-chave: Turismo; Cultura; Praias do Farol de Santa Marta; Hospitalidade; Surfe; Subjetividade.

ABSTRACT

This dissertation is about tourism in Farol Beaches, viewed from the community look on the relations established in the activity. Aims to characterize the tourist practices on the Farol beaches; describe the relations between tourists and the community; and observe and discuss the possible consequences of these relationships in the locality tourism. This is an interdisciplinary study involving the areas Tourism, Hospitality, Communication and Anthropology. The methodological guidance is qualitative, exploratory, with the development of a literature review, participant observation with notebook and field diary and open interviews recorded and transcribed. In terms of results, there is an overview of the deterritorialization in the research, thought from the Baptist (2013), tourism as cultural expression, understood from Geertz (1989), characteristic of tourist practices of the Farol Beaches, dividing seasonally, according to Arantes and Santos (2010), the area with fishing and permeated by characteristics of the surf lifestyle. All these aspects have been demonstrated from the description of tourism and hospitality, according to the community look, fears and aspirations with those practices. The survey also, the developments of the relations established in tourist practices, with the marks the fact that the 'localism' surf and hospitality based on exchanges of Marcel Mauss (2002) are factors that help in preserving this culture, if we think from Castrogiovanni (2003), Barretto (2003) and Krippendorf (2000).

Keywords: Tourism; Culture; Beaches of Farol de Santa Marta; Hospitality; Surf; Subjectivity.



Visite-me: a incerteza do fazer do pesquisador, ser colocado, em um ambiente adverso, culturalmente diferente do seu e completamente imerso em outra sociedade. É desesperador! Me vejo sentado, olhando para o mar, a praia mais linda que já tinha visto, possibilidades inúmeras, entretanto, o medo era tão grande... chorar diante da minha primeira visita, e, ao me “revisitar”, perceber que essa desconstrução é então a porta de entrada da minha visita, e a reconstrução a chegada do meu primeiro visitante.

GLOSSÁRIO

Crowd: Multidão, quando se tem muita gente dentro d'água.

Drop: Ato de descer a onda.

Flat: Mar liso e sem ondas.

Haole ou Haule: Forasteiro, adquirindo tom pejorativo em alguns casos, como péssimo surfista, por exemplo.

Série: Conjunto de ondas.

Swell: É a chegada de ondulação à costa.

Rabear: Descer a onda na frente de outro praticante, interferindo na sua trajetória.

Tubo: Consiste em passar por dentro da onda, por vezes a onda forma uma secção tubular, noutras, é no seu total tubular.

Vaca: Tombo, Queda.

Vibe: Vibração, sentimento, onda subjetiva.

Wave: Onda, em inglês.

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1 – Fluxograma da dissertação.....</u>	15
<u>Figura 2 - Mapa de Laguna em relação ao Rio Prata.....</u>	22
<u>Figura 3 - Mapa das Praias de Laguna.....</u>	24
<u>Figura 4 – Praias do Farol de Santa Marta em Relação ao Centro do Município de Laguna.....</u>	25
<u>Figura 5 - Praia do Cardoso do Galpão dos Pescadores.....</u>	26
<u>Figura 6 - Onda premiada pelo prêmio Greenish 2012, maior onda surfada.....</u>	27
<u>Figura 7 - Restaurante "Barracão" no rearranjo espacial para o Turismo.....</u>	66
<u>Figura 8 - Sobreposição dos dois fazeres, Turismo e Pesca.....</u>	71
<u>Figura 9 - Foto Cultura Surf.....</u>	80

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	VAMOS PARA A PRAIA	18
2.1.	APROXIMAÇÕES COM O LOCAL DE PESQUISA	20
2.2.	APROXIMAÇÕES COM O LUGAR DE PESQUISA	28
3.	TRAMA DE OLHARES	37
3.1.	OLHAR SOBRE O TURISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS CULTURAIS	37
3.2.	SINALIZADORES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	44
3.3.	O QUE FAZER E COMO FAZER	56
4.	A EXPERIÊNCIA ENTRE VISITAR E SER VISITADO	61
4.1.	A EXPERIÊNCIA	63
4.2.	ENTRE VISITAR E SER VISITADO	79
4.3.	SÍNTESE DA TRAMA	97
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	107

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação é o turismo nas Praias do Farol¹ de Santa Marta em Laguna, SC e sua compreensão a partir das relações estabelecidas no local, segundo o olhar da comunidade.

A pesquisa resulta de um processo de descoberta empírica, que tem como marco o tempo em que vivi no Rio de Janeiro, onde estive até 2009. Naquela época, percebi que os turistas que chegavam à cidade, buscando praticar esportes de aventura, se preocupavam em manter o ambiente limpo, contribuindo para a sua preservação. Eles compreendiam que necessitavam de interação com a comunidade para minimizar os riscos da atividade de aventura e a desestabilidade causada pela desterritorialização na sua prática, além de, é claro, consumirem produtos locais, deixando valores também econômicos, como registros de sua presença.

O fato é que, como morador e praticante de atividades de esportes de praia, no Rio de Janeiro, e turista da segmentação de Sol e Praia em outras localidades, pude notar um entrelaçamento entre o desenvolvimento do turismo nessa segmentação, sua relevância na vida dos habitantes e a preocupação com a preservação do ambiente natural onde essas práticas se desenvolviam.

O contraponto a tais questionamentos ocorreu em 2010, quando mudou a minha experiência empírica. Nesse ano, mudei-me para Jaguarão, no Rio Grande do Sul, vindo de minha cidade natal, o Rio de Janeiro, no intuito de estudar. Então, me coloquei diante de uma nova realidade e, com o olhar um pouco mais crítico, vivi os efeitos da mudança da segmentação com a qual tive contato nessa nova cidade. Do Turismo de Sol e Praia, passei para o turismo de compras. Essa mudança fez gerar algumas novas percepções e, com isso, surgiram também novos questionamentos.

O local de tais novas percepções e questionamentos foi o município de Jaguarão, distante 390 quilômetros de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Trata-se de um município com extremo potencial para o turismo, um turismo duradouro e pouco agressivo, com características de contemplação e possibilidades de interação com o

¹ Compreendo, ao longo de todo o trabalho, o significado que a própria comunidade local dá para suas praias. Essas são, como eles definem, a extensão do quintal de suas casas; portanto, o que aqui tratarei como as Praias do Farol é referendado a mim durante as entrevistas, como sendo a Prainha, Praia do Cardoso e Praia da Cigana.

meio natural e sociocultural. Isso se evidencia devido as suas belezas naturais, arquitetônicas e a sua relevância histórica, atestada pelo seu tombamento como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Como uma cidade fronteiriça, até então de economia estagnada, o que ocorreu em Jaguarão foi o turismo de compras, facilitado pelas possibilidades fiscais. Essa foi uma saída que auxiliou tanto o município brasileiro, quanto o município uruguaio de Rio Branco, com o qual a cidade faz fronteira (JAGUARÃO, 2014).

Esse tipo de turismo, entretanto, gerava benefícios pouco uniformes, com fomento à economia, mas sem valorização da comunidade e da cultura local. Verificava-se uma simultânea degradação do ambiente natural, devido à baixa preocupação com o local, bem como o não investimento nas relações desse tipo de turista com a comunidade. Pude perceber, então, baixa autoestima da comunidade e despreocupação com o turista, o que tende a comprometer o desenvolvimento de seu potencial como cidade turística.

Ao contrapor uma perspectiva com a outra, empiricamente, tentei analisar as variáveis que possibilitariam mudanças nessa situação, como a segmentação turística e as relações sociais estabelecidas, econômicas e contemplativas. Pude notar que, nos dois casos, o turismo era rentável e as discrepâncias, nas duas situações, estavam relacionadas ao impacto gerado no ambiente natural e social. Ao perceber isso, fui compreendendo a importância das interações sociais, para que sejam valorizados aspectos do local e extrapolada a exclusividade da dimensão econômica imediata do turismo.

Acredito que o desenvolvimento do que está sendo aqui estudado se dá na interação. Assim, no contrapondo com o outro se estabelecem as fronteiras e as culturas que resultam do jogo de aproximação e diferenciação. Nestas circunstâncias, a pesquisa aflorou.

Vale ressaltar que o amadurecimento desse florescimento ocorreu junto ao Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopose. O contato com a cultura dos outros pesquisadores é o objetivo deste grupo, o que me ajudou a perceber esse desdobramento na minha pesquisa.

Esta dissertação se insere na linha de pesquisa dois, Turismo, Cultura e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPGTURH), Especialmente nas temáticas: 'Cultura contemporânea, turismo e hospitalidade'; 'Comunicação e turismo'; 'Dimensão epistemológica, humana e científica do turismo'; e 'Cognição social e comportamento em turismo'.

Além disso, como consequência dessa interação, bem como no presente estudo, pude perceber que o aprender possibilita o desenvolvimento pessoal a partir do contato entre culturas, e como tal, acredito que esta, seja uma possibilidade de desenvolvimento da própria comunidade através da possibilidade de uma aprendizado. Nesse sentido, alinha-se também às temáticas 'formação para a pesquisa' e 'formação para o ensino do turismo', como contribuição de enfoques a serem considerados.

Nessa linha de pensamento, questionei-me sobre quais os detalhes, nesse tipo de relação, que geram a preocupação do turista com o ambiente visitado e da comunidade com o bem-estar desse turista. E, em decorrência disso, qual orientação metodológica de pesquisa me permitiria captar tal percepção, nas relações estabelecidas a partir do olhar da comunidade. Sendo assim, optei por um trabalho qualitativo, com orientação da Antropologia, pautada por técnicas etnográficas, como observação participante e descrição da atividade no local.

Para instrumentalizar a coleta de material, foram feitas duas visitas ao local escolhido, para observação e coleta de entrevistas abertas com a comunidade, que envolve pessoas que trabalham e também usufruem das Praias do Farol. Também foram produzidos, como instrumentos de coleta, um diário e um caderno de campo, que geraram posterior interpretação de dados. Sendo assim, o trabalho que se apresenta foi construído seguindo orientações etnográficas da escrita antropológica, segundo o entendimento de escrita contemporânea, corroborado pelo estudo de Peirano (1995), Eckert e Rocha (2008).

Essas constatações empíricas e as escolhas teóricas iniciais levaram-me a questionamentos sobre o desenvolvimento e o planejamento da atividade. Esses questionamentos direcionaram meu trabalho para a segmentação do Turismo de Sol e Praia. Nessa segmentação, passei procurar vislumbrar as discrepâncias no

estabelecimento das relações postas na atividade turística, fruto das minhas curiosidades. Para o Ministério do Turismo, o “Turismo de sol e praia constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor” (BRASIL, 2014).

A pesquisa relatada nesta dissertação foi produzida em um cenário em que a atividade do turismo vem despertando crescente interesse de diversas localidades, por conta do exponencial desenvolvimento, marcado principalmente pelos aspectos econômicos, o que vem sendo registrado por alguns estudos.

Em um contexto mundial, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2014) o turismo representou 9% do PIB mundial, direta ou indiretamente em 2013. Além disso, um de cada 11 empregos no mundo estaria no setor do turismo. Em relação às exportações, o setor representou um ganho mundial de 1,4 bilhões de dólares, o que corresponde a 6% das exportações mundiais. Em turismo internacional, o setor passou de 25 milhões de turistas internacionais na década de 1950 para 1 bilhão e 87 milhões de turistas, em 2013. No Brasil:

No ano de 2009, as Atividades Características do Turismo geraram um valor bruto de produção de R\$ 213,3 bilhões (Tabela de resultados 1). Como são atividades de serviços, é possível medir sua participação no total do valor bruto da produção de serviços no País. Essa participação foi de 7,3%. Na comparação com o total da economia brasileira, a produção das Atividades Características do Turismo representou 3,9%. (IBGE, 2009, p.21)

No ano de 2009, o valor adicionado bruto pelas Atividades Características do Turismo foi de R\$ 103,6 bilhões, o que representou 5,5% do valor adicionado bruto do setor de serviços e 3,7% do valor adicionado bruto total da economia. (IBGE, 2009, p. 21)

Já em 2013, no estado de Santa Catarina, onde estão localizadas as Praias do Farol, os dados do Turismo indicam a demanda de janeiro de 2013 como sendo de 2 milhões, 71 mil e 520 turistas, entre nacionais e internacionais - 1 milhão, 926 mil e 761, nacionais, deixando um crescimento econômico de cerca de 1 bilhão, 443 milhões, 355 mil e 231 reais (SANTUR, 2014).

Nesse mesmo período, no município de Laguna, a demanda em janeiro de 2013 foi de 50 mil 669 turistas, entre nacionais e internacionais, sendo 50 mil e 35 nacionais. Estes deixaram 32 milhões, 137 mil e 176 reais (SANTUR, 2014). Esses estudos demonstram, no entanto, uma preocupação com o crescimento e a

movimentação econômica da cadeia produtiva do turismo, mas não levam em consideração a movimentação com relação às modificações socioculturais e ambientais.

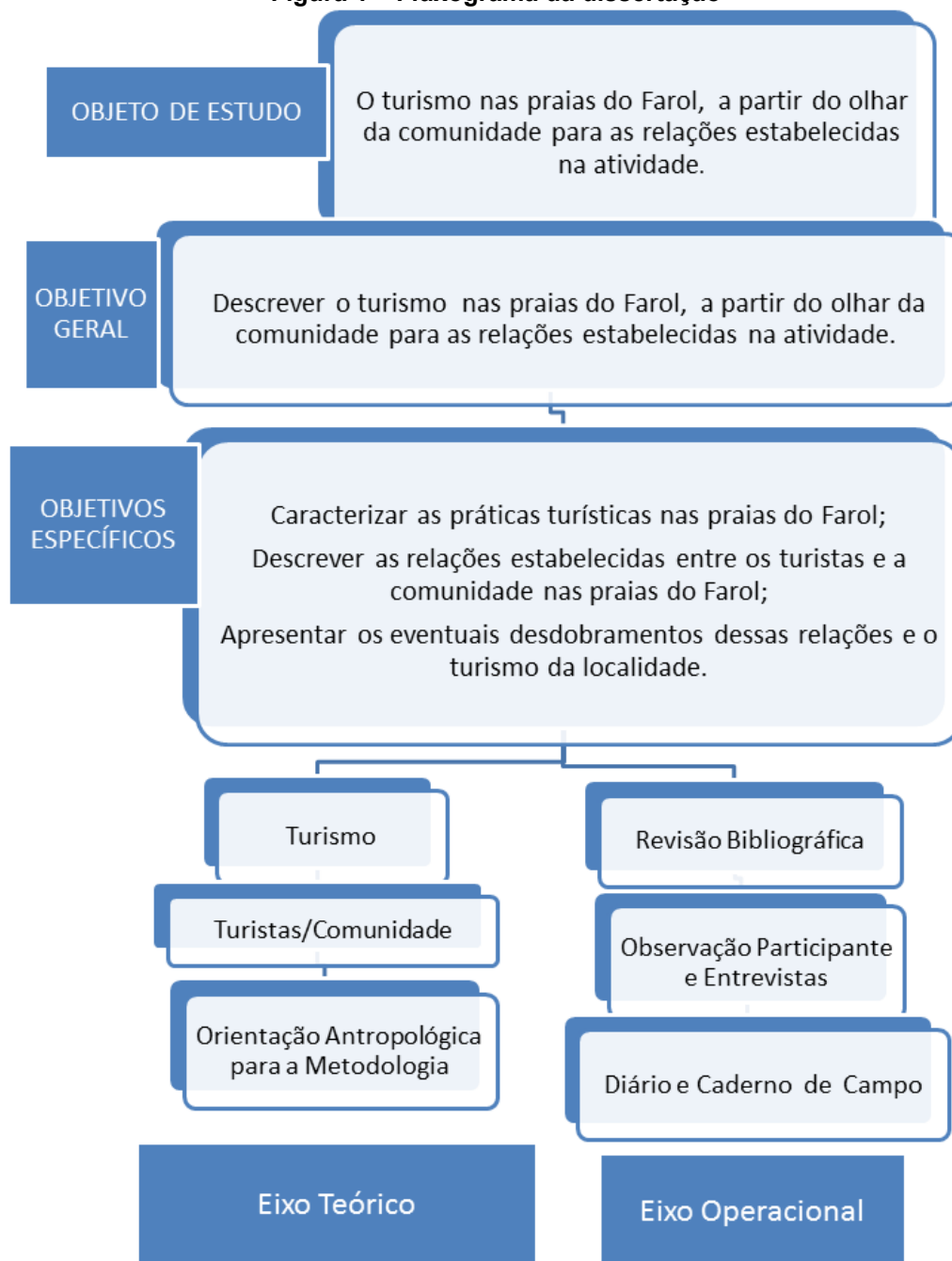
De fato, o turismo de massa gera uma produção em série da experiência turística, o que não necessariamente beneficia a localidade, a não ser pelo crescimento econômico em certa medida. No longo prazo, no entanto, a atividade não se justifica, em vista das perdas ambientais e socioculturais. Para isso, segundo Krippendorf (2000), um turismo mais humano e social deve ser levado em consideração, em contraponto ao modelo de turismo de massa, que está expresso nas pesquisas que apresentam somente o viés econômico da atividade do Turismo. Ainda segundo o autor, a comunidade ou sociedade do local é um dos principais atores da atividade. Por isso, sua manifestação e integração deve ser levada em consideração nos planejamentos turísticos, para um entendimento de não degradação do ambiente.

Em alguns casos, observa-se um panorama de degradação, que se mostra maior do que o próprio desenvolvimento que a atividade proporciona. Nesse sentido, este estudo é uma possibilidade de apresentar o olhar da comunidade sobre o desenvolvimento da atividade turística, considerando a relevância desse olhar como uma justificativa para o desenvolvimento das pesquisas em Turismo.

Em termos teóricos, este estudo foi produzido com base em teorizações de turismo, turismo de massa, turismo e cultura, e turismo como cultura, bem como apresenta referenciais ligados às teorias de subjetividade, em especial para a abordagem de desterritorialização em consideração a visitantes e visitados, com um olhar mais social sobre essas perspectivas de interação. Esses pressupostos teóricos e metodológicos foram escolhidos para estudar as implicações da temática em uma localidade.

Assim, foi possível definir o objeto de estudo, a partir de questionamentos sobre as relações estabelecidas com o turismo, em um determinado ambiente, privilegiando a forma como olhar para tal relação, num recorte específico, e dando uma interpretação qualitativa a essa relação, considerando-a a partir da comunidade. Para obter as respostas a esses questionamentos e atingir os objetivos, foi definida uma estrutura de pesquisa que pode ser vista na figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da dissertação



Fonte: Autoria própria.

A sequência de capítulos foi definida em coerência com o fluxograma apresentado na figura um, alinhando-se aos objetivos específicos: fazer a caracterização das práticas turísticas nas Praias do Farol em Laguna SC; descrever as relações estabelecidas entre os turistas e a comunidade nas praias; fazer a observação, para possibilitar a discussão de eventuais desdobramentos dessas relações e do turismo da localidade. Nesse sentido, depois da introdução, o segundo

capítulo, “Vamos para a praia”, apresenta a descrição das Praias do Farol em Laguna/SC, refletindo conceitualmente local de pesquisa e como esse se apresenta no texto como lugar de pesquisa. O terceiro capítulo, “Trama de Olhares”, traz reflexões sobre porque olhar a partir da comunidade, segundo suas práticas turísticas, com a explicitação de aspectos da metodologia de pesquisa escolhida. Além disso, traz o entendimento do turismo, segundo as escolhas teóricas, bem como a indicação dessas concepções de turismo em relação às Praias do Farol em Laguna SC. No quarto, “Experiência entre visitar e ser visitado” é o capítulo com o relato da experiência a partir das aproximações com a comunidade e as reflexões sobre o turismo, o que a comunidade considera do turismo local, trazendo como reflexão, os pontos críticos no desenvolvimento da atividade, e os princípios que fazem do turismo local uma forma de cultura, segundo as observações corroboradas pelo olhar da comunidade. As “Considerações Finais” retomam os principais aspectos da pesquisa e os objetivos, procurando sintetizar a descrição do que foi encontrado com o estudo.

Essa estrutura foi delineada como ‘trilha referencial’, como se refere Baptista (2013), para tratar o que chama de narrativa da pesquisa. Isso significa que é sinalizadora, mas precisa ser vista como pistas de conexões. O contexto constitutivo da pesquisa, apresentado a partir da introdução, portanto, deixa claro o caráter transversal sobre o qual estão construídos os pilares da pesquisa que se segue. É importante salientar, aqui, que essa orientação tem como base a transdisciplinaridade, na sua aplicabilidade no turismo como ciência transversal, bem como os pressupostos de Baptista (2013). A autora que propõe uma ciência inscricional, produzida a partir da experiência de investigação, como processo decorrente de investimentos desejanter, que reinventam tanto a própria pesquisa quanto o sujeito que a produz.

Tais pensamentos são desenvolvidos no processo de construção de mim mesmo, como pesquisador, a partir de minha desconstrução/desterritorialização, em contato tanto com a pesquisa quanto com os aspectos interativos que ela me proporcionou. Em suma, percebo a importância do desconstruir/desterritorializar para me reconstruir/reterritorializar, que está presente ao longo do texto, transversalmente, em todos os seus aspectos que me ensinaram tanto.

O que se segue é uma percepção de que, desde sempre, estive em constante movimento, assim como as ondas do mar. Nesse sentido, entendo que a experiência de surfar produz uma subjetividade que se faz presente na maneira de compreender o turismo e a pesquisa, nos moldes aqui trabalhados. Tudo isso sinaliza para a perspectiva de que a partir desses, a viagem, a pesquisa, o turismo e, principalmente, a onda no surfe fazem parte da minha desconstrução/desterritorialização e reconstrução/reterritorialização. Assim, justamente como ondas transdisciplinares com o turismo, construí essa pesquisa, bem como posso dizer que, subjetivamente, ela me desterritorializou, ou seja, me desconstruiu, e reterritorializou ou me reconstruiu novamente.

2. VAMOS PARA A PRAIA

O objetivo deste capítulo é apresentar o local em que desenvolvi a pesquisa, de que forma esse local passou a fazer parte da construção do meu conhecimento e da minha forma de pensar, mais do que simplesmente relatar dados sobre a localidade onde desenvolvi a investigação. Apresento, principalmente, a vivência e a experiência por qual passei nos dois momentos em que visitei pessoalmente a localidade, e principalmente quando, em certo sentido, esta me visitou e começou a fazer parte de mim e das minhas inferências. Criei um vínculo afetivo de interesse com o lugar. Fui percebendo e sentindo sua cultura, seus sujeitos, sua comunidade, o que se associou aos meus referenciais epistemológico-teóricos. Em função disso, foi feita a opção por olhar, a partir desses sujeitos, o desenvolvimento da atividade turística na praia, o que vai ser discutido mais detalhadamente posteriormente.

O território do campo de pesquisa apresentou-se, para mim, em dois momentos, de duas formas diferentes. Primeiro, tornou-se meu local de pesquisa, por ser aquele no qual o meu interesse científico se intensificou e onde vi a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de qualidade, com as características que considero relevantes para o turismo. O segundo momento em que esse se torna meu “lugar” de pesquisa é aquele em que se estabelece a afetividade com o local, com a cultura e com a comunidade. Os moradores foram se tornando meus amigos, após a minha primeira visita, de tal forma que o local foi se tornando também um pouco meu. Assim, penso ter conseguido me aproximar e procuro apresentá-lo como um dos meus lugares, segundo a definição de Yázigi (2001), em que esse autor define o lugar como sendo um local com alguma afinidade pessoal para você.

Ao produzir esta pesquisa, fui lidando com os seguintes questionamentos: O que é realmente conhecer um lugar? Quando e como podemos dizer que conhecemos uma cidade, um país, um estado? Quantos lugares de um mesmo lugar precisamos conhecer para poder dizer que dele conhecemos algo?

A partir desses questionamentos, pensei na estruturação deste capítulo, que apresento a seguir. No intuito de caracterizar o meu local de pesquisa, vou explanar, em referência à forma como o conheci, como gostaria que as pessoas o

conhecessem e como ele passou a ser não só meu local de pesquisa, mas também, meu lugar de pesquisa.

Nesse sentido, faço uma reflexão sobre conhecer, local de pesquisa e lugar de pesquisa, a partir do texto de Yázigi (2001) e da forma como esse local se apresentou para mim. Optei por, num primeiro momento, mostrar o local, segundo uma perspectiva sistemática mais fria. Num segundo momento, faço uma apresentação mais subjetiva e afetiva do lugar, detalhando aspectos físicos de suas particularidades, como forma de explicitar também o meu lugar de pesquisa.

A primeira vez que ouvi falar de Laguna foi através de matérias em revistas de surfe. Nessas publicações, o local aparecia como um dos melhores ‘picos’ para a prática do surfe em ondas do Brasil, tornando-se, em minha imaginação, um paraíso do surfe em terras sul-americanas.

A segunda vez que Laguna surgiu, agora como potencial local de pesquisa, foi já durante o mestrado, quando decidia qual seria o território escolhido para a aplicação das teorias estudadas. A conversa com um dos meus professores, ex-morador de Laguna, fez retornar, na minha memória, o imaginário de Laguna, expresso nas revistas, que já havia perdido. Este professor, que por algum tempo viria a ser meu orientador, me apresentou Laguna como seu lugar, detalhando como o conhecia e relatando sua afetividade. Nessas conversas, ele me contou um pouco mais sobre a constituição geográfica do local e falou a respeito de seus familiares, que ainda estavam lá, como sua mãe, irmãs e sobrinhos, sendo um desses sobrinhos, um importante surfista local. A partir daí, fui atrás de dados relevantes para caracterizar o local que escolhia para constituir a minha pesquisa.

Os dados que vou apresentar agora são, nesse primeiro momento, alguns aspectos concretos, como forma de apresentar a constituição física do local. A seguir, conto a minha experiência empírica, onde pretendo demonstrar o momento em que tive contato pessoal com o local e como passei a ter afetividade com ele. Nesse sentido, passei a me referir a ele como “meu lugar de pesquisa”.

2.1. APROXIMAÇÕES COM O LOCAL DE PESQUISA

Partindo de uma perspectiva macro para a abordagem do micro ambiente, vou apresentar dados do Estado de Santa Catarina, do município de Laguna, chegando até o bairro do farol de Santa Marta, onde ficam localizadas espacialmente as praias.

Santa Catarina, segundo o site da Secretaria de Turismo do Estado, tem cadastrado para o Ministério do Turismo dez divisões em regiões para o turismo. São elas: Caminhos da Fronteira, Caminho dos Cânions, Caminho dos Príncipes; Costa Verde & Mar; Grande Florianópolis; Grande Oeste; Encantos do Sul; Serra Catarinense; Vale do Contestado e Vale Europeu (SANTUR, 2014). Todas essas regiões, em suas descrições e municípios que as compõem, em sua maioria, têm um grande número de atrativos naturais, sendo esses, em alguns casos, praias locais com práticas e praticantes de surfe.

A partir de dados da demanda turística estadual, o estado de Santa Catarina demonstra afinidade com o Turismo de Sol e Praia, e também com o turismo voltado para contemplação de áreas naturais. Tem significativa arrecadação a partir do turismo, uma prática que demonstra ser de extrema relevância para o estado. Há números expressivos de ocupação hoteleira e arrecadação, em virtude da visitação de turistas nacionais e internacionais – em sua maioria, da região sul do Brasil.

Segundo dados da pesquisa de demanda turística em janeiro de 2013 (SANTUR, 2014), o Estado de Santa Catarina recebeu 2.071.520 turistas, entre nacionais e internacionais, sendo 1.926.761 nacionais. Estes deixaram mais de um bilhão de reais (o dado preciso é R\$ 1.443.355.231,73), nesse mesmo período, sendo, em sua maioria, da região sul do país - quase 42% do Rio Grande do Sul e Paraná, e cerca de 40% do próprio estado de Santa Catarina. Houve gastos médios diários de cerca de 94 reais e uma permanência de oito dias, em meios de hospedagem, sendo que, nesse período, foi registrada uma ocupação hoteleira no estado de cerca de 60%. Entre os pesquisados, a maioria (40%) declarou que a motivação para a viagem está relacionada aos atrativos naturais.

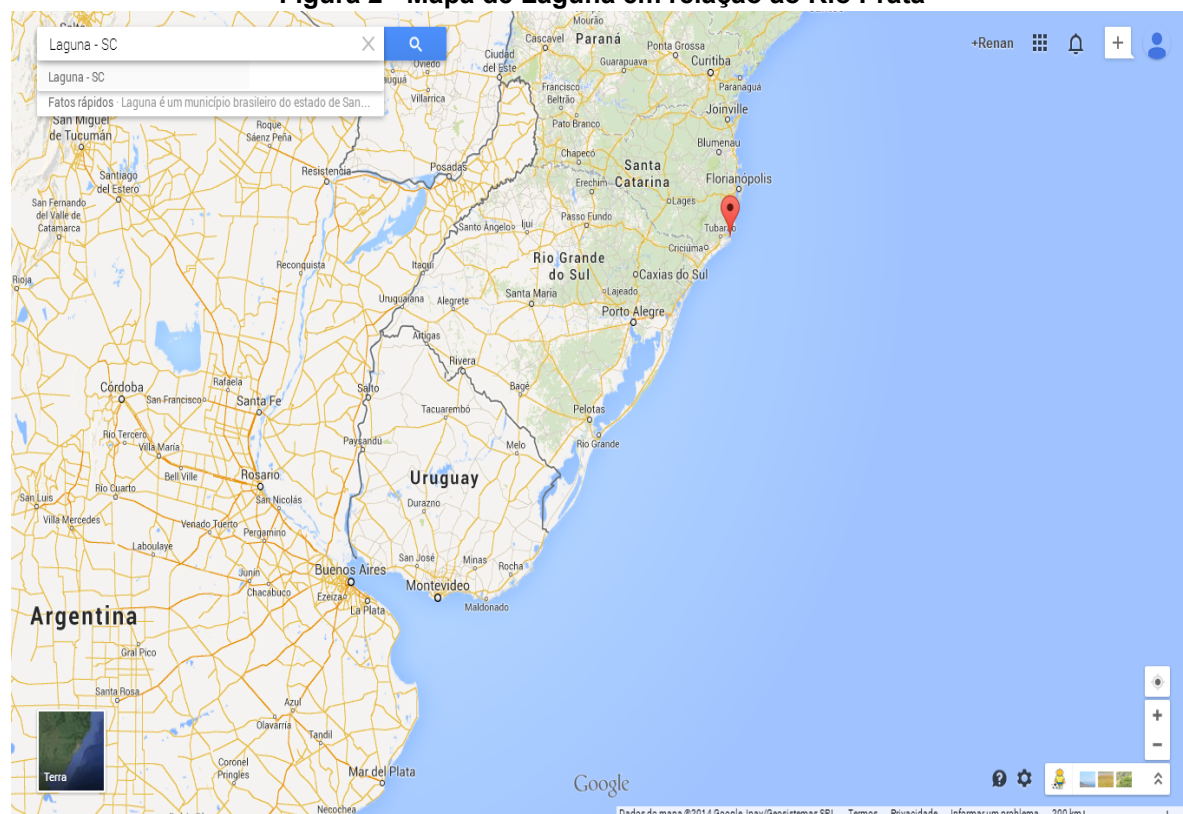
O município de Laguna está localizado em uma das regiões turísticas listadas pelo Ministério do Turismo, no estado de Santa Catarina, mais especificamente a Região Encantos do Sul. Tem uma população total de 42 mil 138 habitantes (LAGUNA, 2014).

Laguna tem uma temperatura média anual de 19,7° C, sendo a máxima absoluta em torno de 36,3° C e mínima de 16,5° C, entretanto no inverno, a mínima registrada é de 5,2°C. A vegetação é diversificada, típica de Mata Atlântica, e também apresenta áreas de restinga e mangue. Em termos econômicos, predomina a pesca, agropecuária, comércio e serviços (LAGUNA, 2014).

Tem sua constituição iniciada por índios, segundo levantamento arqueológico do IPHAN, o que foi possível concluir a partir da reserva de sambaquis, constituição tipicamente indígena, encontrada, catalogada e tombada como patrimônio pelo órgão (IPHAN, 2015).

A história do povoamento dessa localidade ocorreu a partir do Tratado de Tordesilhas (1494). Portugueses visando à proteção e à expansão de seu território instalaram, na localidade, um povoamento com objetivo de prover mantimentos e armamentos por barco, para a fortificação das fronteiras locais. Como pode ser visto no mapa a seguir, eles se estabeleceram nesse litoral, por sua hidrografia. Segundo o IPHAN (2015) e o site do Município de Laguna (2014), sua boa balneabilidade e geografia, próxima ao Rio da Prata, estruturaram a localidade como um ponto para a recepção de navios vindos da Europa. Posteriormente, com os bandeirantes, o município serviu também como rota comercial do tropeirismo. (IPHAN, 2015) (LAGUNA 2014).

Figura 2 - Mapa de Laguna em relação ao Rio Prata



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Laguna+-+SC>.

Economicamente, o povoamento teve bases de constituição portuária, e em 1847, sendo nesse mesmo tempo promovido à cidade. Apesar dessa origem, quando houve investimento para que o local fosse conhecido nacionalmente como área de economia portuária, o município viveu uma decadência econômica e a condição de economia portuária não prevaleceu. Segundo o site do Município (LAGUNA, 2014), algumas características hidrográficas historicamente também facilitaram a escolha da localidade para povoamento pela coroa portuguesa, pela balneabilidade única no sul do país e a possibilidade de escoamento náutico de suprimento partindo do município.

Na Década de 1970 teve no turismo e agropecuária uma nova ascensão. Isso foi possível, a partir principalmente de seus atrativos naturais. Entre esses, suas praias, em especial a praia do Mar Grosso (IPHAN, 2015) e (LAGUNA, 2014).

As características culturais do município de laguna têm suas bases também na sua estreita ligação com o mar e com o ambiente natural. A gastronomia e o artesanato típicos do local demonstram isso pelas suas características constitutivas,

segundo Dall Agnol (2009). A autora descreve o artesanato típico do local, como uma renda de produção caseira artesanal, feita pelas mulheres de pescadores para a produção de redes de pesca e também de utensílios domésticos.

Dall Agnol (2009) descreve os frutos do mar como fundamento da gastronomia local e, segundo a página on-line do IPHAN (2015), também a fécula de mandioca e a farinha de mandioca. Ainda, segundo o site do município de Laguna (2014), lista como pratos típicos “o caldo de peixe acompanhado de pirão, a maionese de camarão, camarão à parmegiana, camarão ensopado e outros pratos que conquistam pelo sabor e aroma. O visitante pode encontrar o peixe assado na brasa, risotos de camarão e siri e principalmente o camarão local”.

Os dados da demanda turística do município de Laguna, segundo o site da Secretaria de Turismo do Estado (SANTUR, 2014), demonstram uma afinidade entre a demanda do estado e a do município especificamente, com números bem parecidos.

Segundo o estudo, em janeiro de 2013, o município de Laguna recebeu 50 mil 669 turistas, entre nacionais e internacionais, sendo 50 mil 35 nacionais. Esses turistas deixaram 32 milhões, 137 mil 176 reais, nesse mesmo período. Foram, em sua maioria, da região sul do país, quase 30% do Rio Grande do Sul e Paraná, e 63,84% do estado de Santa Catarina mesmo, em contraponto ao estado, que teve cerca de 40% dos dois estados e 40% de Santa Catarina mesmo.

Houve gastos médios diários de 82,80 reais, sendo que, no estado, esses gastos correspondem a cerca de 94 reais. Em relação à permanência, foi registrada a média de oito dias, em meios de hospedagem. Nesse mesmo período, a ocupação hoteleira no município foi de cerca de 69%, sendo que, no estado, a permanência média é de nove dias em meios de hospedagem, e a ocupação, de apenas 60% (SANTUR, 2014).

Os atrativos naturais tiveram a preferência de 58,26% dos pesquisados, como motivação declarada para a viagem. Trata-se de preferência semelhante à registrada no estado, que teve um pouco menos 44,77% (SANTUR, 2014).

O comércio e os serviços oferecidos no município de Laguna garantem o desenvolvimento do turismo. Assim, com base no turismo veranista de ambientes

naturais e na maior procura pelos visitantes, verifica-se uma potencialidade ainda maior, pelas praias que ainda não foram alvo de um planejamento específico para a atividade. É o caso das Praias do Farol.

Sendo assim, pode entender que a atividade turística, nas praias analisadas, se inicia a partir do interesse pelos ambientes naturais, em especial os das praias locais. Conforme o site do município de Laguna (LAGUNA, 2014), são mais de vinte praias, e todas com uma relação com a atividade do surfe extremamente importante; entretanto, muitas dessas praias ficam afastadas do centro econômico do município.

De certa forma, pelo acesso mais distante, nem sempre registram o mesmo desenvolvimento. A Figura 3 demonstra o espaçamento existente nessas praias e dá ideia da distância do Farol de Santa Marta, em relação ao centro do Município de Laguna:

Figura 3 - Mapa das Praias de Laguna



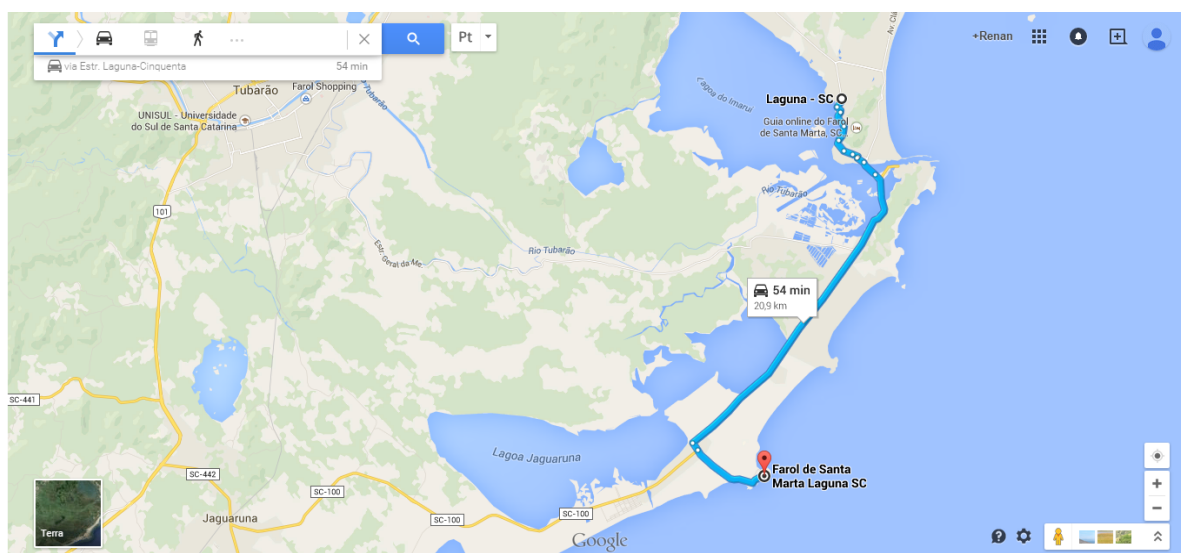
Fonte: <http://mapasblog.blogspot.com.br/2011/02/mapas-do-farol-de-santa-marta-sc.html>.

O local de escolha é o bairro do Farol de Santa Marta, mais especificamente três praias, aqui denominadas conforme a fala dos moradores. No próprio bairro,

eles denominam essas praias como sendo a extensão do quintal de suas casas. São elas: Prainha, Praia do Cardoso e Praia da Cigana.

O Farol de Santa Marta é um bairro mais afastado, que não vem tendo o reconhecimento do município quanto ao seu potencial turístico. A Praia do Cardoso, uma das três praias do bairro, por exemplo, não é citada pelo site do município, apesar de todo o reconhecimento para o surfe nacional. O bairro fica localizado a mais ou menos 25 quilômetros do centro econômico do município, como demonstrado na figura a seguir.

Figura 4 – Praias do Farol de Santa Marta em Relação ao Centro do Município de Laguna



Fonte: <<https://www.google.com.br/maps>>

Segundo Arantes e Santos (2010), a constituição do Bairro Farol de Santa Marta também tem seu povoamento a partir da pesca e da ligação cultural com o mar. Os autores afirmam que os primeiros moradores, após o faroleiro, foram os pescadores artesanais. Mesmo com a temporalidade e as dificuldades econômicas, essa atividade se mantém até a atualidade. Já as práticas turísticas, de trocas de serviços, são mais recentes e assumem características diferenciadas de acordo com o momento do ano, que envolvem aspectos sazonais, tanto da pesca quanto do turismo.

A foto a seguir dá um panorama sobre o ambiente da praia, visto do ponto de

vista dos pescadores, ou seja, a partir da área em que eles ficam em relação aos turistas. Essa perspectiva se assemelha em muito ao olhar considerado nesta pesquisa a partir da comunidade. Este é o viés que interessa.

Figura 5 - Praia do Cardoso do Galpão dos Pescadores



Fonte: Autoria própria.

O turismo, de uma forma geral, é bem incipiente nas Praias, de modo que, por sua distância do centro econômico do município, esse território tem seu desenvolvimento para o turismo por conta própria, fato que pode ser considerado um descaso com o potencial turístico da localidade em relação a outros pontos do município.

Conforme já salientado, um fato representativo é a não consideração, pelo site de Laguna, do Cardoso como praia do município, passando direto da Prainha para a Cigana, na lista de referência das praias no site.

Apesar de não ter o reconhecimento para o turismo local, no entanto, a Praia

do Cardoso para o surfe nacional recebeu, no ano de 2012 (Alma Surf 2014), o Prêmio Greenish de maior onda surfada no Brasil, que todo ano premia a maior onda surfada e o melhor tubo. O surfista local, responsável pelo feito, é um dos entrevistados neste trabalho, que me cedeu a imagem desta onda, apresentada a seguir.

Figura 6 - Onda premiada pelo prêmio Greenish 2012, maior onda surfada



Fonte: Rafael Faisca, 2012.

Estas mesmas praias também são usadas pela primeira equipe de Town In, do Brasil, que é uma modalidade de surfe de ondas gigantes, a Atow Inj. A associação de Town In da Laje do Jaguá usa as Praias do Farol como local de treinamento em ondas normais, e, para ondas grandes, quando possível, a Praia do Cardoso em determinados períodos do ano, por suas correntes oceânicas e suas formações de fundo do mar (ATOW INJ, 2014).

O surfe aparece como uma das práticas esportivas realizadas pelos turistas de Santa Catarina. Conforme os dados de demanda turística estadual e o

apresentado a partir de um panorama do significado dessas praias para o Surfe Nacional, é possível afirmar que o surfe tem sido uma prática, tanto de turismo, como prática esportiva.

2.2. APROXIMAÇÕES COM O LUGAR DE PESQUISA

A metodologia escolhida para este trabalho, conforme já salientado, tem orientação antropológica, o que implica na observação participante como técnica de pesquisa. Nesse sentido, é de extrema importância o que afirma Malinowsky (1978, p.21): “[...] o pesquisador deve, antes de mais nada, procurar afastar-se da companhia de outros homens brancos, mantendo-se assim em contato o mais íntimo possível com os nativos”.

O conjunto de aspectos que se entrelaçam no objeto de estudo me levou à escolha por uma prática com a qual tenho forte vínculo. Tive como fatores motivacionais dessa escolha os princípios dos critérios de Malinowsky. Decorreu daí o meu olhar para as potencialidades das práticas turísticas desse local, segundo o olhar da sua comunidade, em função da minha vinculação em relação ao surfe e ao ambiente em que ele é praticado, considerando também a relevância do local para a prática desse esporte e para o turismo, e o fato de conhecer algumas pessoas do local.

Segundo Yázigi (2001, p.24),

Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos de ‘desalmado’. Não creio que possa ser entendida por processos lógicos. Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar. A alma orbita além da ciência, e tem de ser entendida num plano mais elevado que o formato acadêmico.

Partindo dessa reflexão, justifico a escrita deste segundo momento. Em princípio, quero dar o meu entendimento e de que forma este foi aplicado a minha experiência. De certa forma, o que eu apresentei até agora neste texto pode ser considerado um corpo, um corpo sem alma. No momento em que entrei em contato com esse corpo, quando contrapus a minha cultura e os meus fazeres com os da localidade, através da minha experiência de campo, houve uma transformação, passou a ter alma. Acredito que essa personalidade do lugar seja o que eu entendo

como a alma do mesmo e, a partir desse entendimento, posso dizer que este não é só um local, mas também, o lugar da minha pesquisa.

Com o entendimento de que os fazeres desse local são a alma do meu agora lugar de pesquisa, parti para buscar a compreensão dos sujeitos atores desses fazeres e optei por olhar, a partir desses, o turismo na localidade. Desse modo, ouvi da própria alma do lugar, o que ela é para o turismo. Assim, o que eu vejo de turismo nessa alma não só o que aparece no corpo dos dados.

Na busca por esse entendimento, além do técnico, quis entender um pouco mais dessa paixão de que o autor fala no trecho citado, acreditando que esteja impregnada de uma subjetividade, que pode ser a sustentação para as atividades, que, mesmo sem planejamento, se mantêm no local - por exemplo: a prática de surfe, a troca de serviços, o lazer do sol e da praia, entre outros.

Essa subjetividade, ainda segundo Yázigi (2001, p.19), enfrenta o desafio de ultrapassar o “[...] difícil dilema de escolher entre cair na mesmice da globalização ou de buscar um caminho condizente com o diálogo, com raízes territoriais e culturais”. E complementando o que Yázigi diz, Krippendorf (2000) defende em *A Sociologia do Turismo*, que a comunidade tem e deve ter o direito de decidir os caminhos do desenvolvimento do turismo. Sendo assim, o difícil dilema de Yázigi, de certa forma, se mostra com possibilidades de respostas a partir da comunidade, sendo essa resposta, ouvir da comunidade, da alma do lugar, suas escolhas e a forma como essa alma se enxerga, pois, o “Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar” (YÁZIGI, 2001 p.45).

Dessa forma, numa tentativa de apresentar a alma, o lugar e não só sua estrutura física, seu corpo, quero transcrever um pouco das minhas experiências e de como esse local passou a se transformar em um lugar. Igualmente, chama a atenção e procuro demonstrar aqui o quanto esse lugar nos apaixona pelo tanto que a comunidade demonstra ser apaixonada por ele.

Meu primeiro contato, descrito em trechos tirados do meu diário de campo, é a epígrafe deste trabalho:

“Visite-me: a incerteza do fazer do pesquisador, ser colocado, em um ambiente adverso, culturalmente diferente do seu e completamente imerso

em outra sociedade. É desesperador! Me vejo sentado, olhando para o mar, a praia mais linda que já tinha visto, possibilidades inúmeras, entretanto, o medo era tão grande... chorar diante da minha primeira visita, e, ao me “revisitar”, perceber que essa desconstrução é então a porta de entrada da minha visita, e a reconstrução a chegada do meu primeiro visitante.”

Antes de tudo, destaco o entendimento pessoal de que sempre me senti como um visitante daquilo que me desperta curiosidade. Durante toda a minha trajetória acadêmica, eu sou e sempre fui um visitante e um visitado, um visitante em relação ao que me provoca inquietações e um visitado daquilo que me acolhe nesse processo.

Esse é um dos motivos de me considerar visitante daquilo que quero conhecer, visitado por aquilo que aprendo e “revisitado” pelas reflexões acerca de tudo aquilo que acredito, principalmente por a primeira dessas crenças ser a de que aquilo que acredito é uma perspectiva, um ponto de vista, e, como tal, mutável e moldável em situações. A primeira vez que fui visitado, já no mestrado, o primeiro contato foi também uma descoberta.

Quando decidi pesquisar as relações entre o planejamento da atividade turística, de forma duradoura, e o vínculo da comunidade local com os visitantes, não havia ainda entendido de que forma faria tais inferências. Após ler Sociologia do Turismo, de Krippendorf (2000), obtive o entendimento de que esses vínculos podem trazer inúmeros malefícios à comunidade, quando ocorrem numa lógica apenas econômica. Havendo uma interação respeitosa, há possibilidade de uma atividade com benefícios múltiplos. Para o autor, entretanto,

[...] essa tomada de Consciência está longe de se traduzir, em todos os lugares, pelos fatos. Apesar de todas as advertências, a transformação irresponsável da natureza nas zonas turísticas e dos autóctones em servidores do turismo continua alegremente em outras regiões dentro do cenário bem conhecido que, infelizmente, não foi rejeitado pelo mercado até o momento (KRIPPENDORF, 2000, p.100)

Ao pensar em disciplinas relativas à experiência turística, na cultura contemporânea, e nas relações entre turistas e culturas locais, as ideias ficaram

mais claras. Imediatamente fui consumido por um desejo, aflição, animação e curiosidade em me tornar visitante daquilo que me trazia esses sentimentos.

O Turismo sempre se mostrou para mim um 'caos', que se manifesta no estabelecer relações e que se descompõe após esses vínculos. Essa desconstrução que me constrói é a curiosidade desestabilizante pelo outro inerente ao turismo, que aqui é posta:

[...] o ser humano viaja pelo mundo antes mesmo de ter plena consciência de ser 'humano' ou de viver em um planeta perdido na vastidão incognoscível de um universo estranho e aterrador. Com o despertar de sua consciência, surgiu também a capacidade de admirar este mundo e temê-lo. (TRIGO, 2013, p. 19-20)

Para o mesmo autor, “[...] o medo é a parte da aventura, da descoberta. Desde os primórdios da história, o mistério foi parte inseparável da busca do conhecimento.” (TRIGO, 2013, p.20). Essa incerteza e curiosidade desestabilizantes há muito motivam esse tipo de visita.

A mesma instabilidade que me faz visitar enquanto turista e ser visitado pela pesquisa enquanto visitante da mesma move também meu estilo de vida. É o que pode ser percebido pelo fato de que sempre fui instigado pela adrenalina; pela beleza e sensação dos esportes que me tiravam do eixo, tiravam meu chão; pela plástica das formas de tudo aquilo que representava a condição de não saber 'que fim terá', ou seja, o rumo dos acontecimentos; pela necessidade de superar a mim mesmo, na percepção de que a competição é só comigo. A partir disso que sempre me visitou, despertei o desejo de querer saber sobre, de levar para a vida os pressupostos da experiência da incerteza. Por esse motivo, comecei a andar de skate, a surfar e também escolhi, no turismo, pesquisar locais e lugares que representassem tais desestabilidades.

O homem contemporâneo busca, no turismo, a possibilidade de uma mudança na rotina, mas, uma mudança que tenha níveis de segurança, que não seja tão perigosa como antes, quando os processos de descoberta inerentes às mudanças geravam riscos à vida dos que se aventuravam.

O meu primeiro momento de visita ao que seria meu objeto de pesquisa, foi através da proposta de um professor. Ele me deu referência de um local e uma

pessoa no Farol, isso não só me fez ter esse professor como referência do local, mas foi também a minha primeira interpretação sobre o Farol de Santa Marta.

Após toda essa preparação, retorno ao momento de visitação. A epígrafe deste ensaio é também o momento mais representativo de desestabilidade e reconstrução, visita e visitação. Trata-se não da minha primeira ida ou da minha chegada a Laguna, ou mesmo ao Farol, e sim da minha primeira visita real como pesquisador, do momento em que a desestabilidade era inquietante e angustiante.

O caso aconteceu em uma primeira tentativa, no meu primeiro dia, quando não encontrei nada nem ninguém do que esperava, em um momento em que não sabia, nem tinha como saber para onde ir. Essa experiência é descrita por James Clifford (2002), através da Antropologia, onde, para o autor, o pesquisador não é e nem deve ser comunidade local, tão pouco é ou deve ser somente um visitante. Essa incerteza cria, e eu percebi na pele, um sentimento de aculturação. Foi efetivamente o que senti e que descrevo como solidão.

Esse sofrimento, nesta situação específica, é emblemático. Ao longo desse meu primeiro contato, percebi que o estar pesquisador é recheado desse sentimento, que é sofrido, mas, ao mesmo tempo, ajuda na interação e no envolvimento. Estar lá para pesquisar é lembrar que é necessário voltar para essa pesquisa, ir a campo, em um processo recheado de incertezas. Pode-se não ter o que se espera e se frustrar, ou ter muito além de tudo aquilo que se quer, e se esquecer do objetivo da “visita”. O sentimento de solidão ajuda nisso, e foi o que me formou e transformou, já no início da minha pesquisa.

A experiência como um todo foi de descoberta, desde o princípio. Esse primeiro contato representou e representava um conhecer para poder; entretanto, o que encontrei foi muito além do esperado, e eu esperava encontrar o inesperado. Desestabilizar e desconstruir para então reconstruir em minha primeira visita, me surpreender ao já ser visitado. E, vale lembrar, a intensidade disso foi enorme.

Essa incerteza e o meu primeiro dia me levaram aos dias seguintes com mais cautela. Era inerente à lógica processual que, a qualquer situação, a pesquisa podia simplesmente não rolar, como o mar... Ao mesmo tempo em que posso encontrá-lo, num dia, com altas ondas, posso imediatamente, no dia seguinte, deparar-me com

um mar '*flat*' (mar sem onda) lindo, mas sem o mínimo de possibilidade para o surfe. E de fato, esse flat aconteceu, nas Praias do Farol. "O Cardoso", a Cigana e a Prainha, como chamam os surfistas locais, representavam para mim praias muito além daquilo que eu podia esperar. Eram lindas e diferentes de tudo aquilo que eu normalmente encontrava em outras visitas a outros locais.

Esse encantamento somou-se ao fato de meus contatos serem feitos nas Praias do Farol. Desse modo, foram ali as minhas primeiras conversas com comunidade local.

As minhas primeiras relações e impressões são também impressões e representações para aqueles que eu pesquiso. Deixo claro aqui que esse estudo é uma interpretação minha do que vivi, entendendo a experiência como Geertz (1989), um texto passível de interpretação, mas como tal, eu não o interpreto sozinho.

Certamente é difícil dizer muita coisa a respeito da 'experiência'. Assim como 'intuição', ela é algo que alguém tem ou não tem, e sua inovação frequentemente cheira a mistificação [...]. As Experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos [...] (CLIFFORD, 2002, p.35-41)

O meu interesse era entender a logística social do ambiente turístico local, suas interações, tipologias e de que forma era o contato da comunidade com os turistas, se isso agradava, gerava alguma degradação ou problema. E é claro o entender de que forma o surfe se instalava nessa comunidade, que tem, em seus primórdios de concepção, a pesca como forma de subsistência.

Assim o meu primeiro contato foi a procura do seu Adilson, pescador e dono de restaurante, que fica de frente para o mar do Cardoso. Ele transformou seu barracão em restaurante para a família, em uma época que o turismo estava em alta e a pesca em baixa.

Ao chegar ao local, percebi imediatamente uma logística diferenciada na colocação dos restaurantes. Na praia, havia uma parte onde os turistas ficavam tomando banho de mar, uma parte menor onde ficavam os restaurantes e, mais no cantinho ainda, um espaço onde ficavam os pescadores. Quando cheguei, seu

Adilson não estava. Então, pude conversar então com seus dois filhos Rafael² e Adilton³. A preocupação, na fala dos dois, era justamente com o fazer do pescador que estava se perdendo.

No momento, Adilton disse: “viu, vai até lá pra você conhecer, tá dando peixe”. Quando voltei, perguntei para entender, o que era para eles ser pescador, e me surpreendi, ao perceber que, mesmo com o aumento na quantidade de peixe, eles se sentiam perdendo aquilo que os identificava. A pesca, na fala deles, está se perdendo. Eles me disseram que os filhos já não estão querendo mais, e alguns até têm vergonha de ser pescador. Isso, ao mesmo tempo que eles, com muito orgulho, dizem: “sou pescador”.

De fato, o relato deles é marcado pela preocupação com o segmento da cultura, do ser pescador, da pesca artesanal e do passar de pai para filho. Eles afirmavam: “tem aqueles que dá pra pesca e tem os que não dá”. Explicam que isso já se percebe “desde pequeno”. O contato com o turismo e o desenvolvimento de acordo com os fazeres do turismo, no entanto, fez muitos não quererem mais dar segmento à atividade pesqueira e passarem, a de certo modo, não auxiliar mais os pais na sua profissão.

Percebi que não se tratava de não querer que seus filhos fizessem outra coisa, além da pesca, mas, sim, de querer que eles soubessem o que era aquilo e de onde tinham vindo. Questionei sobre o surfe e a logística das práticas dos moradores locais, e me surpreendi com a insatisfação na influência que o surfe tinha nos locais. Eles me disseram que, quando os surfistas começaram a chegar, muitos se encantaram. Viam na televisão e, ao invés de ajudar o pai na pesca, estavam lá “com uma prancha embaixo braço”. Pela forma como falavam, pude perceber que a preocupação não era por não poder surfar, e sim, pela perda de identidade.

A meu ver, a partir desses primeiros relatos, pude perceber que, ao passo que se ganha com a interação, também se perde, o visitar a comunidade é interessante para o turista e para a comunidade, mas o veraneio vem trazendo consigo não só

² Os nomes são um detalhe a ser observado com cuidado, neste trabalho. No caso, há três pesquisado com o nome de Rafael. Rafael ‘pescador’ Rafael Córdova que será chamado de Córdova, e Rafael Faísca, que trataremos aqui como Faísca

³ Além disso, cabe resalvas aos nomes de Seu Adilton, patriarca da família de pescadores entrevistada e Adilson, um de seus filhos.

um desenvolvimento econômico, mas também, uma perda socioambiental para alguns na sociedade. E, por mais que beneficie, de certo modo, a comunidade já pede alguma forma de proteção nas referências e nos patrimônios de sua cultura.

Entendo esse tipo de necessidade como relevante para o planejamento de um espaço turístico, com tamanho potencial. A forma de desenvolvimento das atividades turísticas no local gera um contato extremamente próximo com o ambiente e com a comunidade. Já no galpão do seu Adilson, pude perceber tamanha importância. Isso ficou evidente, pelo fato de muitos dos turistas, durante nossa conversa, demonstrarem conhecer a história do Restaurante Barracão.

Visando ter o melhor entendimento da ligação do surfe nessa comunidade, outro sujeito da minha pesquisa também tem o nome de Rafael, sendo apelidado como Faísca, denominação que será utilizada a partir deste momento neste texto. Surfista local, ele representa o meu primeiro contato com os surfistas locais e foi porta de entrada para os meus contatos seguintes com outros.

Em minha primeira conversa na sua casa, mesmo com pouco tempo, já me chamou a atenção a referência as Praias do Farol, como sendo “Hawaii brasileiro”. Rafael Faísca ganhou, no ano de 2012, no Cardoso, um prêmio de maior onda surfada. Conhecê-lo foi uma grande oportunidade, e me trazia extrema confiança nas informações sobre as praias.

Quando então tive oportunidade de ter uma conversa mais aprofundada com ele, no posto de bombeiros, onde ele trabalha, falamos um pouco mais sobre surfe. Ele me contou sobre a ligação da comunidade do Farol, o surfe e o turismo, e me disse o tipo de relação que esses estabeleciam.

Nessa conversa, queria saber, para ele um surfista local, o que representava o surfe. Ele me disse que, antes de saber andar, a mãe dizia que ele já tentava nadar. Estava na areia desde sempre, pegando sol e na expectativa e tentativa de poder surfar. Aprendeu a andar na praia. Segundo ele, o surfe representa tudo e muito em sua vida, seu emprego atual e seu empreendimento, sua identidade.

Então me interessei em saber como era o contato dele e dos surfistas com os turistas e o que a comunidade pensava disso. O entendimento que ele me trouxe nesse momento é também o que posteriormente será o ponto das conversas. Ele

me disse que o turismo começou em uma época de escassez de peixes. Os surfistas vinham pegar onda e acabavam consumindo. O acesso era ruim, por isso vinha pouca gente, mas, segundo ele, “o boca a boca fez aumentar a quantidade, inclusive de moradores”.

Ele tem o entendimento de que hoje a comunidade depende desses turistas e da relação com a pesca. Por tanto, dentro do mar, não há grandes problemas. A logística de ordem nas ondas é sempre respeitada, e o morador local sabe da importância desse turista, sendo assim, uma relação harmoniosa. Esse foi exatamente o grande ponto, em nossa conversa. Ele destacou, no entanto, a existência de conflitos e brigas, no mar, com aqueles que tinham uma casa de verão na praia. Segundo ele, “eles vêm das cidades das redondezas e se acham locais [...] como não dependem da renda daqui, não respeitam os turistas nas ondas”. Faísca contou que houve momentos em que aconteceram brigas com esses veranistas e os locais, por conta desse desrespeito. Percebi, assim, que as segundas residências são de grande relevância, para o desenvolvimento das atividades do turismo.

Encerrando nossa conversa, como visitante e turista, quis entender melhor a forma e as ondas na praia do Cardoso. Ele me disse ser de correntes oceânicas; por isso, o tamanho das ondas. Perguntei sobre as séries e, olhando para o mar, ele me disse para olhar ,que dava para ver. Estava vindo uma série limpa, em intervalos de 30 segundos. “É como normalmente são, a não ser as ondas gigantes”. Finalizando com esse trecho de nossa conversa, percebi que, como as séries do Cardoso, acabei construindo essa pesquisa.

3. TRAMA⁴ DE OLHARES

Este capítulo é uma descrição da atividade turística nas Praias do Farol, segundo os múltiplos 'olhares' envolvidos na pesquisa. Olhares esses sobre a prática turística, as formas com que ela se apresenta, e sobre como esses olhares se apresentam para mim. Nesse sentido, apresento uma possibilidade de olhar para o 'meu lugar' de uma forma diferente, o que pode ser esclarecedor quanto à forma como esse se apresenta para mim, mas também sinalizador para aspectos gerais dos olhares.

Sendo assim, como linhas iniciais e gerais, o capítulo vai se dividir em três momentos: os olhares a partir da compreensão do turismo como cultura, considerações sobre o que chamei 'Sinalizadores teórico-metodológicos' e, finalmente, o olhar sobre o que fazer e como fazer. Defino aqui o porquê da importância do olhar da comunidade local para o desenvolvimento da atividade turística, ou melhor, o porquê do entendimento e da descrição da subjetividade dessa localidade, como algo que tem importância no potencial desenvolvimento do turismo local.

Transversalmente, as considerações apresentadas neste capítulo direcionam-se para o reconhecimento de uma trama de olhares para essa atividade, compreendendo o aspecto cultural do turismo local, segundo orientação da Antropologia no estudo do Turismo.

3.1. OLHAR SOBRE O TURISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS CULTURAIS

Neste segundo momento, apresento uma perspectiva desse olhar para o lugar que me visita ao passo que o visito, ou seja, se no primeiro momento apresentei o lugar, nesse momento, quero apresentar a minha perspectiva sobre

⁴ A expressão, aqui, está sendo utilizada no sentido das teorias apresentadas por Baptista (2014), para se referir à complexidade de atravessamentos no fenômeno estudado e também à multiplicidade de sujeitos envolvidos.

esse lugar, aquilo que captei e o que me permitiram captar do que não está posto. Para isso, utilizo as teorias, que são as lentes escolhidas pelas quais construí esse olhar. Assim, há o entendimento de que este é o meu olhar sobre essa situação, a minha interpretação, que se produz a partir dessas múltiplas lentes.

Segundo Gândara, Hack Neto e Manosso (2014, p.3-4), o Turismo não deve ser entendido apenas a partir de um olhar “[...] mas sim por um somatório de saberes necessários para o entendimento desta área de estudo.” Para Beni (2001), o conceito de turismo é transdisciplinar e multidisciplinar, e o entendimento do mesmo varia de acordo com a empregabilidade dos conceitos no contexto do estudo.

Por isso, o conceito de Turismo que mais se aproxima do entendimento pretendido, neste trabalho, corresponde a uma tentativa de exemplificação do Turismo com uma possível prática cultural da comunidade:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sócio cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/ subjetividade [...]. (MOESCH, 2002, p.9)

Segundo a OMT - Organização Mundial do Turismo (2014), o Turismo apresenta altos índices de crescimento econômico e melhorias das condições sociais mundiais, tendo como marco estudos da organização, principalmente voltados para a economia.

Quero deixar expresso aqui, entretanto, a forma como o meu olhar se dirige para a atividade e quais teorias o direcionaram nessa direção. Como deixo explícito no trecho anterior, o crescimento econômico que o turismo traz é indiscutível, mas essa perspectiva não leva em consideração todas as vertentes e as possibilidades que o turismo tem. Em certo modo, esse crescimento pode também representar um crescimento social e uma preservação do ambiente natural; contudo, alguns estudos, não deixam claros os impactos que a atividade acarreta, principalmente na escala socioambiental.

O entendimento de turismo que apresento aqui tem como princípio não o seu entendimento econômico e, sim, suas possibilidades como gerador de fluxos, e como consequência desses fluxos, oportunidade de desenvolvimento para as comunidades onde este se instala. Partindo das possibilidades ligadas aos segmentos de Turismo de Sol e Praia, desenvolvi a pesquisa de acordo com a situação apresentada nas Praias do Farol.

Esse entendimento, para mim como turista e pesquisador, deixa claro que o que pretendo dissertar aqui é sobre minha experiência vivida durante o mestrado em Turismo e Hospitalidade da UCS, principalmente a partir da instabilidade que essa experiência me proporcionou. Uma desterritorialização desejante (BAPTISTA, 2013), entretanto caótica, segundo o entendimento de caos como potência do devir, do que deve vir a ser.

Essa desterritorialização, como turista e pesquisador, foi o motor do desejo da minha viagem ao conhecimento de uma realidade cultural diferente. Posteriormente, com a tentativa de entendimento dessa realidade a partir do residente, houve também, uma mudança do meu território, lugar em que me sinto seguro em minha estrutura de poder, para outro, onde então estou desterritorializado.

Esse ideal de desterritorialização, para além do sentido geográfico, é apresentado e um sentido subjetivo de saída da sua zona de conforto, propiciando viagens não só no contexto visível e, sim, no subjetivo. A sugestão é aqui entendida tanto no turismo como na pesquisa, entendo que pesquisar e aprender também são viagens e isso possibilita um entendimento do Turismo diferenciado. Este entendimento é corroborado por Batista que apresenta sobre a desterritorialização o seguinte trecho:

Entende-se que não há como acionar saídas dos territórios, se não houver o reconhecimento do 'si mesmo' e a percepção clara da potência agenciadora de reinvenção de si, de autopoiese. Para 'seguir viagem', o turista tem que acreditar na potência de a viagem produzir prazer, processo entendido aqui como retorno do 'investimento desejante' produzido, através da obtenção de valores emocionais, racionais e materiais agregados, que compensem o 'movimento'. O caráter de inscrição, a lógica inscricional, relaciona-se à compreensão de que as narrativas trazem 'inscrições que acionam e recriam' os lugares e sujeitos do Turismo e da Comunicação. (BAPTISTA 2013, p.2-3)

Esse é o fator motivador do turismo para a forma como o entendo, o turismo tendo como motivação essa desterritorialização, que uma experiência caótica fora do seu território pode trazer. E mais, em uma experiência de curiosidade, de conhecer aquilo que o diferencia de outros sujeitos e de outras culturas.

Certo, mas que motivos uma pessoa teria para vivenciar uma experiência que, em princípio, a desafia e a coloca em risco? A proposta é que entendamos essas motivações. A partir de nosso passado, de fato, o risco era parte inerente do nosso dia a dia. Desde o princípio da ocupação do espaço pelo homem, tem-se notícia de que as margens aquáticas foram buscadas, tanto para sobrevivência quanto para a prosperidade, tendo “[...] estado a serviço dos homens para facilitar os contatos, a água teve todo o tempo um papel considerável no desenvolvimento da civilização” (CARNAC, 1989, p.16). Ao longo dos tempos, o que se viu foi um processo de colonização, baseado principalmente na navegação e na descoberta de novos territórios, através da água.

Grande parte dos combates e disputas de território aconteceram e contaram muito com a tecnologia, essa fruto do conhecimento a partir de curiosidade pelo novo. Avaliando um pouco mais a origem e a evolução dessa tecnologia, percebe-se que, para nossos antepassados, essas tecnologias eram necessárias para ultrapassar barreiras, tanto que qualquer tentativa mal sucedida de navegação, por exemplo, representaria, no mínimo, o risco de morte (LICHT, 1986). Analisando um pouco mais esses obstáculos, é possível perceber o porquê de várias fronteiras territoriais delimitadas por essas barreiras geográficas, como rios, lagos e o próprio mar.

Mais tarde, essas mesmas barreiras passaram a ser utilizadas para o lazer, com o desenvolvimento da prática de diversos esportes e, posteriormente, do próprio Turismo Esportivo. Algumas dessas modalidades foram criadas com intuito de transpor essas barreiras e outros simplesmente pelo lazer. Oliveira (2005, p. 203-204) diz que “[...] em sua jornada para controlar o mundo, historicamente o homem moderno se esforçou para reduzir ao máximo, o número de variáveis sobre as quais não tem controle. Avanço e dominação caminham de mãos dadas”.

Além disso, o desejo de constantemente enfrentar uma maior dificuldade, de controle e superação pessoal de nossas próprias barreiras e o de conhecer novos

lugares para essas práticas esportivas, levam a um fluxo de viajantes com essa motivação. Trata-se de uma espécie de matriz de interesse, que, desde então, vem se inserindo no contexto do turismo em diversos segmentos.

O homem está desde cedo tentando transpor barreiras, vencer desafios e conhecer novos lugares. Este fato sempre o ligou e o liga diretamente ao turismo.

[...] o ser humano viaja pelo mundo, antes mesmo de ter plena consciência de ser 'humano', ou de viver em um planeta perdido na vastidão incognoscível de um universo estranho e aterrador. Com o despertar de sua consciência, surgiu também a capacidade de admirar este mundo e temê-lo. (TRIGO, 2013, p.19).

Para o mesmo autor, “[...] o medo é a parte da aventura, da descoberta. A adrenalina e o imaginário alimentam os indivíduos. Desde os primórdios da história, o mistério foi parte inseparável da busca do conhecimento.” (TRIGO, 2013, p. 20). Essa incerteza, ou curiosidade desterritorializante, há muito motiva o conhecimento.

Um dos princípios do turismo é promover experiências através da viagem. No turismo, como o entendemos aqui, uma das ideias centrais é ter uma experiência nova para a superação e realização pessoal. De fato:

A aventura, que era parte inerente do estar vivo do passado, aparentemente está distante do dia a dia do homem contemporâneo, agora é algo a ser buscado como uma experiência, uma vivência. (OLIVEIRA, 2002, p. 202).

Isso mostra uma possibilidade de motivação da grande procura atual pelo turismo, no intuito de se ter uma experiência inovadora e diferente. O homem contemporâneo busca, no turismo, a possibilidade de uma mudança na rotina, mas, uma mudança que tenha níveis de segurança, que não seja tão perigosa como antes, no período em que os processos de descoberta inerentes às mudanças geravam riscos à vida dos que se aventuravam.

A busca crescente pelo lazer, o contato com culturas diferentes, a procura por aventura, o encontro com um ambiente mais natural ou distanciado do urbano são fatores que estão entre as demandas mais relevantes para a criação de novos segmentos do turismo.

Já na contemporaneidade, segundo Oliveira (2002), o homem se propõe a vivência de ousar sair da rotina, da não repetição de monotonia do cotidiano, produzindo sim aventura, mas atualmente com riscos muito mais controlados.

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do 'presente', para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo 'pós': pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...(BHABHA, 1998, p.19).

Sobre esse contexto de 'pós', na contemporaneidade, se apresentam novas tendências para o turismo. Para essas novas perspectivas da prática e desenvolvimento da atividade turística, se apresentam novas possibilidades e necessidades em seu planejamento, e também na forma como se pesquisa a atividade.

O 'além' não é um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste fim de fin de siècle, encontramos-nos no momento de trânsito em que o espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passadas e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso por que há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no 'além': um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem--- aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá. Para frente e para trás. (BHABHA, 1998, p.19).

Um e outro, a dualidade do que me visita e do que eu visito, o Turismo sempre me desestabilizou, me desconstrói para depois me construir. Foi o que emergiu, há também semelhança, principalmente no que diz respeito à desestabilidade do caos de cada uma de minhas vivências. Essa desconstrução é que me constrói e me instiga, a curiosidade desestabilizante pelo outro inerente ao Turismo.

Quando se está ligado a um risco, a vida produz uma sensação de desestabilidade. Na busca da tentativa de uma referência para o retorno ao eixo, após a visita ao caos, busca-se essa referência, um suporte. Para aqueles que vivenciam ou são pertencentes daquele caos, a compreensão e o entendimento, dão a proporção de que se está sendo visitado. Assim notei, que ao buscar algo que me desperta adrenalina, ou seja, me tira a segurança, busco também o conhecimento a

partir do sujeito do lugar, o respeito ao ambiente que cria essa instabilidade e o dispor de recursos econômicos para minimizar o risco.

O turismo se efetiva no interesse pelos fazeres do outro, aquilo que o turista não têm no seu cotidiano, que o desestabiliza e ou desterritorializa, ou seja, é esse diferente que estabelece uma divisa. A fronteira que se apresenta nessa situação é a resposta da pergunta de limite de Hannerz (2010, p.15), onde diz: “Entendo por limite uma linha clara de demarcação, em relação à qual uma coisa ou está dentro ou está fora. Mas de quê, exatamente?”. Para mim, esse limite está dentro da sua cultura e de seus próprios fazeres, sendo fora do limite, aquilo que está fora do cotidiano.

Essa é concepção de limites, trazida pelo autor:

À medida que o conceito de cultura vem se popularizando em círculos cada vez mais amplos, ressurgem uma forte tendência para focalizar a atenção na cultura unicamente como um marcador de grupos. Na “política de identidade”, nos debates sobre o multiculturalismo, em muitos contextos de “estudos culturais”, o termo tem se tornado basicamente um fundamento para a formação e a mobilização de grupos, geralmente implicando pertencimentos atribuídos. Ou, por outro lado, se transforma num instrumento de exclusão social por parte das maiorias dominantes. (HANNERZ, 2010, p.16).

Essa generalização, contudo, nem sempre é verdadeira, o ganho com a saliência de marcas culturais nas relações estabelecidas com o turismo podem ser muito grandes, principalmente se levadas em consideração às marcas que querem e podem ser mostradas segundo as perspectivas daqueles que as tem, a comunidade.

No turismo, essas manifestações de logísticas culturais vêm sendo discutidas, segundo Silva, Camargo e Bueno (2014, p.84)

[...]surge uma discussão no âmbito de um mundo globalizado, que, por sua vez, caracteriza a cultura a partir de sua diversidade. Esse processo de natureza histórico-cultural torna as fronteiras tradicionais porosas, gerando novas práticas e relações entre as comunidades. Nesse contexto a cultura passa a ser um dos principais instrumentos de definição, particularização e mobilização das comunidades.

No caso do Farol, ao longo do período pesquisado, pude perceber que a comunidade considera e salienta como suas marcas culturais, a gastronomia na praia, ao lado dos pescadores e os restaurantes em barracões de pesca. Essas marcas são subjetivações que podem trazer benefícios. Além disso, demonstra-se a

marca cultural do cuidado com a praia e com os turistas, se levarmos em consideração o envolvimento da comunidade local nas rotinas da praia, seja como bombeiros, com alugueis de prancha para turistas ou nos serviços de alimentação.

Porém, não estamos diante apenas de uma economia de signos nesse caso, mas também — se é que os dois termos podem ser separados — de uma intensa política de signos, de uma política da cultura. Nosso interesse na cultura, porém, não precisa ficar restrito às distribuições de significados e formas significativas emblemáticas que implicam nítidas distinções entre grupos. Neste ponto se coloca a questão de saber em que outros termos seria possível pensar a respeito dos limites da cultura. (HANNERZ, 2010 p.17).

É claro que um ganho econômico é do interesse dessas comunidades, mas a escolha e as motivações sobre de que forma esse ganho será obtido deve partir da comunidade e dos seus interesses. Decorre dessa percepção o entendimento dos desdobramentos e aproximações das fronteiras culturais no objeto de pesquisa, para que, então, esses interesses façam parte das possibilidades da atividade turística no lugar.

3.2. SINALIZADORES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Pretendo, a partir deste ponto, no texto, sinalizar os caminhos metodológicos pensados no desenvolvimento da pesquisa de campo, justificando as linhas das escolhas feitas, tanto com os personagens quanto nas perguntas das entrevistas.

Aqui é apresentada a compreensão com a qual foi trabalhado o turismo e também as questões e concepções que foram levadas a campo, a respeito da relação entre visitantes e visitados, considerada a partir da comunidade local. Sendo assim, o que é exposto aqui representa sinalizadores do que foi trabalhado em campo. São pistas do caminho da pesquisa.

Apesar dos avanços visíveis nos últimos anos, ainda hoje, existe uma dificuldade nas pesquisas em turismo, relacionada principalmente à complexidade do desenvolvimento do fenômeno, bem como por problemas na definição de metodologias de pesquisa que contemplem tais variáveis. Nas Ciências Sociais, segundo Ferreira (2014, p. 363), há uma crítica em relação aos estudos turísticos,

passando a área a ser mais bem entendida à medida que essa se autodenominava como campo multidisciplinar:

A crítica central feita à atividade turística a partir do olhar das ciências sociais foi, desde o momento que esta passou a ser um objeto de interesse deste campo de estudos, o foco economicista e prioritariamente mercadológico que imperava não só na produção científica sobre o tema, como também na maioria dos projetos elaborados para as áreas que se pretendiam turísticas. Por outro lado, foi se tornando evidente a assimetria de poderes nas relações entre aqueles que empreendiam muitos dos projetos turísticos e as populações das áreas onde estes eram implantados, frequentemente deixadas de fora destes empreendimentos.

A opção pela Antropologia como orientação teórico-metodológica vai ao encontro dessas percepções e da aproximação com o entendimento da atividade a partir das Ciências Sociais. Além disso, a estratégia metodológica, com o viés da Antropologia, se aproxima do meu jeito e da forma como produzo as interações com a realidade. Trata-se de um modo de ‘entrar em contato’.

Outro aspecto a ser considerado como sinalizador é o fato de que o turismo é uma atividade que possui, em sua dinâmica, a mudança e a saída do cotidiano. Sendo assim, a diferenciação proveniente de sua complexidade se estabelece justamente nas relações dos contatos dos seus fazeres, ou sua cultura com os fazeres e a cultura daquele que está no outro lado da fronteira. Nesse sentido, podemos entender que o Turismo se desenvolve na complexidade das relações estabelecidas, o que pode vir a interferir nas investigações a seu respeito. Em uma comunidade onde o Turismo é um fazer do cotidiano, para mim, a atividade se apresenta como a representação desses fazeres, ou seja, cultura.

Dessa forma, entendo a aplicabilidade dos fazeres, ou o estudo do Turismo com possibilidades de entendimento e interpretação como cultura. Isso se verifica, já que:

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado. (GEERTZ, 1989, p.15).

A Antropologia, segundo Geertz (1989), trata do estudo do outro; congruentemente, Turismo tem o conhecimento e a vontade pelo diferente como

base para o interesse e a motivação de viagens. Peirano, no texto A favor da etnografia, diz sobre a Antropologia:

Notoriamente preocupada com a peculiaridade do objeto de pesquisa, a antropologia talvez seja, entre as ciências sociais, paradoxalmente, a mais artesanal e a mais ambiciosa: ao submeter conceitos preestabelecidos à experiência de contextos diferentes e particulares, ela procura dissecar e examinar, para então analisar, a adequação de tais conceitos. (PEIRANO, 1995, p.17).

Segundo Burns e Holden (1995, apud BURNS, 2002, p.92),

A antropologia e o turismo (como um campo de conhecimento) apresentam uma sinergia óbvia. Ambos tentam identificar e entender a cultura e a dinâmica humana. Uma vez que o turismo é um conjunto global de atividades que cruza muitas culturas, precisamos de um conhecimento mais profundo sobre consequências da interação entre sociedade que geram e recebem turista.

Esse trecho do trabalho de Burns (2002) demonstra a estruturação do pensamento, a partir do entendimento do desenvolvimento do turismo. Esse pensamento está posto através das relações estabelecidas com a prática da atividade. Acreditando nas suas especificidades culturais, pode-se entender o turismo como prática cultural.

A partir do reconhecimento do Turismo como fazer cultural, temos a possibilidade de estudá-lo com orientação antropológica, que Geertz (1989) diz ser a interpretação das culturas, possibilitando um entendimento da lógica social do outro. Acredito que esse entendimento da logística social nas relações estabelecidas com o Turismo pode permitir, também, a percepção de indicativos dos caminhos que a atividade vai seguir nas Praias do Farol segundo seus desdobramentos.

Entende-se, portanto, que Turismo e Antropologia são áreas interligadas, já que os antropólogos se debruçam sobre relações e fazeres culturais. Em alguns casos, é nessas relações que a atividade turística se desenvolve.

Ainda para Geertz (1989), todo fazer é um texto passível de interpretação, e o papel do pesquisador é, assim, obter as interpretações desse texto para, então, fazer as suas, ou seja, ter o entendimento de uma cultura turística é, segundo suas concepções, fazer suas próprias inferências e interpretações.

Com base nesses pressupostos de interesse pelo outro, tem se debruçado o meu trabalho e foram construídas as definições relativas à forma como o desenvolvi a partir daí. Na associação da Antropologia com as teorias de subjetividade que sustentam este estudo, o outro é aquele que me desestabiliza, me desterritorializa, em um caos que se organiza a partir da curiosidade que me desperta interesse, me afetiva. Esse mesmo outro me recompõe, sendo o híbrido da minha curiosidade e também da dele comigo. Assim, a partir de nossas curiosidades, aciona a reconstrução das nossas próprias concepções.

Para Krippendorf (2000), a Sociologia aplicada ao Turismo deve se preocupar com os impactos que o fenômeno provoca na sociedade, ambiente e cultura em que está inserido. Segundo Barretto (2003), um dos efeitos positivos com o turismo é a valorização desses fazeres proporcionando uma afirmação da própria comunidade. O fato é que, com isso,

“[...] o aumento do número de pessoas interessadas em suas práticas de vida, manifestações culturais, saberes e fazeres, o residente passa a resgatar os conhecimentos antepassados, ou ainda pode haver o envolvimento das organizações públicas e privadas em preservar, restaurar e conservar edificações construídas” (ANDRUKIU; BRAMBATTI; ZARDO, 2014 p.6).

Dessa forma, acredito que a proposta de metodologia de pesquisa aqui trabalhada pode dar a sustentação à afirmação de que a atividade se desenvolve a partir de uma relação harmônica entre sociedade, ambiente natural e o turismo. Essa relação harmônica se estabelece nas práticas que envolvem a condição de estar junto e interagir com o ambiente que se visita. Há, nesse sentido, possibilidade de não só o desenvolvimento econômico, mas também socioambiental da atividade. Segundo Moesch (2002), essas interações podem gerar uma nova ética, com base em uma sensibilidade de todos da localidade turística.

Cada vez mais, quando a atividade se desenvolve dessa forma, se torna mais efetiva e tem a tendência a se sustentar por maior período. Para isso, o visitante interage com a comunidade e tem a chance de, por meio dessa interação, adquirir esse entendimento, partilhado no contato com o ambiente e, principalmente, a comunidade visitada.

Através dessa percepção de consciência, de produção de saberes locais, temos uma importante perspectiva a levar em consideração com esse estudo, onde

se buscou olhar para aquele que gera essa conscientização, acreditando que esse também tenha possibilidades de refletir sobre sua própria consciência, a respeito do seu ambiente e a atividade turística. Esse sinalizador está na base da decisão de considerar os sujeitos da comunidade coautores

O que estou tentando dizer é que, como define Geertz (1989), interpretar culturas e seus fazeres é a melhor forma de compreender tais fazeres, e é esse um dos objetivos desse estudo. Logo, a partir da interpretação dessa 'cultura turística' das Praias do Farol, acredito haver uma possibilidade de compreensão das mesmas, de tal forma a pensar aspectos que possam contribuir para a potencialização do turismo.

Acredito que o turismo precise levar em consideração a concepção daqueles que o desenvolvem em primeira mão, aqueles que efetivamente são os visitados. Há, no entanto, uma dualidade que envolve esta pesquisa sobre visitantes e visitados. Essa dualidade tem que ser compreendida a partir dos visitados, a comunidade, mas não desconsiderar a concepção daqueles que a visitam. No caso desta pesquisa, no viés metodológico, há o envolvimento dos sujeitos da comunidade das Praias do Farol, como visitados, assim como eu mesmo, visitante-pesquisador.

Nem tudo em um lugar pode ser entendido, as aparências são continuamente enganosas e nem sempre traduzem as essências. O turista vai ao encontro do real, embora ele mesmo acabe decompondo a paisagem e reconstruindo a partir da sua própria cultura. (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 45).

É sobre essa decomposição que eu escrevo, a mesma que me visita no Turismo e me traz as possibilidades e curiosidades desestabilizantes que ele me proporciona. Segundo aquilo que acredito, o mar leva, entretanto sempre traz de volta, num movimento cíclico alheio a nossa vontade. Essa volta pode não ser no tempo ou na forma desejada, mas há retorno daquilo que ele draga.

No Turismo enxergo um pouco desse ciclo, ele leva e também traz de volta a partir daquilo que foi levado. Se o entregamos um olhar sobre o Turismo socioambientalmente considerado, temos como retorno uma comunidade satisfeita

com o desenvolvimento da atividade e seus ganhos em valorização econômica e preservação deste ambiente.

Desta forma, acreditamos que o turismo não pode depender apenas de alguma pressuposta 'vocação natural', entendida/construída pela iniciativa privada ou publica, como sendo a única última salvação do lugar. [...] a cultura de um grupo social,   na verdade, uma de suas maiores riquezas, associada à busca de respostas dadas às provocações do meio, não numa leitura determinista, mas sim interacionista. Ela é uma das responsáveis pela diferenç  que cria e identifica um lugar. (CASTROGIOVANNI, 2003, p.45).

Sendo essa identidade aquilo que a diferencia de outras culturas, é nessa concepção de cultura e fazer, que segundo Geertz (1989), esse estudo buscou o entendimento da subjetividade encontrada no lugar. Esse entendimento   necessário, se quisermos que haja o desenvolvimento das relações interacionistas estabelecidas com o turismo e seus contatos entre visitantes e visitados.

Esse texto se modifica em estilo e entendimento ao longo do amadurecimento do entendimento da Ciência. Como foi descrito aqui, sua forma de pensar muda também sua forma de escrever, mesmo não invalidando as formas anteriores.

Para Clifford (2002, p. 35), "[...] ainda são apresentadas no modo experiencial, de métodos específicos, 'o eu estava lá' do etnógrafo como membro integrante e participante". Esse eu estava lá, que Clifford defende, é o mesmo que Castrogiovanni defende como se reescrever a partir de um híbrido de sua própria cultura em contato com outra.

Desse modo, percebe-se que esse entendimento deve também levar em conta que o que se demonstra com a pesquisa, não   possível apenas porque existe a figura do pesquisador, mas também porque ele estava l . A ida a campo, portanto, é fundamental. O discurso aqui iniciado parte do princípio de que algo pode ser dito porque o pesquisador entrou em contato direto com o acontecimento e, principalmente, algo aconteceu porque ele esteve presente, desmistificando e dando caráter de causa e efeito ao papel da experiência do mesmo.

Certamente   difícil dizer muita coisa a respeito da 'experiência'. Assim como 'intuição', ela é algo que alguém tem ou não tem, e sua inovação frequentemente cheira a mistificação [...]. As Experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos [...] (CLIFFORD, 2002, p.35-41).

Ainda segundo Geertz (1989, p.20), o que o pesquisador enfrenta:

[...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

Pensando dessa forma interpretativa, temos o entendimento de que cada caso é um caso e, em estudos de uma sociedade, deve-se evitar ao máximo as generalizações propostas. Geertz, em seu ensaio teórico, “A interpretação das culturas”, refere-se ao fazer nativo como um texto etnográfico e, sendo assim, passível de interpretação, como todo texto.

A análise é, portanto, escolher entre as estruturas de significação o que Ryle chamou de códigos estabelecidos, uma expressão um tanto mistificadora, pois ela faz com que o empreendimento soe muito parecido com a tarefa de um decifrador de códigos, quando na verdade ela é muito mais parecida com a do crítico literário. (GEERTZ, 1989, p.19).

E é como narrativa que se inscreve aqui o dissertar deste pesquisador. Eu me inscrevo e reescrevo aqui, a partir dessa experiência, que me desestabilizou em contato com um mundo de conhecimentos novos, científicos e empíricos, na minha pesquisa. A partir disso, espero poder proporcionar uma inscrição, que segundo Baptista (2013), é a reconstrução a partir do investimento no novo.

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. (CLIFFORD, 2002, p. 43).

[...] assim, por exemplo, o etnógrafo das ilhas Trobriand não elabora abertamente uma versão da realidade em colaboração com seus informantes, mas sim interpreta o ‘ponto de vista trobriandês’. (CLIFFORD, 2002, p.45).

Sendo assim, o autor confere ao sujeito pesquisado o status justo de referência no trabalho, aqui levado como cerne da motivação para o turismo, acreditando que esse seja mais bem explicado a partir do ponto de vista desses sujeitos.

Evidencia-se, portanto, o grau e status de autoridade em coautoria ao pesquisador, em função daquela que seria uma autodescrição por parte dos sujeitos

da pesquisa. Isso ocorre, mesmo que, como dito antes, a experiência seja causa e efeito desta interpretação em um dado momento.

Essa possibilidade sugere uma estratégia textual alternativa, uma utopia de autoria plural que atribui aos colaboradores não apenas status de enunciadores independentes, mas escritores [...]. (CLIFFORD, 2002, p. 55).

Esse pensamento sobre o estudo enquanto experiência de multiplicidades na pesquisa é possível em um pensamento sobre um turismo social ou um estudo sociológico do turismo, considerado, a partir das relações entre visitantes e visitados e suas implicações socioculturais, levando em conta sujeito e sociedade num contexto contemporâneo de pensamento sobre o turismo.

Burns (2002) cita os estudos de Durkheim como contribuições para a pesquisa em Turismo. Para Burns (2002, p. 92), a contribuição de Durkheim para o Turismo está em seu reconhecimento “como estudioso que concebeu e elaborou o arcabouço teórico a partir do qual a sociologia foi capaz de operar como ciência. Ele considerou questões sobre o relacionamento entre o indivíduo e a sociedade.” Sendo este sociólogo o primeiro a dar o entendimento de visitante e visitado, trabalhado nessa pesquisa. Essas questões são o enfrentamento do turismo como possibilidade de estudo cultural, primando por uma contribuição para possibilitar a preservação dessas culturas:

[...] O enfrentamento deste desafio coloca, assim, o turismo no meio da questão. O estudioso do turismo pode considerar os centros culturais mais do que um item na descrição da oferta turística e indagar os fundamentos doutrinários de sua ação educativa. Em outras palavras, esta postura implica, sobretudo, na adoção de medidas que favoreçam o reconhecimento da peculiaridade de cada local. (SILVA; CAMARGO; BUENO, 2014, p.84)

Segundo o que diz Burns (2002), a comunidade tem sua contribuição para o entendimento das perspectivas sociais, auxiliando no sentido de evidenciar a necessidade dessas perspectivas para o Turismo. Na mesma perspectiva, estão as concepções de Krippendorf (2000), que mostra a importância de se pensar o social no desenvolvimento do Turismo.

A dimensão social neste trabalho considerou as manifestações culturais, conforme a expressão da própria comunidade. Essas manifestações foram buscadas no lugar de pesquisa, sendo elas os fazeres culturais propícios e intrínsecos na cultura turística que se desenvolve nas Praias do Farol. Esse típico, o diferente que identifica, que desperta curiosidade, é justamente o que leva a uma contribuição social da atividade para a comunidade. Temos, segundo Bhabha Homi K. (1995, p. 23), uma presentificação contemporânea da atividade, onde:

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica, nossa auto presença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias.

Ainda, conforme abordagens relativas ao turismo contemporâneo, existe a necessidade de sinergia e manutenção da identidade, como forma de autoestima da sociedade (CASTROGIOVANNI, 2003).

O turismo nos lugares deve ter a responsabilidade em valorizar tais particularidades, (ser 'parecido com sigo mesmo' e não imitar os outros lugares), capitalizando as, e mostrando às comunidades que o fato do lugar ser próprio/ único é o que o faz existir e, portanto, ser atrativo. (CASTROGIOVANNI, 2003, p.47)

Portanto, fui construindo, com base na Antropologia do Turismo, considerando os pressupostos apresentados até agora, trilhas orientadoras para a experiência em campo. Estiveram em jogo, portanto, pistas dessas trilhas encontradas nos autores de Antropologia do Turismo: Aqui talvez fique melhor explicado. quais as características culturais que podem interessar ao turismo; o que na interação pode gerar benefícios ou malefícios a cultura turística do local, na forma como está hoje; sendo tudo isso entendido a partir da relação entre visitantes e visitados. (BURNS, 2002 e SMITH; BRENT, 2001)

Burns (2002) faz um levantamento das temáticas estudadas e apresentadas pela Antropologia do Turismo. Nessas temáticas, durante esta pesquisa propriamente dita, busquei aproveitar a visão do autor, trazendo a aplicabilidade ao

estudo proposto, através da compreensão de metodologia no meu lugar de pesquisa.

A primeira temática que o autor traz, referente ao Turismo, que tem ligação com a proposta dessa pesquisa, é aquela que tem como questionamento central avaliar o Turismo como uma forma moderna de peregrinação.

Leva em consideração os rituais e os aspectos dessa cultura da viagem em cada caso, sendo relevante para este estudo na medida em que temos, nas Praias do Farol, o entendimento da prática turística, como fazendo parte da cultura local.

[...] se aceitamos um significado um pouco mais amplo para o termo peregrinação, se incluimos a ideia de prestar tributo aos centros culturais, em vez de aos religiosos, então os turistas podem avançar (em um sentido social e intelectual) de seu consumo de lazer para um gama de benefícios similares àqueles obtidos pelos seguidores devotos de uma religião. (BURNS, 2002, p. 119).

Sendo assim, a aproximação com o objeto de pesquisa é clara. De certa forma, é possível que a prática turística nas Praias do Farol tenha características de interesse dos turistas em suas manifestações e fazeres culturais? Tal pergunta pode ser respondida a partir de sua própria comunidade

Outro questionamento que Burns (2002) traz em seu levantamento é o Turismo como mudança social. Essa temática tem como questão, para o autor, se o Turismo prejudicaria a cultura, no sentido dos desdobramentos de aculturação e prejuízos à sociedade local em seus aspectos culturais. Todos esses desdobramentos têm como princípio o contato e as relações estabelecidas entre visitantes e visitados. Segundo Burns (2002, p. 122):

[...] o encontro entre ‘anfitrião’ e ‘convidado’ tem uma importância profunda no estudo do turismo. Temos aí pelo menos dois temas relevantes. Primeiro, uma gama de interações transculturais que adquirem maior importância, para nossos fins, quando há disparidade entre visitante e visitado. Em segundo lugar, há um leque de argumentos envolvendo a noção de “anfitriões” e “convidados”.

Com o estudo, se discutiu as relações culturais pessoais e comerciais estabelecidas durante uma parte do verão de 2014, especificamente vinte dias no mês de janeiro, e no verão de 2015. Isso implica abordar tanto as relações do pesquisador com a localidade, quanto da comunidade com a atividade. Na realidade, trata-se de estabelecer e descrever de que forma ocorrem esses relacionamentos.

Acredita-se, que essa temática, a partir do entendimento do turismo como Cultura, possa responder no campo de que forma as “Oportunidades para interações interculturais podem ser limitadas se a distribuição e planejamento de hotéis e pousadas para turistas ocorrem na forma de enclaves isoladas ou semi-isoladas [...]” (BURNS, 2002 p. 125). Ou seja, de que forma os desdobramentos na forma como é feita as práticas turísticas nas Praias do Farol, podem interferir na cultura turística do local na forma como ela é hoje.

Essas interações podem produzir, segundo Burns (2002), “o efeito de demonstração, a mudança interna ou externa, aculturação e transferência cultural e simbiose cultural e assimilação.” E como foi dito anteriormente, com o entendimento dessas inter-relações para o planejamento do Turismo, tais efeitos podem tender positivamente e não negativamente.

No exterior, foi apresentado por Smith e Brent (2001), na primeira edição de “*Hosts and Guests Revisited*”, um texto que reuniu o que havia de mais importante nos estudos antropológicos do turismo na época. Ele traz em sua introdução, de acordo com as mudanças e demandas do novo século, a definição de como se caracterizam esses estudos. Demonstra as mudanças pelas quais as relações entre visitantes e visitados passaram na atividade do Turismo e essas concepções resumem bem a trajetória do interesse inicial.

Nessa introdução, já temos a noção da concepção antropológica sobre qual é pautado o livro, que em muito se relaciona ao desenvolvimento do trabalho aqui proposto. De acordo com as autoras:

As marcas da antropologia são o seu compromisso com uma visão holística da sociedade humana e sua metodologia de análise de intracultural. Diferentes culturas desenvolvem mecanismos físicos e sociais de sobrevivência, ou custos, que são dependentes de seu habitat, recursos e patrimônio. O minietnografar intuir reflete a filosofia deste livro e os princípios da antropologia do turismo - isso ilustra que o turismo é um universal da cultura, um traço da cultura

encontrada em toda a sociedade, mas muitas vezes de forma diferente (SMITH; BRENT, 2001, p.3).⁵

Como descrito anteriormente, a afirmação de Geertz (1989) da cultura como um fazer passível de interpretação, e corroborada pelas autoras, Smith e Brent. Nesse trecho, elas deixam claro o entendimento do Turismo como um fazer ou uma forma de manifestação cultural. Esse para nós é o ponto de interesse desse estudo, no caso este fazer cultural, como elas definem, é apresentado de diferentes formas, sendo assim, diferente também no contexto do Farol de Santa Marta, Laguna SC.

Posteriormente, as autoras trazem o porquê de no caso do Turismo e Antropologia tentarmos a compressão de visitantes e visitados. Segundo elas, "Esse conhecimento vai fornecer ferramentas para a gestão de turismo, que vai criar emprego para os anfitriões e experiências rentáveis para ambos os visitantes e os visitados" (SMITH; BRENT, 2001, p 3.).

Entretanto, essas experiências tem que ser vistas também em seu lado negativo como possibilidade. Em relação à cultura a pergunta que fica para a autora é "Em que momento é que o patrimônio cultural começa ou termina? [...] a importância econômica do turismo tende a prevalecer sobre todos os outros valores, mas há crescente preocupação válida pelo seu impacto social, cultural e Ambiental." (SMITH; BRENT, 2001, p.7)⁶, sendo assim, é necessária uma abordagem que leve em consideração tais impactos para o planejamento do turismo.

Munido deste entendimento e compreensão, se acredita poder inferir modificações no planejamento e concepção da atividade, principalmente em suas

⁵ Tradução livre do original: "[...] the hallmarks of anthropology are its commitment to a holistic view of human society and its methodology of cross-cultural analysis. Different cultures develop physical and social survival mechanisms, or costs, that are dependent on their habitat, resources and heritage. The intuit miniethnography reflects the philosophy this book and the tenets of anthropology of tourism – its illustrates that tourism is a universal of culture- a culture trait found every society but often in different form”.

⁶ Tradução livre do original: “this knowledge will provide tools for tourism management that will create employment for hosts and enjoyable experiences for both hosts and guests”

práticas, desta forma, a fazer Turismo com maior responsabilidade para com os desejos da comunidade.

Neste caso, o entendimento da relação do turista desta localidade com seu ambiente de prática, pode esclarecer de que forma este está interagindo com o ambiente e a comunidade, assim, se pode então manifestar quanto ao interesse de uso ou não, dessas práticas.

As questões sobre o interesse da comunidade e do turista na comunidade, e ainda o entendimento dos desdobramentos possíveis para o desenvolvimento do turismo na localidade são as questões norteadoras que foram levadas para o campo, sendo essas, respondidas pela comunidade em relação ao contato entre visitantes e visitados. Se acredita, que a partir das concepções teóricas sobre o turismo manifestação cultural, a importância da comunidade no desenvolvimento dessa atividade, as implicações e interesses que os turistas podem ter no conhecer essa cultura e também os desdobramentos positivos e negativos que a comunidade considera possíveis pra a atividade nas Praias do Farol, foram ótimas linhas de pensamento teórico levadas em consideração no desenvolvimento da pesquisa empírica enquanto experiência.

Portanto a partir deste momento, com o entendimento sobre a orientação que teorias em sua aplicabilidade podem dar no estudo do Turismo, passamos a um aspecto mais prático da metodologia escolhida, pelas motivações abordadas anteriormente.

3.3. O QUE FAZER E COMO FAZER

Os fazeres desta pesquisa orientam-se segundo Malinowsky (1978), mas são apresentados numa escrita contemporânea, conforme Geertz (1989) e Clifford (2002), abordando temas do Turismo e da Hospitalidade. Este estudo foi construído, mais precisamente, na composição entre o olhar de um visitante sobre o entendimento do turismo local, por parte dos visitados, ou seja, da comunidade do Farol de Santa Marta SC.

Para tanto, é interessante a perspectiva de Mariza Peirano (1995), que lista os pensamentos teórico-metodológicos como foram utilizados nessa pesquisa:

[...] (a) a pesquisa de campo e a tradição teórica da antropologia se relacionam no dia-a-dia dos especialistas; (b) a pesquisa de campo concebida como o encontro com o 'outro' é constitutiva do conhecimento disciplinar; (c) a teoria antropológica desenvolve-se vinculada ao conhecimento etnográfico; e (d) teoria e história da antropologia são inseparáveis, talvez se possa detectar alguns pontos de estrangulamento nos quais a má-feitura e a má-leitura afetem negativamente a própria antropologia e as disciplinas afins. (PEIRANO, 1995, p. 27).

E, em se tratando de uma pesquisa com orientação teórico metodológica na Antropologia, me voltei às teorias da mesma, na tentativa de produzir uma pesquisa que não gere nem 'má feitura' e principalmente 'má-leitura' desta que é, segundo a perspectiva de Smith e Brent (2001), um minietnografar no Turismo.

Ainda segundo Peirano (1995), os modismos e a tentativa de moldes e manuais para o fazer etnográfico, têm gerado as dificuldades na produção de etnografias de cunho científico realmente valorizado academicamente. Sendo assim, não são moldes que se pretende seguir aqui, e sim, a teorização metodológica antes descrita e discutida, sobre a qual se debruçou e segundo a qual vamos olhar e trabalhar a temática abordada.

Sobre o entendimento da prática, aqui se procurou trabalhar segundo Eckert e Rocha (2008). As autoras defendem, em seu artigo, Etnografia Saberes e Práticas, fundamentalmente, como se procede normalmente uma etnografia, ainda que, como dito anteriormente, com o que se pretende neste estudo, não se acredita na possibilidade e adequação a se apegar a um único modelo. De qualquer forma, o conhecimento produzido e contatado pelos autores é sempre um norteador para o entendimento do estudo e para a prática da pesquisa que vai se construir no campo. Essa forma de fazer seria, segundo as crenças desse trabalho, a forma como se deve iniciar o desenvolvimento de uma pesquisa, norteando-a pelas técnicas antropológicas descritas.

A partir do entendimento teórico antes abordado, há condições de produzir um pensamento mais abrangente. O que se encontra no campo necessita de um desprendimento do pesquisador, para que este lide com o encontrado segundo o

encontrado, ou seja, sem moldes, trabalhando conforme o que se encontra durante o estudo.

Para as autoras, a etnografia é o trabalho do conhecer. Segundo sua descrição, “A pesquisa de campo etnográfica consiste em estudarmos o Outro, como uma Alteridade, mas justamente para conhecer o Outro” (ECKERT, ROCHA, 2008, p.3). E mais: “Esta descoberta sobre o Outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o (a) pesquisador (a) e os sujeitos pesquisados”. Esses trechos corroboram a inexatidão e a incerteza sobre as quais deve se trabalhar o campo. No estudo do outro só se pode ter esse entendimento a partir do que se encontra no outro ou na prática.

[...] os fundamentos da prática etnográfica, portanto, apontam, assim, para o papel que assume o pesquisador da área das ciências sociais na sua investigação da vida social no coração dela, [...] o papel do etnógrafo diante da coisa e das pessoas por ele pesquisadas, seu grau de implicações com elas, sua forma de participar no transcurso processos da vida social se modifica e transforma no tempo, configura-se na própria delimitação do trabalho de campo segundo a situação que nela ocupa o pesquisador em relação ao fenômeno pesquisado. (ECKERT, ROCHA, 2008, p.19).

Além disso, as autoras deixam claro que o pesquisador tem o papel de interpretar, segundo suas concepções, de dentro do contexto social do outro; porém, numa tentativa de minimizar suas interferências, tanto dele sobre o contexto quanto do contexto sobre ele mesmo, é necessário uma vigilância sobre sua epistemologia, entretanto, segundo as concepções de Clifford (2002), inevitavelmente, tal vigilância não anula a interferência do pesquisador.

Aqui trago uma concepção sobre o método, para estas autoras, as técnicas de pesquisa antropológica, recorrem “[...] primordialmente a técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas, informais e formais e entrevistas não diretivas” (ECKERT, ROCHA, 2008, p. 1).

Basicamente os procedimentos de pesquisa foram a ida a campo por dois períodos, no mês de janeiro de 2014 e janeiro de 2015, nestes períodos foi feito, observação direta e participante, passando um período interagindo com o fazer

turístico. E mais, se estabeleceu relações com a comunidade local e os turistas, deixando claro o meu papel como pesquisador e as intenções da pesquisa.

A preocupação desmedida do (a) pesquisador (a) com a estrutura de uma entrevista dirigida, quase transformado em questionário, e sua insistência no afastamento do entrevistado de uma reflexividade sobre suas situações de vida ordinária, em antropologia, pode conduzir o etnógrafo muitas vezes ao desencontro etnográfico e, até mesmo, ao desconforto do desinteresse por parte do grupo de investigação. Ao contrário, as relações de reciprocidade, mesmo que oscilantes em dias de pesquisa ditos mais produtivos e outros permeados de dificuldades de toda ordem (o informante que “deu bolo”, a desconfiança de um entrevistado sobre a fidelidade de suas concepções, etc), são construídas em situações de entrevistas livres, abertas, semi-guiadas, repletas de trocas mútuas de conhecimento. (ECKERT, ROCHA, 2008, p. 14)

Além disso, a coleta de dados foi através de entrevistas não diretas, e conversas informais gravadas e transcritas, sobre as quais foram feitas as inferências e as interpretações com bases nas teorias e no Turismo.

Ainda, a pesquisa orientada na Antropologia tem, segundo as autoras, a possibilidade de interpretações e inferências a partir do diário e do caderno de campo. De fato, tais ferramentas técnicas têm papel primordial na descrição que aqui vos apresento.

Após cada mergulho no trabalho de campo, retornando ao seu cotidiano, o pesquisador necessita proceder a escrita de seus diários de campo. Os diários íntimos trazem farta bibliografia sobre os medos, os receios, os preconceitos, as dúvidas e as perturbações que o moveram no interior de uma cultura como forma de compreensão da sociedade por ele investigada. Trata-se de anotações diárias do que se vê e ouve entre as pessoas com que ele compartilha um certo tempo de suas vidas cotidianas (ECKERT, ROCHA, 2008, p.14-15).

Além desses procedimentos, as autoras ainda descrevem a utilização de outras ferramentas do fazer etnográfico, ferramentas estas que aqui também se propõem:

[...] o caderno de notas. É no caderno de notas de campo, onde o(a) antropólogo(a) costuma registrar dados, gráficos, anotações que resultam do convívio participante e da observação atenta do universo social onde está inserido e que pretende investigar; é o espaço onde situa o aspecto pessoal e intransferível de sua experiência direta em campo, os problemas de relações com o grupo pesquisado, as dificuldades de acesso a determinados temas e assuntos nas entrevistas e conversas realizadas, ou ainda, as indicações de formas de superação dos limites e dos conflitos por ele vividos. (ECKERT, ROCHA, 2008, p.15)

Essas técnicas são os procedimentos práticos que constituem esta pesquisa. Por se constituir em uma pesquisa com orientação antropológica, é importante ressaltar que a experiência da pesquisa pode e deve trazer demandas modificadoras dessas técnicas e ou acrescentar novas técnicas as descritas, devendo ser revistas a todo o momento, durante a pesquisa de campo e o processo de interpretação.

4. A EXPERIÊNCIA ENTRE VISITAR E SER VISITADO

O capítulo que se segue apresenta a experiência de pesquisa de campo, ‘o chão de fábrica’⁷. O entendimento da pesquisa proposta, exposto no capítulo anterior, tem como fundamento a compreensão de que a possibilidade dessa experiência, por ser única enquanto experiência, necessita de uma estratégia textual diferenciada para que seja apresentada. Possibilidade alcançada, segundo Clifford (2002, p.55), com “uma utopia de autoria plural que atribui aos colaboradores não apenas status de enunciadores independentes, mas escritores [...]”.

Busquei, ao longo do relato da experiência, demonstrar, em coerência com os objetivos, aquilo que se apresentava do campo, segundo os sujeitos da pesquisa. Para tanto, acredito ser de extrema relevância a apresentação desses ‘coautores’. Os dados aqui apresentados estão baseados no meu diário de campo, em que tenho como anotação como eles se apresentaram para mim:

- A família de pescadores: seu Adilson e seus filhos, Adilton e Rafael.

Seu Adilton é um senhor, pescador antigo na comunidade do Farol de Santa Marta. Viveu ali, saiu e voltou novamente. Viu diversas transformações no Farol, entre elas a escassez de peixe por conta da pesca industrial, e a reconstituição da pesca artesanal com o crescimento do turismo. Viu o princípio das trocas entre culturas, a chegada do surf e do turista e com isso percebeu e pode aproveitar as oportunidades com o turismo.

Juntamente com seus filhos Adilton e Rafael, percebeu a demanda que o turismo trazia por serviços. Por necessidade, em um momento em que a pesca não era suficiente para subsistência, eles criaram um restaurante para atender a uma demanda do turismo.

O mais importante nessa história não é ter sido o primeiro, o que não

⁷ A expressão é utilizada por Maria Luiza Cardinale Baptista, durante os encontros de orientação, para se referir ao momento de imersão do pesquisador à ‘produção’ da investigação, em si. Segundo ela, trata-se de uma metáfora, evidentemente considerando ‘fábrica’ mais no sentido metafórico e abstrato, o que implica, também, nas dimensões abstratas e imprevisíveis desse processo de produção. O viés abordado nas teorias desta pesquisadora é o da Ciência contemporânea, conforme está explicitado em seus textos e referenciais. (BAPTISTA, 2014)

aconteceu, ou algo do gênero. O fato é que o restaurante demonstra uma reorganização cultural sazonal, de acordo com as demandas do turismo e da pesca, e a forte cultura ligada ao mar. Na beira da praia, em seu barracão de pesca, eles criaram um restaurante para o turismo, nas épocas de veraneio, atendendo ao turismo e se mantendo tanto perto do turista quanto perto dos outros pescadores.

Eles foram os primeiros entrevistados da pesquisa e demonstraram grande preocupação, no sentido de que a pesca se mantivesse como atividade cultural, dando cara também ao turismo da localidade. Essa preocupação foi estendida, inclusive, à forma como viam os surfistas e à relação desses com seus filhos e o futuro das trocas entre as culturas do Farol.

- Rafael “Faísca”

Surfista local, ele representa o meu primeiro contato com os surfistas locais e foi porta de entrada para os meus contatos seguintes com outros. Rafael Faísca ganhou, no ano de 2012, no Cardoso, um prêmio de maior onda surfada. Conhecê-lo foi uma grande oportunidade, que me proporcionou extrema confiança nas informações sobre as praias.

Desde muito novo, ele sempre teve contato com o mar e com o surfe. Viu o Turismo crescer nas Praias do Farol e hoje é bombeiro salva-vidas do Farol de Santa Marta e seu posto fica na Praia do Cardoso, de frente para o mar. Ele me contou como ele viu o desenrolar da ‘onda’ que foi o Turismo na relação de trocas entre os pescadores e os surfistas. Faísca hoje é acadêmico do curso de Engenharia da Pesca e têm como panorama os dois lados da moeda.

- Rafael Córdova

Rafael Córdova foi o primeiro a me receber no Farol, dono de uma loja de materiais de construção, na entrada no Farol. Foi pedreiro junto com seu pai, no início do desenvolvimento do lugar, assistindo à diversificação da forma como o lugar foi construído e aponta que o desenvolvimento tem que vir, mas com maior preocupação por parte dos órgãos públicos.

Córdova tem grande relevância como entrevistado. Foi a partir da recepção que ele teve comigo que pude notar o desenvolvimento do sistema de trocas e a

hospitalidade. Sempre descia na parada em frente a sua loja. Então, ele me perguntou o que eu fazia e me deu sugestões de como ficar por ali mais um tempo, me apresentando os que seriam meus anfitriões no Farol, em minha imersão.

- Katy e João

Em busca da vivência de ver isso de perto, busquei as trocas como forma de permanecer imerso nessa cultura, e fui bem recebido na Pousada Baiuka, onde João e Katyuscia (Katy), donos do estabelecimento, me receberam. Em troca de serviço no restaurante e na pousada, me oportunizaram o vivenciar o contato com o turista. Assim, aos poucos, fui percebendo como eles, como comunidade, lidavam com o entendimento sobre o desenvolvimento do Turismo na localidade.

A pousada é fruto do trabalho conjunto entre o casal, sendo adquirida a partir do avô de João e reformulada pelos dois, como restaurante e pousada. Tem vista privilegiada para as Praias do Farol, estas se constituem como palco e, como eles mesmos dizem, “quintal” da casa deles. João é também surfista e Katy tem contato com o surfe, sempre com o companheiro, dando suporte e apoiando.

Na sequência deste texto, apresento o relato do que encontrei em campo, valorizando o olhar deles e os desdobramentos das relações estabelecidas na cultura turística local.

4.1. A EXPERIÊNCIA

A partir dos pressupostos epistemológicos, apresentados até aqui, o que se constituiu foi um pensamento sobre o turismo, dentro de uma sociedade, como uma manifestação cultural, e, portanto, passível de uma interpretação, a partir de uma orientação antropológica como experiência de pesquisa.

Neste trabalho, conforme foi especificado no capítulo anterior, foi priorizada a experiência vivida como processo de aprendizagem. Trata-se, portanto, daquilo que, através da desterritorialização me desconstrói para me reconstruir e, a partir dessa nova construção, poder demonstrar o que me visitou e, como uma onda, me preencheu singularmente, inovadoramente e prazerosamente.

Essa 'visita' é a representação daquilo que o campo e a comunidade me demonstraram, o que vivi e, em vários sentidos, 'surfei' nos momentos em que estive e vivi com aqueles que são personagens e também sujeitos desta dissertação, considerados aqui coautores. Essa é a representação da onda teórica vivida e apreendida no Mestrado em Turismo e Hospitalidade.

Para tanto, o que apresento, nesse momento, são aspectos do modo como foi a pesquisa, na sua dimensão de experiência, como a vivi no campo, em primeiro contato, e o que vivenciei como um lugar de cultura turística. A visão com curiosidade tentando dissecar cada detalhe, no primeiro momento em que eu, como surfista, vi o mar e tentei dele perceber as perspectivas e como poderia surfar suas ondas. Como pesquisador, busquei o entendimento a respeito do modo com que essa cultura se apresentava, segundo os seus sujeitos, a comunidade dali.

A partir daí, seguiu-se minha reterritorialização, uma descrição interpretativa dessa cultura e o que esta representou para mim. Falo do que percebi, a partir da representação da comunidade, que é a proposta desta pesquisa. É o que apresento como resultado desta pesquisa.

Busquei captar a subjetividade do campo e suas representações e manifestações. Vou descrever, a seguir, considerando também alguns autores do Turismo e da Hospitalidade, as nuances apresentadas e não seus aspectos econômicos propriamente, como descreve Luiz Octávio de Lima Camargo, nas pesquisas em Turismo Hospitalidade:

A partir desse ponto de vista, pode-se dizer que há duas posições, dois paradigmas diferentes para se estudar o turismo, o do sistema do negócio e o do sistema da dádiva. Nas pesquisas existentes, as categorias da gestão são privilegiadas, como, aliás, acontece na pesquisa americana. Aqui é o domínio das ciências aplicadas à gestão, a Administração. A tradição dos estudos de turismo bem como do ensino do turismo e da hotelaria, está quase inteiramente assentada no primeiro paradigma. Uma análise, mesmo que rápida, da atual bibliografia e dos currículos acadêmicos não deixa dúvidas. (CAMARGO, 2008, P.7)

Justamente em contraponto a essa percepção, esse trabalho direciona-se para a dimensão da subjetividade e das interações subjetivas e, nesse sentido, vem,

em moldes subjetivos, vincula-se ao segundo paradigma posto pelo autor. A partir dessa compreensão, apresento a sequência de ‘viagem investigativa’⁸.

Como disse anteriormente, o relato, nesta pesquisa, parte de uma ‘onda teórica’ para uma ‘prática’, bem como leva em consideração, a vivência pessoal com o mar, sua cultura, condições para o surfe e aprendizados. Tenho, como ponto de partida, os entendimentos das condições para a minha pesquisa e os aprendizados que tive nas Praias do Farol. Justamente por isso, também apresento ‘o mar’ – seus vínculos e implicações complexas - que encontrei em minha primeira visita.

Parti de Caxias do Sul, na região serrana do Rio Grande do Sul, com informações prévias em relação ao que encontraria lá; porém, efetivamente, eram somente informações ainda vagas, que não podiam me contar a subjetividade da atividade turística que buscava encontrar. Segundo minha leitura de Geertz (1989), entendo o Turismo como cultura e, a partir de sua interpretação e descrição, busco compreender a atividade, segundo a comunidade, considerando a singularidade dos sujeitos e desses fazeres.

Justifico essa busca, por não ser dominante, nas próprias publicações sobre o Turismo, como afirma Luiz Octávio de Lima Camargo (2008). Além disso, percebo que a desterritorialização pode prejudicar a reterritorialização, conforme Baptista (2013), o que é importante para compreender a relação comunidade-turista, que é importante para compreender a relação comunidade-turista, bem como o que resulta dessa relação.

A tentativa de entendimento dessa ‘onda’ ocorreu, pela primeira vez, em janeiro de 2014, com o objetivo de descrição. A opção pelo verão decorreu da compreensão das temporalidades sazonais, vividas pelo Farol de Santa Marta, onde estão localizadas as praias. Segundo Arantes e Santos (2010, p.14):

A temporada traz consigo um rearranjo espacial temporário: seu Adilson aluga sua casa e transforma seu barracão de pesca em restaurante, Campeão muda-se para uma casa menor. É como se um novo espaço começasse a emergir com a chegada do verão: a vila de pescadores transforma-se em espaço “turístico”.

Como pude ver pessoalmente, em minhas incursões de pesquisa, de fato isto

⁸ A expressão esta sendo utilizada conforme Baptista (2013), que considera a escrita científica como ‘narrativa de viagem investigativa’.

acontece. É o que demonstro, na figura a seguir, com a viagem do restaurante barracão:

Figura 7 - Restaurante "Barracão" no rearranjo espacial para o Turismo



Fonte: Autoria própria.

O que foi demonstrado pelos autores me deu fundamentação para poder descrever o entendimento de que ali se desenvolvia uma cultura turística, cultura temporal com base econômica. Obtive, nesse mesmo texto, pistas que me geraram curiosidade e que, quando constatadas em campo, me fizeram crer que, realmente, o Turismo nas Praias do Farol é uma manifestação cultural para a comunidade local, algo que os caracteriza, que altera seu cotidiano e faz dos sujeitos dali também sujeitos do turismo. Assim, o

[...] fluxo de visitantes, aliado a outros vetores de modernização, como os meios de comunicação e a pesca industrial, compõe um quadro de mudanças culturais aceleradas e bastante complexo, com desdobramentos significativos na vida da população nativa, tradicionalmente ligada à pesca artesanal. Neste quadro emergem novas práticas de sociabilidade, confrontam-se e articulam-se diferentes estilos-de-vida e alteram-se os modos de uso social dos diferentes espaços. (ARANTES; SANTOS, 2010, p.7).

O que podemos ver é hospitalidade, considerada a partir das relações estabelecidas e dos fazeres culturais turísticos da localidade. Isso foi a 'onda que o mar me trouxe para surfar'. Segundo Marques e Bastos (2014 p. 11), "A hospitalidade se caracteriza como um modo privilegiado de encontro interpessoal indicado pela atitude de acolhimento em relação ao outro, é a abertura da consciência para fora de si, testemunhada por outra pessoa."

Farol tem uma *vibe*, *wave*, 'onda sentimento' que te faz voltar. Trata-se do sentimento que te acolhe no lugar, e não só na sua população. Para mim, ele se apresentou como um *tubo*, uma onda tubular que me tira do eixo e me assustava no início. Ao sair do *tubo*, porém, considero ter passado por uma das melhores experiências por que já vivi e tive que viver para entender.

Em raciocínio análogo, as práticas sociais das quais os turistas são portadores não poderiam caracterizar uma cultura essencial ao turista. Em primeiro lugar, porque sob as designações genéricas de turismo e turistas, encontram-se uma diversidade heterogênea de práticas sociais e culturais, como atestam as diversas tentativas de elaboração de tipologias (NASH, 1996: 46; SMITH, 1989: 4-6; SANTANA TALAVERA, 1997: 35-43). Em segundo lugar, mas não de menor relevância, porque à luz das ciências sociais, a cultura não pode ser compreendida a partir daquilo que Bourdieu (2003: 17) chamou de "modo de pensar substancialista". (ARANTES; SANTOS 2010, p.21).

O fato é que as Praias do Farol e o Turismo que nelas se apresenta me pareceram uma estrutura tão complexa e elaborada, que um sistema não daria conta de sistematizar. Fui percebendo, ali, uma condição humana de contratos sociais não ditos, que somente posso explicar através da relação de dar, receber e retribuir da dádiva de Marcel Mauss (2002). Encontrei uma relação natural estabelecida na cultura turística das praias.

Marcel Mauss (2002), antropólogo francês, descendente e discípulo de antropólogos, tem seus estudos fundamentados nas relações de dádiva e retribuição e na forma com que essas relações se estabelecem subjetivamente. Sua teoria indica que há contratos sociais implícitos que nos impõem socialmente ao dar e receber.

A perspectiva da hospitalidade é fundamentada segundo sua compreensão a partir de Mauss (2002), na ideia das relações de dádiva, não só como trocas de relações comerciais, mas também como uma troca social e mais humana "[...] na

Civilização escandinava, e em muitas outras, as trocas e os contratos fazem-se sob forma de presentes, teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (MAUSS, 2002 p.41). Mauss introduz ao pensamento das trocas a possibilidade do entendimento, não só da prática como ocorre diretamente, mas principalmente do subjetivo envolvido nesse tipo de situação.

Em vários momentos da minha experiência, quando fiz os primeiros contatos com a comunidade, percebi esses contratos: o bem receber os turistas nas Praias do Farol. Nesse primeiro momento, obviamente pelas construções, eu também era percebido apenas como mais um turista, sendo assim, uma possibilidade de ganhos econômicos. Além disso, pude vivenciar outras expressões de hospitalidade, a recepção e relação fundamentada nas trocas que tive em diversos momentos, mesmo após a descoberta de que eu era um pesquisador.

As minhas visitas foram todas baseadas no sistema de troca. Em um primeiro contato com seu Adilson e seus filhos, Rafael e Adilton, isso aparece na sua fala. Ele deixa claro a sua preocupação com a preservação da pesca artesanal. O objetivo era coletar dados para minha pesquisa e, juntamente com isso, poder preservar as tradições da pesca artesanal, que se mostravam como objetivos dele com as conversas.

Adilson: Sim é o, é o dever nosso né, é o dever nosso, eu e a minha família, com toda educação e respeito né, com as moça, com as mocinha quem vem da universidade. A gente, toda vida teve respeito e educação por elas e pelos guri também, que eles precisam das, de umas palestra né de universidade, e a gente sabe como é que atende né, tem que atender né é obrigado, obrigação é nossa, a obrigação não é de vocês, a obrigação é responder o que vocês ped, o que vocês pergunta.

Adilton: Todos, e quando é pra pesca a gente já vê de pequenininho né, quando não é a gente já vê e quando é a gente já vê também, tem uns aí que vai, a ente vê que vai, mas, tá diminuindo tá caindo muito...

Renan: E por que tu acha que tá caindo tanto, preço e mais o quê?

Adilton: A pesca é uma profissão que, sei lá é, pelo que o mundo tá vivendo hoje, num, essa gurizada que tá crescendo hoje é, pesca não tem sábado não tem domingo, não tem segunda não tem terça nada hoje em dia o pessoal não quer trabalha no final de semana , pelo que a gente vê a maioria no final de semana...

Renan: Não quer.

Adilton: Quer descansar né, e pesca não tem isso, pesca é sábado domingo segunda, não tem dia, deu pra pescar vai. Então eu acho que é isso aí que tá pegando mais, não tá dando continuidade eu to vendo não tá dando, os mais velho tão parando por causa da idade né que acontece e não tá vindo né as próxima geração , tá vindo mas tão saindo pro outro lado...

A todo o momento tive contato com esse sistema de interesse baseado nas trocas que o Turismo proporciona. Seu Adilson e seus filhos Adilton e Rafael estão entre os primeiros empreendedores do turismo na Praia do Cardoso, em uma época em que a pesca artesanal não se mostrava suficiente para sua subsistência. Investiram na conversão do seu barracão de pesca, em um restaurante no verão, quando se impunham os turistas e o Turismo.

Adilson: Resolvi por que nós, eles eles pediam pra nós, pa pedi, come um peixe, um peixe vamo dizer, um peixe fresquinho, eles pediam coisa boa, eles queriam, eles querem comer coisa boa, e pá come coisa boa eles querem um peixe fresquinho, qualquer tipo de peixe filé de peixe anchova, tainha.

Renan: Ah então os turistas vinham falar com o senhor, quando o senhor tava pescando, e daí...

Adilson: Sim, as mulhé tava preparando o peixe e eles diziam assim, como é que vai, vamo fazer pra nós como esse peixe tão fresquinho assim. Não nos vamo, servir um restaurante pá fazê esse peixe pá vocês, e foi assim que eu comecei. Aí comei fazeê o estudo dos turista ia ali compra o peixe, e comecei a faze um estudo, eu e os meus fio pá bom, tem uma coisa certa aí po nosso lado.

Renan: Ai o senhor foi foi pesquisando pra ver se...

Adilson: Aí que é que nós vamo fazer, vamo fazer um restaurantezinho pra nós, um restaurante pra nós, servir o turismo, e o turismo quer, que que o turismo queria, o turismo queria um peixe fresquinho, que o pessoal da cidade come aqui o peixe congelado do mercado né e não sai satisfeito né, o peixe congelado do mercado, tá gravando?

Renan: Entendi, tá gravando tá gravando.

Adilson: Então é, deu, foi sucesso né assim que o turismo.

Adilton me conta que o começo foi a partir dos surfistas. Devido ao difícil acesso às praias, só ia quem queria muito ir até ali. Sem estrutura, os turistas que chegavam até lá buscavam os pescadores para comprar peixe e, em conversas e na relação de trocas, os pescadores pescavam, suas esposas cozinhavam e os turistas pagavam por esse serviço, que era servido nas mesas dos próprios pescadores.

Adilton: Começou de a mãe alugava a casa e o pai, pro turista e fazia, a mãe acho que é a primeira mulher que fazia almoço aqui no Farol pro turismo junto da nossa mesa, junto com nós, e a gente foi crescendo assim, meio no no verão trabaia com o turismo e no inverno a gente pesca...

O que pude perceber é uma cultura de trocas e de relações, baseadas na conversa e na troca de experiências. Além da qualidade na entrega do serviço, o turismo local oferece algo mais, o diferencial da hospitalidade. Trata-se de algo além da qualidade no serviço, algo intangível, representado como simpatia e bem querer, motivo verbalizado como responsável pelo retorno de diversos turistas.

Em minha segunda visita, os próprios filhos do seu Adilson, Adilton e Rafael me contaram que dois dos quatro clientes que estavam no restaurante haviam voltado após uma conversa no final de semana anterior. Todos os que estavam no Restaurante Barracão de frente para a Praia do Cardoso, junto aos barracões dos pescadores e de outros dois restaurantes, eram clientes de outros momentos, que sempre perguntavam como estava a vida e a pesca.

A pesca se mostra como motor e início do Turismo; o Turismo se mantém pela pesca e a pesca se mantém pelo Turismo. De acordo com a própria comunidade presente nas Praias do Farol, o Turismo é hoje 60% e a pesca 40% da renda dos moradores do Farol de Santa Marta, “[...] por que assim, o Farol o que que é, o Farol é um lugar que vive do turismo hoje, tem a pesca mais, vamos dizer que sessenta por cento hoje é do turismo” (Rafael Córdova).

Com essa perspectiva, pude perceber que o Turismo se mantém pelos fazeres da pesca, há uma relação de dependência de um e de outro que é apresentada em diversos trechos de fala, bem como, na imagem retratada a seguir, que demonstra a sobreposição dos dois fazeres em um mesmo momento:

Figura 8 - Sobreposição dos dois fazeres, Turismo e Pesca



Fonte: A autoria própria.

Essa sobreposição pode ser constatada em diversos trechos de fala:

Rafael Córdova: Muito! Hoje o Farol, foi o que eu te falei, hoje o Farol não vive da pesca. Hoje o Farol vive do do turismo .

Adilton: Com a pesca, começa com a pesca.

Renan: E como tu acha que vai fazer depois, porque alguém tem que pescar.

Adilton: Alguém tem que pescar, uma coisa puxa a outra. Nós sempre levemo o turista pra fora assim, o pessoal que aluga nossa casa, que veio pra cá pro Farol. Aí chega aqui e a gente faz amizade, aí começa a conversar e no outro dia ele vai pra no mar com nois.

Renan: Bah ta louco muito massa.

Adilton: É conhece, tu né, no outro dia, já ta aqui almoçando e assim vai.

Renan: E assim vai.

Adilton: E assim vai, o povo gosta do Farol por causa disso né, olha só aquele casal que tá ali ali. Ele veio semana passada aqui

né Rafa. Aí veio ali pediu um camarãozinho, daí viu o prato da anchova passar aí veio esse final de semana comer, é assim que funciona né.

Rafael: Que eu e ele não ariemo da pesca, mas também queremos turismo também, né. Agora nós paremo a pesca dois mês agora, porque nós tamo servindo nosso peixe também né, depois nós vamo voltar a pescá de novo.

Katy: Mas já. Na minha lembrança o turismo começou com mais simplicidade e menas ambição assim. O pessoal eles eles trocavam ideias com o turista e e eles não visavam tanto o lucro, visavam o turista vir se sentir bem comer o peixe fresco. Hoje existem pousadas mas antes não existiam pousadas tinham só as casas de aluguel que o nativo saía da casa pro turista dormir. Claro tinha fins lucrativos, mas não que nem hoje, mas também pelo fato do peixe ter ficado mais escasso e vindo outras empresas de fora. Aí o pessoal começou a ficar mais a coisa começo a fica mais mais formal assim. Daí antes a gente não precisava de CNPJ não precisava, não precisava das das formas legais pra ter negócio. Então era tudo mais barato e tudo mais simples. Depois o turista foi mudando, é sempre veio muita família. Aí depois foi mudando veio, começou a surgir festas no Farol, balada. Aí veio um outro público que que curti que frequenta balada, é também da parte de de, hoje hoje assim no ano no ano de 2014 veio o asfalto 2013 veio o asfalto, já mudou o público. Vem todas as raças e tem gente que vem pra, só curtir a praia. Tem gente que vem pra curtir a praia e e consumir nos comércio do Farol né e e deixa dinheiro, querendo ou não deixa dinheiro. E aí hoje que que a gente percebe? Cabaram-se as festas, não tem mais festas. Tem um bar com festa, aí o público de festa tá diminuindo e tá voltando a vir mais famílias casais ou até os surfistas, que se tem onda vem, se não tem onda acaba que não vindo. E mais ainda ficou um restinho de daquele pessoal da bagunça que gosta, aí não tem a festa ainda tem o problema de som no carro que o público-alvo do Farol, não curte esse tipo de de turista. Aqui, na pousada, a gente não aceita som, porque, porque eu tenho sete quartos de casal e e casal não curte som se quer som vai escutar um sonzinho dentro do quarto baixinho, mas só que o Farol hoje assim eu ainda vejo que, que é lugar que dá pra todos os bolsos, sempre foi. Só que ainda ainda quem vinha antes, e quem vem hoje ve a total diferença entre é a população número de casas, estrada e valores. Como eu falei antes, o peixe era, antes o pescador tinha que dá o peixe porque não tinha pra onde, o que fazer com o peixe. Hoje vem n caminhão do peixe buscar o peixe e não vem mais por que não tem mais peixe. Aí pelo fato de ter diminuído, eles vendem mais caro entendeu? Aí a partir do momento que vende mais caro, a gente também vende mais caro no restaurante.

Faísca: É puxado, é de qualidade, é ensino de qualidade, tá ligado? E assim tô aprendendo bastante, to amarradão e ainda tô assim vendo né cara o que e aí tem vários conflitos, tem assim ó do pescador artesanal com o pescador industrial, é um conflito, o outro conflito é pescador com o turista, que o pescador não gosta do turista. Ah pra que que eles tão aqui, não sei o quê. Só que hoje, com a especulação imobiliária que ta aí, com as estradas, tudo isso é devido à especulação imobiliária do lugar, pá que tá

crescendo e tá evoluindo, tão vendendo terreno. Então é inevitável, né cara, o turismo, tu então fica, e o turismo até pra nossa, pra pescaria, pro pescador a do pros pescadores artesanais ta difícil a pesca né tá cada vez mais difícil ta é muitas espécies.

Renan: Eles me falaram até que tavam curtindo por que tava tendo vazão pra pouca quantidade que eles tavam conseguindo

Faísca: tem mu, tem tem pouco peixe, tem muita sobre pesca de várias espécies. Então vai, vai escasseando né? Os cardumes e o nosso, o nosso recurso. E o turista pô vem pra suprir né? Numa época que tem pouco peixe e tal, e esse ano foi bem fraco de peixe cara, mas tô amarradão com a faculdade até por que tem tudo a ver cara, né? Assim com a região aqui e tenta de repente fazer alguma coisa, mas pra frente que é uma só através do estudo né, de tu estuda que tu vai poder realmente poder fazer alguma coisa de fato. Se não é só fantasia né? Tu não vai conseguir, fazer assim alguma coisa realmente feito, ah sei lá, proibir os carro na praia, não é verdade.

Rafael (Faísca) foi o surfista que surfou a maior onda em 2012, na Praia do Cardoso. É morador do Farol de Santa Marta desde muito novo e sempre teve contato com o mar e com o surfe. Seu posto fica na Praia do Cardoso, de frente para o mar. Como viu todo o desenrolar do Turismo e o estabelecimento das relações de troca, Faísca, como acadêmico do curso de Engenharia da Pesca, têm um panorama relevante para o entendimento do funcionamento da logística social das atividades nas Praias do Farol.

Nossa conversa começou com as características das praias para a prática do surfe. Percebi que as relações de trocas são subjetivas como as ondas, dependem de fatores além do que podemos ver e que podemos apenas explicar do ponto de vista que vemos.

Sendo assim, Faísca me explicou que os moradores precisavam do Turismo hoje, que eles são dependentes da renda do turismo, bem como da pesca. Neste aspecto, vale lembrar Krippendorf (2000), que defende a importância de o turista e a comunidade se integrarem. Assim, relações de hospitalidade podem proporcionar um turismo mais sustentável e duradouro. Isso está explícito na fala dos entrevistados.

Em um dos trechos de seu ensaio sobre a dádiva, Marcel Mauss diz:

Ademais, o que se trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de

tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras onde o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito permanente. (MAUSS, 2002, p. 45).

O que se percebe é o 'algo mais' da Hospitalidade, visivelmente posta como possibilidade nas trocas não só comerciais, mas também culturais, no estabelecimento das relações que acontecem no Turismo das Praias do Farol.

Adilson: Como é que nós começemo, deda, desde quando o turismo chego, eu toda vida atendi bem os turista, o que eu puder fazer mais daqui pra frente eu faço. Eu quero atender os turista, os pessoal das universidade. Eu tenho dado muita entrevista pra universidade, não só pra vocês, mas sim pra Porto Alegre, pá Caxias do Sul, até do Uruguai também. Tem muita gente do Uruguai que vem aqui da universidade do Uruguai né lá de Itajaí, de São Paulo do Rio de Janeiro, Joinville.

Adilton: Peixe é bom não é? É, mas e o o, a gente também sai por aí, não tem, a gente sai, a gente viaja, anda bastante lugar também, mas eu acho que a nossa, assim a nossa recepção aqui é melhor do que, eu acho que nós subemo agradar mais do que chega aqui, do que a gente quando sai não é tão agradado entende?

Renan: Aí tu tocô no ponto que eu queria te ouvir falar isso aí. Eu não queria falar, mas eu queria muito ouvir tu falar isso aí não fico não fico.

Adilton: Tá entendendo o chegar *tête-a-tête*, a gente chega por aí.

Renan: Aí é aquilo que eu te falei, eu tenho minha opinião, e a minha opinião é justamente essa: eu gosto de voltar aqui, eu me sinto em casa porque, pelo tratamento que eu recebo aqui entendeu?

Adilson: Isso, a gente chega por aí i não é tanto assim, por ai é mais assim, por ai é mais assim ó, pega, come, ah que é que tu pediu, pediu isso, pega, senta lá e tu vai cumê e pronto, quanto é que deu, tanto, deu vai embora. E aqui no Farol, não é assim. Eu acho que não é assim né? Aqui no Farol, a pessoa senta, conversa, bate-papo: "Da onde é que tu es? Onde é que tu mora, que tas fazendo aí no Farol aí, viesse passar um dias só dois três, não é?"

Renan: Com certeza.

Adilton: E a gente sai por aí e não é tanto assim. A gente sai por aí, também quer escutar a história dos outro lugar também né, mas não. Não eu não vejo tanto isso, e aqui tem bastante isso.

Renan: O que que tu enxergo de conexão de lá com...

Faísca: Cara, assim, que tipo assim, conexão cara...

Renan: Parecido de lá aqui...

Faísca: É que, tipo assim ó, o povo humilde assim né, tem muita fé, tá ligado? Tem muita fé na parada e porra muito receptivo, assim. Isso eu acho muito parecido assim, porra é, por exemplo, tu chegô ali na vó né? Assim: "o cafezinho fica aí". Não sei o que então tem isso assim lá. Pô, eu fiquei amigo pra caramba dos cara lá do barco, pá os cara super.

Renan: Tu acha que isso influencia positivamente no turismo?

Faísca: Influencia cara, influencia.

Katy: Pela parte do Farol, porque o o povo do Farol, ele é hospitaleiro, simples. Às vezes, é meio ignorante de não ter conhecimento de certos assunto, de não falar tão bonito com o turista, que já tem um é, assim tem um outro grau de estudo tal, mas, aqui, da minha parte, eu acho que eles voltam porque a gente faz o máximo, assim ó, a gente, a comida a gente sabe que é boa, e a gente trata bem o cliente assim. Eles vêm, a gente faz. Se tiver que fazer sala, a gente faz, se tiver que, então, da minha parte, da parte do negócio, eu acho que é isso. A gente faz o melhor, a gente procura tá sempre com alguma reforma, deixar os quartos melhores as casas melhores.

João: Faz a pessoa sair de longe e vim pra cá, a hospitalidade das pessoas aqui eu acho que é também, é legal.

Renan: Com certeza, com certeza.

Renan: Sim é aquela história, isso aí é até legal tu tocar. Eu volto pela galera né? O astral daqui é diferente, é um lugar que eu nunca vi igual em todo lugar que eu já fui, mas é, as pessoas daqui são especiais.

João: Porque assim ó, é, a gente recebe o turista aqui, mas a gente também é tenta sair conhecer outros lugares, o que eu, o que eu olho assim percebo que pô tu vai num lugar é muito que automático né, tu vai chegá ali, a pessoa atende e tal, faz o que tem que fazer, bem né, mas, aqui não. Aqui no farol, o cara já chega, já puxa um assunto, já fala de outra coisa. Então acaba se formando um vínculo. Então, isso aí te faz retornar, por que tu vai lá tal, quer saber como é que tá.

Renan: Claro pô, quer conversar com a galera, ver como é que tá a situação, com certeza.

João: Isso, então, é mais afetivo né? É mais, o povo eu acho que é mais hospitaleiro aqui, pela magia pelo a parte astral assim. Eu acho que já é de, já é tradição do lugar ser bem, receber bem né.

O que foi feito, foi uma aproximação com essas relações de trocas através de uma imersão no lugar, estive como local recebido na pousada de João e Katyuscia (Katy), O que busquei nessa aproximação foi sentir do campo a apresentações da características das Praias do Farol, as relações de troca e importância das atividades do lugar, para então, a partir daí, descrever essas relações vivenciadas.

A percepção deles sobre o Turismo e sobre o porquê de os turistas voltarem ao lugar é justamente pautada na hospitalidade e no bem receber. Viram o Turismo acontecer e vivem somente dele, já há algum tempo, tendo a percepção de que a relação com as praias e o meio ambiente natural é o que mantém, o que eles definem, como a cultura do tipo de Turismo que acontece lá. Segundo Katy :

Só que é assim, tipo, na teoria a gente é a mesma coisa. Talvez o meu prato seja cinco dez reais mais caro que o dele, porque eu tenho uma estrutura um pouco melhor e porque eu tenho estacionamento, internet, tenho playground, tá, mas é pouca diferença, mas não que assim ó ah, vai vim um cara e vai botar um bife livre. Ninguém tem aqui, todo mundo é a la carte igualzinho, serve a mesma coisa, o mesmo. Todo mundo serve anchova grelhada, filé ao molho de camarão, tem aquele que serve ma mais. Tem aquele que decora mais o prato, mais isso não muda tanto financeiramente. Talvez muda dois, três pila, porque enche o prato de alface ou ou bota um molho alcaparras, que é mais mais simples. Agora, se vem uma empresa grande que bota um restaurante um bife a quilo, aí o que que tu vai fazer tu vai sentar aqui na minha mesa esperar uma hora pra comer uma anchova grelhada ou tu vai lá pegar o prato e servir várias coisas, talvez pagar mais caro, porque né vai ter um custo mais caro, mas é mais cômodo pra ti. Como eu falei do café, por mais que talvez saia mais caro, a hospedagem, mas eles querem porque é cômodo. É a mesma coisa um restaurante, que vai ter um buffet. Então, a gente vê isso como talvez um problema porque tu vai, aí que que tu vai fazer? Vamo acompanhar eles...

Renan: E aí tu perde o que tu perde aquilo que...

Katy: Aí vamo ser igual, eles aí vai perdendo a essência, vai perdendo até, é cultura, na verdade, é como se fosse cultura, porque, se tem quinze restaurantes, os quinze servem a mesma coisa, do mesmo procedimento, ninguém tem anchova na brasa, todo mundo tem anchova grelhada ou frita em postas fritas, filé filé a milanesa é filé grelhado ninguém faz molho de maracujá, molho de mostarda, ninguém tem. Pode pegar cardápio, todo mundo é a mesma coisa e que muda é algum que tem cinco, dez pila mais caro que o outro. Os da beira da mar lá são um pouquinho mais caro, porque eles tão na na orla, tão na no forte mesmo é como se fosse o centro, mas, a mesma coisa parte de pousada, assim que espaço tem e, se vier um resort, aí eu fico como? Aí a gente vai ficando pra trás, aí tu vai ficar sempre com aquele que tu vai pagar menos e vai ficando. Aí se começa a vir muitos desses ou tu vai ter que ficar igual eles, se tu tem condições financeira, ou tu

vai ter que ser igual eles ou tu vai tu vai acabar sumindo perto deles.

Isso demonstra que o maior medo é que se perca o que mantém a tal “magia do Farol”, a que João se refere. A hospitalidade e o bem receber, bem como a qualidade no que definem ser o modo do Turismo lá, são aspectos pautados pela relação com a pesca e com os pescadores como cultura.

Percebi que os traços dessa cultura envolvem justamente as trocas, a que Marcel Mauss (2002) se refere, e o algo mais da hospitalidade, segundo o entendimento e a leitura de Luiz Octávio de Lima Camargo (2008).

Nesse sentido, podemos fundamentar o entendimento de como funciona a hospitalidade lá, como sendo uma relação de trocas econômicas, mas não somente de bens ou serviços. Assim como Mauss (2002), acredita-se que essas trocas também fazem parte de um ritual maior. Como procuro demonstrar com esse estudo, essa relação da hospitalidade e as trocas econômicas têm sua base em uma troca econômica, ou seja, não é somente isso, mas, também é isso.

Os contratos sociais, defendidos por Mauss (2002) como “fatos sociais”, demonstram uma série de nuances nas relações do dar receber e retribuir, que podem ser alcançadas em seu entendimento complexo. Para isso, é necessária a utilização de um método que leve em consideração os aspectos salientes na situação geral da localidade, mesmo que se trate de um estudo localizado, que é o caso da metodologia aqui utilizada.

Essa concepção nos dá a noção e as ideias, em linhas gerais, da importância para o turista e a comunidade, a hospitalidade pautada em uma relação harmônica. Em muito, a concepção de Hospitalidade se desenvolve no entendimento da relação, econômico social e cultural.

As relações de dádiva, contrato social e ou fato social, de Mauss (2002), podem ajudar na compreensão das relações estabelecidas nas atividades turísticas e de relações nas atividades desenvolvidas na comunidade estudada. Apesar disso, há críticas às suas ideias. Em sua teoria, Mauss não leva em consideração a criatividade humana e suas relações. Defende uma imposição da sociedade sobre o sujeito, negligenciando um fator determinante, o livre arbítrio.

Essa negligência será aqui descartada, sendo, então, utilizada uma leitura contemporânea de suas ideias, que pode expor as relações entre o turista do local estudado e seu ambiente de prática turística, analisando as atividades na forma como ocorrem - neste caso, sem fazer inferências e generalizações em relação a casos maiores.

Mauss (2002) tem sido referência significativa para o entendimento da Hospitalidade em alguns estudos do Turismo e, por isso, foi a escolha para a análise das características e dos desdobramentos do turismo nas Praias do Farol de Santa Marta.

O que obtive como resultado é, em um panorama geral, que as trocas estão presentes como relação de dependência em toda a cultura turística das Praias do Farol. O Turismo se desenvolve a partir das trocas entre as pessoas, entre os pescadores, os turistas e os visitantes. Atualmente, a pesca se mantém a partir do turismo.

As trocas acontecem não só como representações de caráter econômico e simbólico, mas abrangem a cultura como um todo. São trocas culturais, que permanecem na comunidade na relação e na dependência da importância que essas têm nas suas vidas. A comunidade, a partir dos sujeitos estudados, representa uma visão de minha parte, não tão somente das trocas materiais e imateriais, e, sim, das trocas entre simbolismos e fazeres culturais.

O que estou querendo dizer é que à medida que o Turismo depende da pesca e a pesca, do Turismo, as trocas acontecem não só entre as pessoas, mas entre as próprias culturas. Tais trocas representam o motivo pelo qual se demonstra, na realidade, um panorama receptivo do Turismo, para que se mantenha a pesca, e da pesca, para que se mantenha o Turismo.

Os empreendedores do Turismo precisam dos pescadores para desenvolver suas atividades, e os pescadores precisam do Turismo para que seja possível continuar pescando, como podemos perceber, a partir da fala de seu Adilson e Katy. Tem-se, aqui, demonstrado, portanto, o contrato social entre o Turismo e a pesca artesanal, como forma de relação de dívida entre culturas. Trata-se de uma

demarcação que se hibridiza ao movimento cultural que se tem das duas atividades, onde hoje o que se apresenta é uma cultura turística de pescadores.

4.2. ENTRE VISITAR E SER VISITADO

Neste ponto, apresento, em linhas gerais, a experiência subjetiva específica vivida segundo os ideais do Surfe e também da pesquisa desenvolvida. Esta apresentação tem como objetivo demonstrar o Surfe como modo ou estilo de vida e não só como esporte, sendo através dessa apresentação possível demonstrar as intersecções do surfe e o modo de vida dos habitantes, bem como sua interface com o Turismo e as representações que vi da cultura turística local com o surfe e a preservação das duas atividades.

De fato, a descrição proposta neste trabalho apresenta muito mais do que somente os objetivos acadêmicos, apresenta um pouco mais de mim e daquilo que eu vivo. A realidade é que nunca fui um grande surfista, e a perda do contato com o surfe me tornou ainda pior. A representação do surfe simplesmente como esporte não foi o proposto aqui, principalmente porque o surfe como esporte não é exatamente o que se apresentou para mim, durante os meus estudos.

Assim como em todo o trabalho, as representações propostas como descrição formaram uma realidade de intersecções de modos e fazeres de vida, todos esses norteados aqui por minha escrita, segundo meu modo de vida. O que esses modos de vida têm em comum não é só a natureza e a praia, mas suas práticas e as formas de lidar com o meio e entre si, essas culturas, sociedades, tribos...

Propositalmente, o que eu quero deixar claro aqui é que o modo de vida dos locais leva em consideração muitos dos ideais que são de extrema importância para mim como surfista e como turismólogo. O 'Surfe Life' foi como optei por escrever esse trabalho, considerando que nem toda pessoa que pega onda é surfista, ou melhor, vive essa onda, essa *vibe*, e com certeza existem muitas pessoas que não pegam onda e tem essa *vibe* internalizada. A representação do que me refiro está na imagem a seguir, tirada por mim mesmo, em uma loja de surfe e sobre a qual fui

buscar a referência posteriormente:

Figura 9 - Foto Cultura Surf



Fonte: Autoria própria.

Surf é vida! No mundo em que vivo, não há distinção de cultura, raça, cor, sexo, idade ou religião. No meu mundo você é respeitado pelo seu talento e não pelos bens que possui. No meu mundo as pessoas andam de pés descalços, se comunicam por um dialeto próprio, se vestem diferente dos outros, adotam uma alimentação saudável e vivem em contato com a natureza. Alguns acham que somos uma tribo, mas somos muito mais que isso, já somos milhões espalhados pelo planeta. Apesar disso, o nosso objetivo não é conquistarmos o mundo, porque já temos o nosso (BLOG BAÚ DO SURF, 2014)

A partir dessa escrita, fiquei refletindo e entendo que o surfe e as Praias do Farol - assim como eu mesmo - têm uma onda própria a ser surfada, sua própria

vibe. Esse estilo de vida se apresenta, num primeiro contato, a partir da hospitalidade com que se recebe, a forma no tratar essas relações a partir de um pensamento geral, de hospitalidade e trocas nessa relação, apresentados aqui pelos atores que eu entrevistei.

Adilson: Também não temo intenção de ...

Rafael: Não de ficá rico, pra que de, ficá milionário.

Renan: Também o que que adianta ficá rico e morá lá na cidade. O que eu quero é isso aqui...

Adilson: Rico nós tamo aí ó.

Renan: Rico tá aqui.

Rafael: Compra isso, compra aquilo, nunca mais descansa na vida.

Renan: Eu também não tenho assim é aquela historia, assim meu negocio é...

Adilson: O cara tem que ganhá bem, o cara que ter uns conforto, ter um carrinho, ter uma casa boa, educá os filho, mas também tem gente aí que...

Renan: que quer saber de acumulá acumulá, não curte a vida é verdade car o dinheiro é papel.

Adilson: De repente a vida inteira andando, anda dois três segurança não anda nem sossegado. Não, nós gostamo de chegá de manhã, uma bermudinha e camisetinha nas costa i, ir pa praia de regata, ou trabaiá ou andar, sei lá, fica aí, ta bom.

Rafael: Eu e ele, quando era solteiro eu e ele, acordava de manhã, ia pa pesca, chegava meio dia, tomava um banhiu, camisetinha nas costas e só nove, dez hora da noite.

Renan: Saí pra curtir.

Adilson: La lá pra praia, lá pra prainha pra...

Renan: Aproveitá que tá solteiro ainda, cara.

Rafael: Jogava vôlei, eu ele nós jogava vôlei, futevôlei, jogava futebol, o dia inteirinho na praia, hoje ai é.

Rafael: A gente passa pra eles né, a tranquilidade né? Igual, eu tava conversando com o casal ali agora, pessoa tranquila né? Aí agora nós temo compromisso lá na cidade. Aí agora tiveram que embarcar no carro pra ir pra cidade, porque tem um compromisso, correria o dia agitado né? Aí é nós vamo ficá aí. Aí mostrei as foto do por do sol desse ponto nosso do restaurante pra eles. Eles disse pa, eles queria fica aqui até de tardezinha aí, só que é a correria deles da cidade né?

Renan: É a realidade né cara! Eu, por exemplo, queria vim aqui e passar o resto da semana que nem eu fiz da outra vez. Passei aqui uma semana e pouco, agora segunda , compromisso na cidade eu tenho...

Rafael: Pois, é cara, é isso aí ó. Quando eles vem aqui, a gente quer passar tranquilidade pra eles. Inclusive, quando chega um aí na mesa, todo agitadinho, aí da cidade, assim, eu não, não cara, calma aí cara, não traz o estresse aí pra nos aqui. Calma, senta aí, toma uma cervejinha. Eu e ele pegemo eles na boa né, aí o outro que tá com eles tá agitado e tal...

Adilson: Ta ná praia né?

Renan: Tá na praia.

Rafael: Se não vai dizer, cara, é super tranquilo.

Renan: O cara sai de lá super relaxado, volta pra cidade renovado.

Adilson: E sobre os braço ali, tu falou alguma coisa, vai fazer alguma coisa não tu vai escrever alguma coisa.

Renan: Na realidade, eu vim aqui pra conversar, sobre os barcos os barcos da pesca artesanal em si.

Adilson: Industrial.

Renan: Sobre os industrial, se tu quiser falar eu agradeço.

Adilson: Porque ontem ainda teve um caso ali cara o, levo rede aqui de um aqui.

Renan: Levo rede do pessoal aqui?

Adilson: Levo rede do pessoal.

Renan: Ah! Então ainda tão entrando...

Adilson: É de Itajaí, não sabe o nome do barco mas é de Itajaí, levo rede veio aí, largo o espinhal dele em cima da rede dele ali e levo um pouco de rede, entendeu? Onte mesmo ali deu uma despesa pra ele ali um prejuízo ali pra ele, ele tava calculando mais ou menos, uns dois mil e quinhentos a três mil reais.

Renan: Isso aí que complica né? A relação, pô, fica né, fica na pesca com esse tipo de coisa acontecendo é complicado.

Adilson: É, é complicado é aonde também que os industrial pega tudo né, pega tudo, a indústria pesqueira tá pegando tudo, tá pegando desde o peixe de de de deza centímetro até o grandão, ele, não deixa o peixe desova.

Renan: Não quer nem saber se tá pequeno.

Adilson: Não quer saber, não deixa da o, fecha o ciclo, a nossa rede aqui é malha onze, onze centímetro, peixe de dois quilo e meio três quilo, então aquele peixe ali ele já cresceu , já ficou adulto, desovou.

Renan: Já reproduziu.

Adilson: Já reproduziu, pa depois nós pega. Agora os barco grandão, os trainhero os barco de arrasto industrial, a malha deles e malha dois e meio dois daí tu e a diferença.

Renan: Dá pra pega até caquinho que tem.

Adilson: É então ele pega peixinho que nem reproduziu ainda que nem é adulto, mata a geração.

Rafael: Tá se acabando a tainha.

Adilson: Por causo disso, tainha anchova curvina tá acabando.

João: Não porque a gente é aqui da pousada, mas é a vista é privilegiada né? Eu acho que meu vô captou bem, eu acho que ele já tinha noção disso aí, ele sempre falava né que, ele falava que ele não ia mais tá vivo quando chega essa, o que tá hoje assim né, porque quem conheceu o Farol a, vamo dizer assim , não muito longe a quinze anos atrás já era totalmente diferente assim né, mas é porque o crescimento ele tem que chegar mesmo né, mas tem que saber abraçar e fazer uma coisa certa é junto com a natureza né, pra ti viver e poder reservar também pras futuras gerações né?

Renan: E por que que tu acha que a galera vem, isso ai é uma percepção minha, e a gente acaba voltando e vindo mais vezes e tal...

João: Olha isso aí, não é, não vai ser nem o primeiro nem o último a dizer porque todo mundo que vem pro Farol sente essa energia, uma coisa assim meia diferente, porque parece que tu vem aqui da um, tem um alguma coisa especial assim que te te quer fazer ficar aqui sabe, então, eu acho que não sei se é pelo lugar, pelo astral que é, que ainda mesmo que deu uma crescida ainda continua um lugar assim preservado né? Eu acho que é isso que faz a pessoa sair de longe e vim pra cá, a hospitalidade das pessoas aqui eu acho que é também, é legal.

Essa lógica que dá título ao trabalho apresenta as ondas pelas quais passei para seu desenvolvimento. As 'vacas' (ondas na cabeça) e os 'drops' (descidas em onda) que tive, durante meu tempo de mestrado, representadas, principalmente pelas incertezas e inconstâncias, comuns ao surfe e à pesquisa. Hoje, mais que nunca, entendo que cada onda é uma onda e o mar nunca é o mesmo mar. Isso se aplica à praia, mas também se aplica à prática da pesquisa.

Renan: É que tu tava, tu tu hoje tava pegando onda ali ná ná prainha né, e a ou, da primeira vez que eu tive aqui não tava legal pra pegar onda ali. Já tá melhorando isso aí ou tu acha que...

João: É as condições da, de previsão de onda é a, vamo dizer assim, o mar hoje é como o sol, nunca é o mesmo pôr do sol. Então é, é uma coisa que hoje pode ter, amanhã não ter, então tem tem que

Bem, como o aprendizado acadêmico, o surfe também é insistência, tentativa e erro. A partir de outras pessoas e do que me é contado, fui adquirindo os saberes necessários para poder surfar e justamente, como na citação da fotografia, o respeito pelo subjetivo e não só por uma primeira impressão.

Atrás dessa segunda impressão das Praias do Farol, fui em busca da reconstrução do meu saber sobre o lugar. No retorno, pude perceber uma diversidade de coisas através dessa experiência. Essa reconstrução de minha primeira impressão foi possível, a partir da compreensão da logística social que se apresenta no local. Essa compreensão, é o que aqui tento explicar, a partir do meu entendimento com a experiência vivida e contada a partir do surfe, das atividades das praias.

No surfe, desde que comecei a participar, aprendi que existe uma situação nomeada 'localismo'. Para Castrogiovanni (2003), Smith e Brent (2001) e Barretto (2003), o local tem um papel de protagonista da atividade turística, e o desenvolvimento com qualidade da atividade passa essencialmente por ele, de forma que esse local, se tiver um pensamento de preservação juntamente com o desejo em que esse turismo aconteça, provavelmente terá um crescimento em comunhão com a apropriação por sua comunidade.

Esse localismo nada mais é que um tipo de apropriação de sua comunidade. No caso, é uma prioridade tanto de quem chega quanto de quem está lá, em uma situação vivida no mar e compreendida em todo o estilo de vida. Como dito, na praia, a prioridade é daquele que tem mais prestígio e, em um primeiro momento, este é o próprio local, o morador, é ele quem conhece e vive o ambiente diariamente. Essa é uma forma de respeito, tanto para a sociedade quanto para a natureza, respeito ao mar.

Em um seriado exibido no Canal OFF, sobre o Farol de Santa Marta, denominado Sul Por Elas. As meninas, surfistas protagonistas da série, que dão relatos de sua viagem ao longo do programa, apresentam o local e dizem só se encontrar no mar com a entrada dos surfistas locais. Segundo elas:

[...] ai entraram dois locais na água e ai ficou tipo tudo muito mais claro, a gente conseguiu se situar melhor, viraram a super referência dentro da água [...] (Marina Werneck)

E a partir do momento que eles entraram a gente começou a achar a onde tava onda certa e foi legal, assim a gente conseguiu pegar umas onda boas. (Claudinha Gonçalves)

Foi bem legal surfar com eles logo de cara, poder chegar aqui e já tá podendo surfar com dois caras locais de cara que é o bebetto e o ed, eu me esqueci o nome, o resto do nome, mas eu sei que é Ed, mostra que eles tem uma sintonia com o mar assim, moram aqui, nasceram aqui e tem já essa relação com o pico que é muito legal, de ter gente assim dentro d'água quando a gente ta surfando até pra conhecer melhor o lugar, entender melhor a praia, cada praia, cada praia tem um funcionamento diferente. (Marina Werneck)

Esse dia marco, por que foi uma recepção assim, acho que foi um sejam bem vindas. (Claudinha Gonçalves) (SUL POR ELAS, 2015)

Nas Praias do Farol não é diferente, esse respeito é estabelecido. A partir dessa experiência, percebi e tive o entendimento do porquê disso. De certa forma, essa situação é uma forma de preservação da própria cultura e do ambiente local, sendo um respeito de todos por esse local, como se define a partir do estilo de vida e a cultura do surfe.

Na prática, o localismo é visto pelos surfistas visitantes de duas formas, bem como o próprio surfe. Aqueles que o têm como estilo de vida entendem e o respeitam; entretanto, aqueles que não têm esse estilo de vida acabam não respeitando a cultura e o ambiente local, e dentro do mar 'rabiam' (entrar na frente da onda de outros ou não respeitar a fila para o surfe) ou pior, não se preocupam com a qualidade do ambiente, que é a praia.

Por esse motivo, os locais acabam tendo papel importante na preservação desse lugar, e isso acontece, quando este ambiente é respeitado e relevado por aqueles que o representam, não só no surfe, mas, também no Turismo. Pude perceber que o amor da comunidade com o local, o Farol de Santa Marta, e com o cotidiano de suas praias, representa um localismo pouco egoísta e mais preservacionista.

Pela necessidade da própria prática do Turismo, nas vidas dos moradores locais, o Turismo representa, para os moradores, mais de 60% da renda deles. Sendo assim, os mesmos atribuem aos turistas um status de muita importância. Os

turistas, mesmo os que não surfam ou pegam onda, têm a experiência do 'surf life', pela própria atitude dos moradores e o contato com eles. Essa experiência, representada por esse contato, significa a mobilização da sensibilidade quanto às questões de preservação, tanto do ambiente natural, quanto das práticas das Praias do Farol, como a pesca artesanal, por exemplo.

Os próprios pescadores citam, em conversas comigo, a relação que eles têm de fidelidade dos seus clientes, representada, segundo eles, com as conversas da lida da pesca ao longo do ano, os turistas gostam do peixe fresco e com história.

Essas são marcas culturais que descrevo segundo o olhar que tive. Num primeiro momento, contei o caso como ele se apresentou para mim, enquanto pesquisador e turista. Fui vivendo a incerteza da pesquisa, da sua viabilidade e do tipo de subjetividade que encontraria. Como resultado, encontrei um tipo de hospitalidade apresentada e descrita nos próprios fazeres da comunidade. Segundo Marques e Bastos (2014, p.10):

As definições de hospitalidade transpassam diversos campos do conhecimento, como, por exemplo, o dom e amizade e em todas as perspectivas de análise, ela é interpretada tendo em vista questão do acolhimento e da relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões. Ela pressupõe uma continuidade, uma vez que ela se sobressai como um ritual. O hóspede de hoje pode se converter no anfitrião de amanhã.

E mais do que isso, encontrei demonstrações e fazeres culturais que remetem ao carinho e forma como a comunidade lida com o lugar da pesquisa, as Praias do Farol, identificando essas como sendo o primeiro contato com o próprio Farol e o princípio da própria prática do Turismo como dito por moradores. Esse início foi a partir da troca com os surfistas, do preparo do peixe pelas esposas dos pescadores que o pescaram, trocando por uma garrafa de vinho que os surfistas traziam consigo.

O difícil acesso às Praias do Farol já não é uma realidade. Primeiro veio o Turismo e atualmente a localidade já tem o seu acesso asfaltado. Com a vinda de mais turistas e com a melhoria do acesso, vieram também mais residências e moradores, segundas residências de veraneio e inclusive um condomínio. Esses são veranistas e moradores de final de semana, que, atraídos pelo Farol de Santa Marta e por suas praias, acabaram optando por ter uma residência na localidade. O Farol

tem essa 'vibe', essa 'wave', essa Hospitalidade que o forma acolhedoramente num reduto que propicia o retorno.

Ao mesmo tempo, o Farol propicia também o próprio localismo. De certa forma, o localismo não egoísta da comunidade local é uma forma de preservação da comunidade e do ambiente, imposta pela prática do Turismo, primando por uma proteção da autoestima da comunidade e a própria natureza que encanta esses visitantes.

O localismo é um jeito de amar que, intensamente, se alastra pelas práticas daqueles que estão ao redor de um lugar, entendida a partir de Yázigi (2001). De certa forma, representa o Turismo Social, previsto na Sociologia do Turismo de Krippendorf (2000).

Acredito que exista uma junção do Turismo de Sol e Praia, (BRASIL, 2014), com o estilo de vida do surfe nas Praias do Farol, representativamente, como alternativa para as práticas predatórias do Turismo de massa.

O problema com o localismo nas Praias do Farol é que, junto com o Turismo e a onda que é a 'vibe' do Farol de Santa Marta, vieram também moradores de fim de semana e veraneio. Esses trouxeram consigo prosperidade; porém, o seu sentimento como local e dono do lugar acaba sendo predatório, de modo que esse sentimento de posse acarreta um conflito com os turistas que, para a comunidade realmente local, são extremamente importantes.

O que pude perceber, através do Surfe e especificamente nele, foram as próprias práticas que os locais me contaram, como é possível verificar no trecho a seguir:

Faísca: É essa aí Cardoso, pá, e aí assim cara graças a Deus, aí a gente faz o que a gente gosta, que é surfar essa on essas ondas e tudo que é onda na verdade, mas o Cardoso assim é especial, parece que a gente tem uma, uma coisa assim sei lá, eu não sei como me explicar, é uma coisa assim, entre eu e ele.

O surfe nas Praias do Farol tem, em seus verdadeiros moradores locais, residentes por todo o ano, a expressão de um localismo, que preserva as práticas de surfe e o estilo de vida do surfe e do Farol de Santa Marta.

Como foi dito antes, contudo, nem toda pessoa que pega onda é surfista, ou seja, tem como estilo de vida o surfe, bem como, entre as pessoas que tem casa no Farol, nem todos são 'comunidade local'. Isso, porque não são todos os veranistas e os moradores de segundas residências que respeitam o mar e os fazeres locais.

Rafael: O que a gente não quer é stress com turismo né? A gente não quer né? A gente tá vendo né que a coisa tá mudando né, pa turismo também. Não é só pesca, é pa turismo também né, e a gente não quer stress com eles né? O que a gente quer é conversar com eles é ver opiniões né, conversa, e a gente acha legal isso e e não pode fazer isso. Eu acho assim, inclusive até na na no verão agora, eu e ele aqui ainda brigemo com os nativo daqui por causa que eles quiriam o né tirá o turismo da, brigando no mar por causa de onda, isso ai nós achemo errado né, nos somo contra isso ai.

Renan: É isso ai eu queria perguntar pra vocês eu até vi alguma coisa no facebook.

Rafael: Eu acho que naquele tempo rolou alguma coisa assim.

Renan: eu acho que rolou alguma coisa assim, ai eu até perguntei pra eles na época pro pessoal daqui que pegava onda que queria tira e tal e eu vi que tinha

Rafael: Isso, eles diz que o nativo e a preferência da onda é deles e nós não queremos isso ai, nós somo contra isso ai, principalmente eu e ele aqui.

Renan: Entendi, é o pessoal, o pessoal que eu vi, o algumas pessoas que eu vi, eles falaram, tavam falando comigo com relação ao pessoal, que vinha de fora, que não era daqui exatamente, mas que tinha casa aqui, e passava o verão e depois voltava, daí esse pessoal brigava com o turista dentro da água o turista aquele que vinha menos vezes e tava vindo a primeira vez e tal e se achava daqui e não era bem daqui né?

Rafael: É e se acham nativos, é tem tem uns sim.

Renan: É isso aí que eu queria saber de vocês assim, como é que é a relação de vocês com esse pessoal que se acha nativo vamo dizer assim...

Rafael: A nossa relação com eles é boa, até eu tenho conhecimento com eles, é o pessoal de Criciúma, Tubarão. A gente tem relação da gente com eles é boa, mas só que tem uns que leva a sério, tem uns surfista que levam a sério diz que são nativos, a Praia da Cigana ali disse que é deles aí tira, tira o surfista d'água po caudi onda quando tem pouca onda assim...

Renan: É isso é ruim porque vai de encontro justamente àquilo que tu tava falando né da recepção.

Adilton: Pois é mas não é daqui daí...

Rafael: Eles diz que são nativo. Daí, assim, aí eles mexe com a gente né? Eles diz que é nativo e quem é nativo é nós. Tamo aqui

o ano todo né? É pesca, é turismo, assim ó o pessoal do Farol eles chegam na cidade deles, ou Porto Alegre ou Rio de Janeiro ou São Paulo, e chegam lá e a os nativo tiram nós de água lá dá água, lá eu não vou mais...

Renan: Fica ruim...

Rafael: Fica ruim pra mim e pra ele e nós somos nativo né? Eles não. Eles vêm final de semana aqui e eles quer surfar, querem o mar inteirinho pra eles.

Renan: Não tão preocupados né?

Rafael: Não tão nem preocupados né?

Adilton: Tem onda pra todo mundo né?

O problema, para o desenvolvimento do Turismo nas Praias do Farol, intercala com os problemas que a prática do surfe enfrenta na localidade. Pouco depois da minha primeira visita, os próprios moradores se reuniram por problemas com os veranistas que não respeitavam os locais e os turistas nas Praias do Farol.

Segundo Tulik (2001, p.196), domicílios de segunda residência são de uso ocasional e usados para descanso e lazer nos fins de semana.

[...] são alojamentos turísticos particulares, utilizados temporariamente, nos momentos de lazer, por pessoas que têm seu domicílio permanente em outro lugar. Esse conceito está ligado ao imóvel, e não à condição de propriedade, ou seja, ao fato de ser próprio, alugado, arrendado ou emprestado. Residências secundárias significam uma relação permanente entre origem e destino, uma vez que se estabelece regularidade entre saídas, chegadas e retornos.

Constituindo um nicho diferente no mercado hoteleiro e do Turismo, o próprio desenvolvimento do Farol tem como princípio esses moradores, e muitos comerciantes e empreendedores os veem com bons olhos. Segundo Souza (2014), é possível perceber que, no desenvolvimentos do Turismo de Sol e Praia, o fenômeno da segunda residência está presente, sendo em paralelo, diversas vezes, causa e efeito de perdas socioambientais provenientes do turismo. Para Muñoz, Basto e Kauil (2014, p.331),

A atividade turística vinculada às segundas residências tem contribuído com o crescimento econômico das comunidades e provocado o deslocamento de pessoas, com o objetivo de estabelecer-se e melhorar suas condições de vida. Neste sentido, os movimentos migratórios impulsionaram a construção de habitação e casas residenciais para um setor da população com diferentes características socioeconômicas que lhe permitem adquirir espaços habitacionais em lugares de sua preferência e com ampla mais valia.⁹

Esse tipo de utilização da hospedagem que se configura no litoral traz ótimos benefícios, mas, também, malefícios enormes. Traz impactos como qualquer tipo de Turismo, e apesar de não se configurar como unidade habitacional tradicional da estrutura turística, nosso papel de gestor deve ser levar esses residentes em consideração, quando houver programas de conscientização e sensibilização, buscando remediar os impactos do Turismo e o desenvolvimento da própria comunidade, pois, se os negligenciarmos, não poderemos prever a utilização sustentável do Turismo.

Esse foi o problema que se apresentou para mim, durante a pesquisa, de fato, o desejo de ficar ali para sempre foi inevitável. Brotou forte, a vontade de veranejar ou ter uma casa lá, mas o fato é que esse desejo, por parte dos turistas, deve ser levado em consideração pelo planejamento do Turismo.

O estopim para essa organização, por parte dos surfistas locais, foi que expulsaram um local de dentro da água. As pessoas que fizeram isso tinham no Farol sua segunda residência e não morada. Esses moradores, se achando locais, se julgaram donos das praias e, em um ato egoísta, maltratam aqueles que são visitantes. Neste caso, porém, fizeram com um morador da comunidade realmente local, e a comunidade se uniu, em reunião, e como medida foram todos juntos, na própria praia, conversar com esses moradores.

Katy: De limpeza, então, é a parte do surf ali eu na minha opinião é nem o nativo e nem o local nem, o turista e nem ninguém pode querer mandar na praia. A praia é de quem vem, só que, como pro surf tem um certo respeito, eles respeitarem o local esse pessoal

⁹ Tradução Livre do Original: [...] la actividad turística vinculada a las segundas residencias ha contribuído al crecimiento económico de las comunidades y provocado el desplazamiento de personas, con el objetivo de establecerse y mejorar sus condiciones de vida. En este sentido, los movimientos migratorios impulsaron la construcción de viviendas y casas residenciales para un sector de la población con diferentes características socioeconómicas que le permiten adquirir espacios habitacionales en lugares preferentes y con amplia plusvalía.

que tava se sentindo local e tratando mal o turista eles eram aqui da região é Criciúma só que eles ou têm casas aqui no Farol ou eles vêm tipo no mês que tem trinta dias eles vem vinte, vinte dias do mês eles tão aqui. Então eles acham que eles são locais, aí que que acontece aí quando entrava o João ou algum local, tudo tranquilo, mas quando o João tava na água e via que ele entra um turista ele via que que eles queriam engrossar com o turista, já teve situações de, por exemplo, quando o canal aqui o OFF tava gravando, eles chamaram a guria, xingaram a guria, a guria saiu chorando, ai já teve situações de um cara, sair com a prancha quebrada, eles brigam, eles brigam de brigar.

Renan: Quando o OFF tava gravando, o pessoal deu, deu problema com o pessoal...

Katy: Deu foi aí que eles, que a deu, parte do problema foi solucionado, por que, por que isso ai já vem acontecendo há muito tempo, e o pessoal nunca fez nada achando ruim mas nunca faziam nada, ai quando esse pessoal tava aqui, era mulher que tava surfando, e o pessoal xingo ela, chamaram ela de filha da puta, e tal, ai ela saiu chorando, ai o como o pessoal tava hospedado aqui acabaram nos contando, e aí u nesse whats app, grupo aí foi um pro outro, eles se organizaram nuns vinte trinta, aí foram lá no pessoal o pessoal que xingo a guria não saíram d'água, mas uma hora ia ter que sair. Aí deram o recado, sai e vai lá na pousada. O responsável que fez isso vai lá na pousada, ai o cara veio deram uns dois tapa no cara assim, deram uns tapa no cara, e avisaram, o isso ai hoje é só um aviso, se a se a situação continuar assim a coisa vai ficar pior pro lado de vocês, porque já teve várias pessoas que reclamaram de chegá na praia e tipo se quase que escorraçado da praia porque eles achavam que a praia era deles. Só que, em compensação, a praia é cheia de lixo, chei de nojeira. Eles botam o som alto nos carro, achando que tu tem que escutar o que eu quero escutar, o que eles querem escutar. Aí a coisa tava, tá i, tava e ainda tá meio bagunçada.

Renan: Tu tava falando que aconteceu ali na Prainha exatamente?

Faísca: Não sei parece que o cara ali de Criciúma meio que tento é rabio o cara, não sei como é que foi direito. Aí o cara é tu pensa que tu é da onde, não sei o quê daí o cara era daqui e aí deu a zebra e...

Renan: Mas, normalmente, os cara que abusa aqui são o pesso, não é exatamente o pessoal que vem de fora pra visitar uma vez?

Faísca: Não é assim ó é pessoal, que mora na região. Por exemplo, Criciúma, e Tubarão e, daí se acha do lugar assim mas do que, ta ligado bota o outro pra correr e é muito doído porque o pessoal daqui é super passivo entendesse, de boa pá, por que porque aluga casa, por que, claro tem uns cara de Criciúma que pô chega aí e querem botar banca. Daí a galera é obrigada a pô, não quem é daqui é a gente, mas no mais assim é tranquilo cara

Renan: Porque na época que eu tive aqui a última vez, eu lembro que vocês falaram um pouco sobre isso aí que teve até uma

reunião dos surfistas daqui e tal que o pessoal tava atrapalhando o turismo daqui né? Porque cês tavam recebendo o turista e aí os cara tavam tirando os turistas da água, dizendo que eram locais e os cara tavam acreditado que eram locais né?

Fáisca: É isso ai.

Renan: Como é que foi essa reunião, tu tu chegô a saber alguma coisa ou ?

Fáisca: Assim cara, a reunião a gente fez a reunião lá. A gente na verdade, ia reativar uma associação mas ai não deu e a relação era essa aí né, cara que o pessoal vem de fora tal e se instala e ai já é local e aí bo tipo o pessoal pô precisa do turismo pra viver pra restaurante pa aluga uma casa e tal e os cara botam pra, pra fo, pra pra correr né. Os cara de Criciúma, por exemplo, pa, os cara de Criciúma e tem trabalho lá tem dinheiro que vem de lá e ai botam o pessoal de fora. Ah vão sai daqui, vão surfar em outro lugar, mas pô o cara precisa do turista que vem aqui porque os cara de Criciúma da região não gasta aqui...

João: a gente presenciou e né eu fiz parte desse, dessa ação com a galera aqui né, porque assim, o Farol o que que é o Farol? É um lugar que vive do turismo hoje, tem a pesca mais, vamo dizer que sessenta por cento hoje é do turismo. Então, tem alguns frequentadores aqui que é da região que são mais perto tem, eles tem a condições de tá vindo mais frequentemente. Então, a gente tem a praia da Cigana aqui que foi aonde rolou a situação que, que os cara de fora tavam tentando domi, é agindo como dono do pico e queimando o próprio lugar do Farol, por que o nativo ele é o, cara ele é pacífico, ele é muito pacífico. Então é, como é que eu vou te dizer, tava passando um imagem ruim pro turista que tava chegando aqui, tipo tu num, tu não conhece bem dizer o Farol assim em termos de quem mora e quem não é daqui, mas, já pensô tu chegá lá com a tua mina, vai entrar no mar, sem tu fazer nada os cara já tão te esculachando; sai daqui gauchão, vai pra lá seu haule e tal. E isso ai passa uma imagem ruim né.

Renan: Por que ai os cara vão pra lá achando, há! O nativo daqui que me mandou embora, quando na realidade não é bem o cara que é daqui ...

João: Aí o que que aconteceu? O povo daqui foi deixando e tal, chega uma hora que a panela ferveu cara daí, todo mundo se junto, e vamo lá ver qual é isso ai, mandamo todo mundo sair da água, e começamo assim ó, vocês não são daqui, o pico tem que ser respeitado, a gente que é daqui, a gente não bota pressão né, por que que vocês vão vim aqui e fazer isso ai com as pessoas que tão vindo pra cá

Renan: Não bota pressão nem com vocês.

João: E eu acho que, depois disso aí, agora tá, tá assim tá pianinho, tá piando.

Renan: Tá de boa tá de boa.

Com o turismo não é diferente, o medo, apesar da prosperidade, é realmente o fim da cultura do Farol, num Turismo predatório e especializado, de fato, mencionado diversas vezes essa prosperidade e esse receio. Esse turismo predatório está justamente sendo visto como possibilidade, pelo descaso e pela má gestão e planejamento do destino, principalmente pelos órgãos municipais. Em diversos trechos, essa preocupação se apresenta como a maior preocupação dos moradores, até pela preservação do ambiente natural:

João: É assim a gente, particularmente, nós, a gente gosta de ver ter as coisas limpas né, e se a gente que é daqui não tomar a iniciativa e esperar pelos órgãos né, é complicado porque, a prefeitura aqui ela é muito negligente cara, muito assim e também, é o povo daqui também teria que se unir mais, aqui a gente sente assim um pouco né, então, tem que chegar assim ó cara se tu quer vai lá e faz então, não dá pra ficar esperando pelos outros, então a gente já tá nessa, a gente já fez vários quatro cinco sei mutirões eu acho, no decorrer aí e...

Renan: Esse ano foi foi fez bastante...

João: Então, e é um lugar que é eu acho que é o mínimo que a gente tem que fazer pelo lugar né porque, tá aqui pra curtir e tu acordar com teu quintal sujo, é eu acho que...

Renan: É ruim, sim se limpa o teu quintal, é aquilo que tu falou né teu escritório ali.

João: verdade é, não tem cara.

Renan: Teu escritório ali, não cara mas eu acho que é assim mesmo, agora só uma uma ultima pergunta assim que é uma curiosidade minha pra, que tu enxerga de repente desafio pro turismo aqui pro desenvolvimento do turismo fu, pro futuro do turismo daqui assim, que que tu acha que pode prejudicar e o que que tu acha que pode ajudar?

João: É eu acho que, pro futuro, o meu maior medo é a parte dos órgãos né, principalmente prefeitura, cara porque é não só aqui né o Brasil é é corrupto cara então. Então, a lei é de quem tem dinheiro né, quem obedece a lei é o pobre que não tem dinheiro pra fazer e ir lá e comprar mas quem tem dinheiro, faz prédio onde não pode, desmata onde não deve e esse é meu maior medo. É vim aqui os grandes empresários e querê metê um *resort* fecha a praia pra eles, que a gente tem vários exemplos aqui né. Recentemente, a gente fez um, a gente abraçou uma causa aqui muito grande aqui na praia do Gravatá, que é a única praia aqui de, da região de Laguna da balsa pro Farol, que é praia, cem por cento preservada né, não tem habitação nenhuma. Pra tu chegar tem que ser por trilha. Os caras da prefeitura tavão fazendo lá pra vender essa área, uma praia que é qualquer um né, pública, eles queriam o privatizar essa praia e fazer um teleférico pra chegar nessa praia e meter um *resort* e fechar lá, uma praia fechada, não tem, isso é o medo hoje de, e outro é a parte ambiental né cuidar

do lixo do esgoto e selecionar mais o público também, porque se deixar a Deus dar a acaba com as riquezas né cara. Tem que controlar né cara.

Katy: Eu acho que o nosso maior desafio talvez seja o que o Farol perder a essência de hoje, que é restaurante de forma formato de casa, que era casa e abriram os as repartições e virou restaurante. Todo mundo serve as mesmas coisa, meio que a gente não é tão concorrente porque sempre tem movimento. Então todo mundo ganha, algum tem uma estrutura melhor, outro tem estacionamento outro tem internet outro não e a nossa a nossa preocupação é o que, é vir grandes empresas com poder aquisitivo maior, fazer coisas que fogem do do nosso padrão e a gente fica pa trás.

Renan: E como é que tu tá enxergando o desenvolvimento do turismo ai nesse tempo que.

Faísca: Cara, assim é desordenado né? Muita especulação imobiliária é tipo, ah! Cara, sei lá tipo onde passa o ser humano parece que há desgraça né aquela, e agora vamo ver tem que ver né tem que esperar mais um tempo aí, porque tá tudo muito recente. O asfalto acabou de sair tal, daqui uns dois anos ai a gente vai, vai ter mais...

Renan: É cara mas eu te falo assim mesmo. Assim, o ser humano por onde passa muita desgraça mas também tem muita coisa boa. A galera que eu conhecia, com a oportunidade de voltar, sempre tem cara sempre tem...

Faísca: Isso que assim não faz o cara perder totalmente aquela, entendesse. É essas pessoas assim cara que tipo pô. As vezes o cara tá lá tem um monte de professor que pá, mas pô tem um que é o cara assim, gente mais , gente de primeira. E aí o cara vê assim. Porra a humanidade não tá perdida, tem uma esperança, no meio de tanta desgraceira não é verdade.

Renan: É verdade.

Faísca: A parada é, então é assim cara.

Renan: Show de bola show de bola, cara, vô te agradecer imensamente de novo.

Apesar de tudo, enxergam esperanças justamente no estilo de vida e na cultura do lugar. E mesmo aqueles que se beneficiam justamente da segunda residência, testemunham que o desenvolvimento do lugar tem que ser mais organizado e melhor gerido, para que esse se mantenha.

Rafael Córdova foi meu o primeiro contato com a hospitalidade do Farol. Sua fala é marcada pela importância e relevância de trabalhos e pesquisas que auxiliem na manutenção e prevenção da continuidade das atividades turísticas do Farol. A

todo o momento ele ressalta a importância do papel do poder público, e também, a preocupação com que se tenham estudos que auxiliem no crescimento da comunidade para o seu desenvolvimento.

Rafael Córdova: Então, cara, eu acho primeiramente, só no Farol de Santa Marta, o que falta é organização, perante a prefeitura, então o desenvolvimento no Cardoso tá sendo mais controlado porque o turista que tá vindo pro Cardoso é um turista que tem o que mais...

Renan: Mais grana.

Rafael Córdova: É o cara tem mais grana porque o cara vai ali pro condomínio, entendeu, já (telefone toca)

Renan: Pode atender

Rafael Córdova: Não não, tá tranquilo, vem pro condomínio, vai ali pro o cara tá fazendo umas casa gigante casa bonita, lá na prainha não, os cara cresceram desordenado tão tudo amuntoado...

Renan: Hum.

Rafael Córdova: Então aqui já tá uma qualidade bem melhor. então o turista que tá vindo hoje pro Farol de Santa Marta na Região do Cardoso é um turista que se preocupa mais com o Farol de Santa Marta, numa crescen ... num tá crescendo organizado e cum já num saneamento básico se preocupa, e o desenvolvimento pra pra eu acho pra comunidade aqui tá sendo ótimo cara, no lado do Cardoso se ele se ainda, como eu te expliquei na outra vez, se o ministério público e a prefeitura, se organiza mais, perante cuidados com a beleza do lugar eu acredito que pode ser um cartão postal essa nossa entrada aqui ó que é o Cardoso, mas, pra isso tem que se organizar o município...

Renan: Mais ainda.

Rafael Córdova: Mais ainda.

Renan: E tu acha que eles se preocupam mais, só por causa da grana ou tem algum outro motivo? Por que eles tem mais grana tem mais essa consciência ou tem algum outro motivo?

Rafael Córdova: Não eu acho que o pessoal que tem mais grana eles tem mais consciência, não é questão que tem mais consciência ele sabe construir no limite dele, ele faz aquela coisa bonita, mas ele tem consciência de ir ali faze um... Ele não vai soltar um esgoto na prainha, porque, na na no Cardoso, por que vai contaminar, pessoal do outro lado já não pensa muito, bah não tem onde fazer fossa, liga o tubo. Então aqui o pessoal já tá, já tá se se, na pensando lá na frente entendeu? Até tem um convite aqui ó, hoje os cara vão fazer uma reunião pra monta uma associação Moradores do Farol de Santa Marta, aqui do Cardoso, pessoal do Condomínio.

Renan: Pessoal do condomínio?

Rafael Córdova: É, vieram me convidar pa participar.

Renan: Mas esse pessoal do Condomínio é veranista ou mora aqui?

Rafael Córdova: Veranista.

Renan: Todos eles são veranistas.

Rafael Córdova: Todos eles são veranistas

Renan: E esse período que eles tão fora ou tão aqui interfere, eles se preocupam também nesse período que eles tão fora? Como é que...

Rafael Córdova: Eles se preocupam cara, se preocupam sim. Tem alguns que se preocupam, e em questão de renda né cara, os cara trazem, os cara vêm e po quanto os cara não trazem no verão pra cá? Quanto os cara não compram no mercado ali, os cara não come numa lanchonete restaurante?

Renan: Então, na realidade, o turismo traz esse desenvolvimento?

Rafael Córdova: Muito! Hoje o Farol, foi o que eu te falei, hoje o Farol não vive da pesca, hoje o Farol vive do do turismo .

Renan: E aí esse pessoal que veio de fora começou vindo como turista, óbvio, depois começo.

Rafael Córdova: Como turista, aí claro, veem uma beleza natural, igual a tu se tivesse uma chance de vim mora aqui tu não viria, fazer uma casa aqui.

Renan: Com certeza,

Rafael Córdova: Tu vem pra cá é como tu falou ó, tem beleza , vem pra cá , ai se apaixona pelo lugar, ai o interesse é construir e ficar. Aí claro, tu vem no verão fica três meses aqui, quem pode ficar né...

Rafael Córdova: Não é um, sei lá cara assim ó, é aquela coisa que eu te falei essas, essas ONG essa parte de ambientalismo que eles tão batendo muito em cima, muito em cima de construção, de de, porra uma, mas po, vamo fazê um estudo vamo, vamo pegá os técnicos os cara estuda pra ser isso, vamo lá pega o técnico ambiental, um engenheiro ambiental, um biólogo, um , porra vamo junta os cara, vamo faze um estudo po, aqui pode fazer aqui não pode, aqui vai atrapalhar, se tu tem um terreno de 300 metros quadrados, constrói só 20 metros quadrado e deu quer quer , não quer não constrói, mas os cara vão lá, tem 300 metros quadrado constrói 300 metro vai fazer uma fossa aonde vai fazer uma garagem aonde? Então os cara não estudam isso por, param analisam, tem um terreno de 300 metros quadrado o município vai ali, 300 metros quadrado não, tu pode construir só 40 metros quadrado, pronto só, o resto é terreno livre não pode fazer mais nada, queres assim quer. Então, é onde tá atrapalhando, por que dai eles não estudam. Eles não tão fazendo esse estudo, ai o que a o, ai no caso que que aconteceu, a gente foi nas reuniões, e ai foi liberado o plano diretor no município, o

plano diretor diz que lá no Farol pode fazer um monte de coisa e tal em vários terrenos. Aí o que aconteceu, o código do reflorestamento não permite nessa área, então tá havendo um,

O localismo, como mecanismo de defesa da comunidade, representa uma alternativa ótima para o Turismo de massa; porém, cria a possibilidade do localismo para os moradores de segunda residência. Esse localismo é prejudicial nas práticas do Turismo.

4.3. SÍNTESE DA TRAMA

A proposta a partir deste ponto é apresentar, em síntese, os momentos em que a onda teórica esteve em conexão com os momentos vividos em campo. Para isso, foi feito um resgate dos principais trechos de fala que geraram as reflexões aqui elaboradas.

Com isso, é possível, em analogia com o surfe, resgatar as melhores ondas surfadas na *série*, rerepresentando os melhores momentos de fala, explicados segundo as escolhas teóricas, finalizando em uma síntese da trama entre as teorias e a pesquisa empírica, trama essa entendida a partir de Baptista (2014).

No campo, uma onda que se mostrou forte e que interfere no turismo e no modo como a atividade se desenvolve é a cultura da comunidade local, entendendo cultura, segundo Geertz (1989) como os fazeres da comunidade local. Os moradores que não passam todo o ano no local não têm ideia da dimensão e da importância das práticas do Turismo e da pesca, no cotidiano e nos fazeres, ou seja, na cultura da comunidade local. Eles também não levam em conta essa cultura para o rendimento e a manutenção da atividade do Turismo de Sol e Praia.

Katy: Aí vamo ser igual, eles aí vai perdendo a essência, vai perdendo até, é cultura, na verdade, é como se fosse cultura, por que, se tem quinze restaurantes, os quinze servem a mesma coisa, do mesmo procedimento, ninguém tem anchova na brasa, todo mundo tem anchova grelhada ou frita em postas fritas, filé filé a milanesa é filé grelhado ninguém faz molho de maracujá, molho de mostarda, ninguém tem...

A hospitalidade e o bem receber, bem como a qualidade, no que definem ser o modo do Turismo na localidade pensado segundo Camargo (2008), são aspectos

pautados pela relação com a pesca e com os pescadores como cultura, entendida segundo Geertz (1989). Nesse caso, estão presentes, desde o princípio da atividade, como podemos ver nos trechos de fala destacados:

Adilson: [...] vamo fazer um restaurantezinho pra nós, um restaurante pra nós, servir o turismo, e o turismo quer, que que o turismo queria, o turismo queria um peixe fresquinho, que o pessoal da cidade come aqui o peixe congelado do mercado né e não sai satisfeito né, o peixe congelado do mercado, ...

E como Arantes e Santos, (2010) descrevem em seu estudo, as atividade do turismo na localidade se caracterizam com interesse nos fins econômicos e base na sazonalidade da pesca artesanal e do turismo, adquirindo forma de acordo com a época do ano em uma logística simples e funcional.

Adilton: [...] a gente foi crescendo assim, meio no no verão trabaia com o turismo e no inverno a gente pesca...
Katy: [...] o turismo começou com mais simplicidade e menas ambição assim...

A dádiva de Marcel Mauss (2002) encontrei como uma relação natural estabelecida na cultura turística das praias e as culturas do surf e da pesca. Tudo isso representa, segundo a concepção de hospitalidade aqui trabalhada, o objetivo de caracterizar as atividades turísticas nas Praias do Farol. Uma das características é a troca da hospitalidade que eles mesmos descrevem nos trechos destacados:

Adilton: [...] o povo gosta do farol por causo disso né, olha só aquele casal que tá ali ali. Ele veio semana passada aqui né Rafa. Aí veio ali pediu um camarãozinho, daí viu o prato da anchova passar aí veio esse final de semana comer, é assim que funciona né.

Adilton: Peixe é bom não é? É, mas e o o, a gente também sai por aí, não tem, a gente sai, a gente viaja, anda bastante lugar também, mas eu acho que a nossa, assim a nossa recepção aqui é melhor do que, eu acho que nós subemo agradar mais do que chega aqui, do que a gente quando sai não é tão agradado entende?

Faísca: É que, tipo assim ó, o povo humilde assim né, tem muita fé, tá ligado? Tem muita fé na parada e porra muito receptivo, assim. Isso eu acho muito parecido assim, porra é, por exemplo, tu chegô ali na vó né? Assim: “o cafezinho fica aí”. Não sei o que então tem isso assim lá. Pô, eu fiquei amigo pra caramba dos cara lá do barco, pá os cara super.

Renan: Tu acha que isso influencia positivamente no turismo?

Faisca: Influencia cara, influencia.

João: Faz a pessoa sair de longe e vim pra cá, a hospitalidade das pessoas aqui eu acho que é também, é legal.

João: [...] a gente recebe o turista aqui, mas a gente também é tenta sair conhecer outros lugares, o que eu, o que eu olho assim percebo que pô tu vai num lugar é muito que automático né, tu vai chegá ali, a pessoa atende e tal, faz o que tem que fazer, bem né, mas, aqui não. Aqui no farol, o cara já chega, já puxa um assunto, já fala de outra coisa. Então acaba se formando um vínculo. Então, isso aí te faz retornar, por que tu vai lá tal, quer saber como é que tá.

Essa relação de trocas pode ser boa, mas também representa múltiplos contatos e, como todo contato, imbricado de representações e de conflitos, esses apresentados no trecho a seguir se estendem para as trocas entre as culturas. Acredito que a relação entre visitantes e visitados pode ter seu lado positivo, mas também seu lado negativo nessas trocas (SMITH; BRENT, 2001 e BURNS, 2002):

Faisca: [...] tem assim ó do pescador artesanal com o pescador industrial, é um conflito, o outro conflito é pescador com o turista, que o pescador não gosta do turista...

Adilson: [...] não quer saber, não deixa da o, fecha o ciclo, a nossa rede aqui é malha onze, onze centímetro, peixe de dois quilo e meio três quilo, então aquele peixe ali ele já cresceu, já ficou adulto, desovou [...] já reproduziu, pa depois nois pega, agora os barco grandão, os trainhero os barco de arrasto industrial, a malha deles e malha dois e meio dois dai tu e a diferença...

Rafael: O que a gente não quer é stress com turismo né, a gente não que né, a gente tá vendo né que a coisa tá mudando né, pa turismo também, não é só pesca é pa turismo também né, e a gente não quer stress com eles né, o que a gente quer é conversar com eles é ver opiniões né conversa, e a gente acha legal isso e e não pode fazer isso, eu acho assim, inclusive até na na no verão agora, eu e ele aqui ainda brigemo com os nativo daqui por causa que eles quiriam o né tira o turismo da, brigando no mar por causa de onda, isso ai nós achemo errado né, nos somo contra isso ai.

Faisca: [...] não é assim ó é pessoal que mora na região, por exemplo, Criciúma, e Tubarão e, dai se acha do lugar assim mas do que, ta ligado bota o outro pra correr e é muito doido por que o pessoal daqui é super passivo entendesse, de boa pá, por que por que aluga casa, por que, claro tem uns cara de Criciúma que po chega ai e querem botar banca dai a galera é obrigada a po, não quem é dia é a gente, mas no mais assim é tranquilo cara...

Katy: [...] tava aqui, era mulher que tava surfando, e o pessoal xingo ela, chamaram ela de filha da puta, e tal, ai ela saiu

chorando, ai o como o pessoal tava hospedado aqui acabaram nos contando, e ai u nesse whats app, grupo ai foi um pro outro eles se organizaram nuns vinte trinta, ai foram lá no pessoal o pessoal que xingo a guria não saíram d'água, mas uma hora ia ter que sair ai deram o recado sai e vai lá na pousada, o responsável que fez isso vai lá na pousada, ai o cara veio deram uns dois tapa no cara assim, deram uns tapa no cara, e avisaram, o isso ai hoje é só um aviso, se a se a situação continuar assim a coisa vai ficar pior pro lado de vocês...

Esses desdobramentos característicos da descrição feita anteriormente, culminam em problemas e em possibilidade de resolução, partindo da comunidade. O problema enfrentado com o localismo ilustra o que Krippendorf (2000) e Barretto (2003) se referem com a comunidade se pronunciar sobre seus desejos quanto ao turismo.

Segundo Castrogiovanni (2003), a comunidade é a primeira a aceitar e a tomar posse desse turismo. Nas Praias do Farol, eles entendem suas práticas como cultura uma manifestação de seus fazeres que eles têm interesse que se mantenha .e medo que isso não aconteça. Essa cultura turística local aparece em aproximação com o estilo de vida do surfe, o cuidado com o local e a preservação das relações com a natureza.

João:[...] É assim a gente, particularmente, nois, a gente gosta de ver ter as coisas limpas né, e se a gente que é daqui não tomar a iniciativa e esperar pelos órgãos né é complicado por que, a prefeitura aqui ela é muito negligente cara , muito assim e também, é o povo daqui também teria que se unir mais, aqui a gente sente assim um pouco né, então, tem que chegar assim ó cara se tu quer vai lá e faz então, não dá pra ficar esperando pelos outros, então a gente já tá nessa, a gente já fez vários quatro cinco sei mutirões eu acho, no decorrer ai e...

João: É eu acho que pro futuro, o meu maior medo é a parte, dos órgãos né, principalmente prefeitura cara por que, é não só aqui né o Brasil é é corrupto cara então, então a lei é de quem tem dinheiro né, quem obedece a lei é o pobre que não tem dinheiro pra fazer e ir lá e comprar mas quem tem dinheiro, faz prédio onde não pode, desmata onde não deve e esse é meu maior medo é vim aqui as grandes empresários e quere mete um resort fecha a praia pra eles.

Katy: Eu acho que o nosso maior desafio, talvez seja o que o Farol perder a essência de hoje que é restaurante de forma formato de casa, que era casa e abriram os as repartições e virou restaurante, todo mundo serve a mesmas coisa, meio que a gente não é tão concorrente por que sempre tem movimento então todo mundo ganha, algum tem uma estrutura melhor outro tem estacionamento outro tem internet outro não e a nossa a nossa preocupação é o que, é vir grandes empresas com poder aquisitivo maior, fazer coisas que fogem do do nosso padrão e a gente fica pa trás.

Faisca:[...] cara assim é desordenado né, muita especulação imobiliária é tipo, a cara sei la tipo onde passa o ser humano parece que há desgraça né aquela, e agora vamo ver tem que ver né tem que esperar mais um tempo ai, por que ta tudo muito recente o asfalto acabou de sair tal, daqui uns dois anos ai a gente vai, vai ter mais...

É primordial o entendimento de que o turista traz benefícios pra comunidade local, e essa comunidade cresce com o dinheiro desse turista e se mantém com uma boa autoestima quando há valorização desse turista para as suas práticas. Contudo, o veranista, não percebe essa importância, por não ter a mesma necessidade, não tendo assim, a mesma hospitalidade pautada na dádiva que a comunidade local.

O veranista ou morador de segunda residência, não precisa desse turista e não recebe nada dele, a não ser lotação ou '*crowd*' (mar cheio para os surfistas). Ele tem suas necessidades econômicas supridas na sua cidade. Sendo assim, nem eles têm interesse em trocar experiências com o turista e nem o turista tem interesse em ter experiências com eles.

Essa situação tem que ser gerenciada por especialistas e controlada pela comunidade local, bem como a reunião para o Turismo. É necessária uma intensificação do localismo da comunidade, para uma diminuição do localismo de segunda residência, como foi feito pelos surfistas que não concordavam com o tratamento que estava acontecendo no mar.

Vemos que, muitas vezes, como define Ramos (2014, p.13), a gestão não traz ferramentas para o desenvolvimento dessa preservação, mas acredito que o Localismo possa ser um dispositivo para isso, inclusive como uma possibilidade ou como uma ferramenta para educação patrimonial.

[...]o IPHAN exalta a necessidade da Educação Patrimonial e a insere como princípio em todos os seus programas de revitalização do patrimônio cultural, não apresenta frentes de trabalho ou ações concretas desenvolvidas que possam revelar algum resultado significativo. É necessário compreender a Educação patrimonial como parte de uma política cultural de preservação do patrimônio que deveria abranger necessariamente um âmbito maior que o de um conjunto de atividades visando à proteção de bens culturais.

É possível que esse localismo do surfe e esse estilo de vida seja transportado, em um planejamento que preserve as práticas turísticas e a própria

cultura turística nas Praias do Farol. Muito disso, já foi feito, porém, ainda mais planejamento é necessário, com o auxílio de um especialista em Turismo e com a participação integrante da comunidade local.

É válido ressaltar que, segundo Gândara, Hack Neto e Manosso (2014), os municípios, são ou devem ser os primeiros consumidores e muitas vezes, os vendedores da localidade, assim, políticas de inclusão e participação da comunidade local são fatores condicionantes em toda e qualquer prática da gestão mercadológica dos destinos sendo essa justaposta através do fato referido.

A experiência brasileira tem demonstrado que alguns dos atributos importantes deste tipo de turismo são a autonomia e o protagonismo das populações locais no desenvolvimento da atividade. Ao contrário de lógicas perversas que ocorrem em grande parte da operação do turismo em macro escala, no qual as populações locais se integram (quando se integram) de forma subalterna, no turismo que se pretende “de base comunitária” seu papel central vai desde a organização e eleição de elementos mais adequados e desejados, até os ganhos com a atividade. A escolha e determinação dos recursos a serem utilizados - humanos naturais e patrimoniais -, neste caso, são feitas tomando-se prioritariamente os interesses coletivos do grupo social em questão, mesmo que articuladas aos interesses do mercado globalizado e não exclusivamente para atender às demandas deste último. (FERREIRA, 2014 p.366)

Sendo assim o que se buscou aqui era demonstrar os desdobramentos da atividade turística nas Praias do Farol e o que se conseguiu foi ver além do conteúdo econômico, alternativas para manter a atividade no local, segundo o interesse de sua própria comunidade.

O que se percebe, pensado a partir de Jiménez, Valdés e Nechar (2014), é que o estudo intercultural do Turismo passa por uma reflexão filosófica crítica, mas com sensibilidade em relação à cultura local, de forma que a diversidade cultural seja levada em consideração, em contraponto à realidade da sociedade, pois, segundo os autores, “Há de se compreender muito o que dizem as diferentes culturas quando delas, se aprendeu pouco[...]” ¹⁰ (JIMÉNEZ, VALDÉS E NECHAR, 2014, p.198). Compreende-se, portanto, que há a necessidade de ouvir as diferentes culturas, para que se aprenda sobre uma cultura turística.

¹⁰ Tradução Livre do Original: Habría que comprender mucho lo que dicen las diferentes culturas, cuando de ellas se ha aprendido poco[...].

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação traz aproximações que, ao longo de toda a minha trajetória no Mestrado, representaram um aprendizado e uma reconstrução. É difícil descrever, ao final deste estudo, realmente no que me transformei e o que pude transformar. Acredito que, muito mais do que o relato de uma produção, apresento o resultado de um processo de desterritorialização, que, de alguma maneira, pode vir a ser também um indicativo para aqueles que estiverem dispostos a se desterritorializar e se lançar em novas investigações. Essa desterritorialização aconteceu comigo e faz com que o objeto de escrita deste capítulo se torne difícil de escrever. Do mesmo modo, é difícil descrever o que me reterritorializa, ou o que me tornei após essa experiência.

O fato é que acredito na melhora, a partir da pesquisa, e que ela me proporcionou uma reflexão a respeito do turismo, no que diz respeito ao meu objeto de estudo empírico. Há muitos aspectos que foram me ensinando um modo de fazer pesquisa e de pensar o 'campo', o modo de visitar e ser visitado pelo conhecimento e pelo que se transformou em 'meu lugar'. O representativo, aqui, além da forma como conto, pareceu-me ser a construção da pesquisa como um todo, bem como o fato de que a pesquisa procurou demonstrar, como possibilidade, as perspectivas da própria comunidade sobre o desenvolvimento do que aqui apresentei como cultura turística.

De certa forma, consigo ver alguns pontos importantes do estudo em sua interface com o turismo. A própria representação dessa dissertação é um desses pontos, a materialidade da minha reconstrução, a partir do que me visita, é a visita que faço. Descrevi aqui essa visita, essa viagem, como se fosse uma *série* de surf, contada como foi, passo a passo, desde sua entrada, o *drop*, até a última espuma, já na sua saída.

Essa forma de contar pode possibilitar que, posteriormente, seja reestudada ou reinterpretada. Alinha-se à proposta de pesquisa contemporânea. Nesse sentido, acredito que a aproximação relatada de forma pessoal possa ser levada em consideração na escrita da experiência acadêmica. O subjetivo pode ser levado em consideração na escrita e na leitura de uma pesquisa qualitativa. Como defende

James Clifford (2002) e Clifford Geertz (1989), esse subjetivo pode ser muito relevante para essa pesquisa.

Além da forma de contar, esses autores citam, mesmo que subjetivamente, a importância do pesquisar aquilo que se tem propriedade. Trigo (2013) apresenta a viagem como ato de lazer, e o que é toda a pesquisa se não um viajar profundo subjetivamente por aquilo que te desperta curiosidade? É essa a definição que Baptista (2013) traz como afetivação desejante, e segundo essa acredito ter respondido aos objetivos da pesquisa.

Por tanto, buscando entendimento e responder aos objetivos propostos no início de pesquisa, como resultado das características das práticas turísticas nas Praias do Farol, foi encontrado e apresentado, segundo seus residentes, uma diversidade de olhares. Para além da caracterização física das Praias do Farol, busquei o subjetivo do que o lugar me apresentava. Dessa forma, segundo Geertz (1989), pude compreender que a vida em sociedade lá segue padrões representados por seus fazeres, fazeres esses que o autor denomina como cultura, os fazeres principais característicos encontrados são: a pesca, o turismo, e o surfe.

Outras formas de cultura são também marcas das características culturais das Praias do Farol; entretanto, as que se apresentam nas práticas turísticas são essas. Ainda é representativo das características que esses fazeres seguem padrões sazonais, a pesca em um determinado período do ano e o turismo como prática em outro período. Ressalto, também, o que defino como cultura de prática do surfe, que está transversal tanto nos fazeres da pesca quanto nos fazeres turísticos, mesmo que esses não sejam todos pescadores, por exemplo, é possível ver em seus fazeres características da cultura surfe.

Quanto às relações estabelecidas entre os turistas e a comunidade, ao que pude perceber, tem um princípio básico, que teoricamente descrevi como hospitalidade. Para Marcel Mauss (2002), existem implicitamente, contratos sociais estabelecidos, baseados no Dar, Receber e Retribuir, um sistema de trocas que se replica de acordo com as práticas culturais de cada comunidade.

As práticas da cultura turística da comunidade do Farol estão pautadas nesse

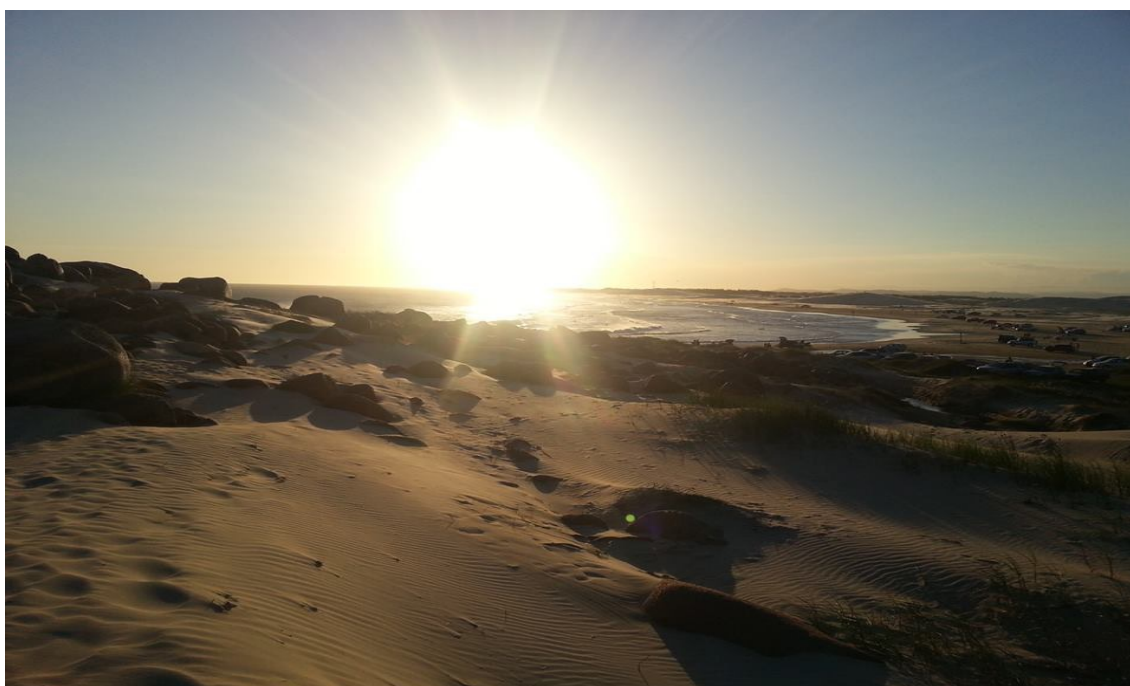
sistema de interesse. Pude perceber que o princípio da atividade também se tem a partir desses contratos sociais. O fato é que a comunidade quer o turista, e alguns turistas buscam o contato com a comunidade. Dessa forma, a comunidade busca atender a essa demanda. Esse sistema descreve as relações estabelecidas nas Praias do Farol, e se estende às práticas culturais características das manifestações culturais de seus residentes. À medida que a pesca troca com o turismo em temporalidade e em auxílio, o turismo troca com o surfe nas relações de entendimento sobre a localidade. Nesse mesmo passo, existe a troca dos pescadores com o turismo e o surfe em seus momentos de lazer, enquanto que o desenvolvimento da atividade turística mantém a pesca em tempos de escassez de peixe.

Dessas relações estabelecidas, a partir das características das Praias do Farol, emergem desdobramentos, segundo sua comunidade, medos e incertezas, com relação à forma como o turismo vai continuar na localidade. A verdade é que uma cultura turística traz características de autopreservação, para que ela se mantenha como foi desde a sua implantação. O medo com relação ao planejamento da atividade, com relação à perda de suas características originais e do seu negócio, é proveniente dos desdobramentos das relações da atividade.

De certa forma, o turismo de trocas, como acontece lá, tem também como marca a volta desse turista como residente ou com segunda residência, despertando também interesse de grandes empresas no local. Segundo seus residentes, o maior medo é que, com os desdobramentos dessas relações, a cultura turística do local se perca. A marca desse medo é também um dos desdobramentos das características relações estabelecidas lá. Existem atitudes preservacionistas, por parte da comunidade, para com aquilo que consideram como patrimônio que construíram ao longo desse crescimento recente do turismo. O localismo foi apresentado como uma situação de cuidado do surfe, que transversalmente se assemelha às situações que esses desdobramentos, como, por exemplo, os mutirões só de locais para um cuidado com as Praias do Farol, envolvendo práticas de recolhimento de lixo e pedidos junto ao poder público.

O presente trabalho relata o processo de busca de um entendimento possível para o turismo nas Praias do Farol, segundo sua comunidade e seus desdobramentos, ao longo do período pesquisado. Esses desdobramentos se mostram como sinalizadores para a área de estudos, em sua complexidade e subjetividade na pesquisa, bem com a hospitalidade apresentada e representada segundo a fala dos pesquisados. Além disso, junto com a preocupação dos pesquisados, acredito ser significativa a indicação do localismo como forma de troca de interpretações culturais possíveis para a manutenção da atividade no local, possibilitando, ainda, mais estudos em sua aplicabilidade, em outras localidades.

Depois dessas considerações, finalizo esta viagem investigativa, sabendo que não há como contar a totalidade do processo de aprendizagem. Este é um exercício constante que certamente vai me acompanhar, durante muito tempo, provavelmente para a vida toda. Busquei compartilhar as ondas desse processo de visitar e ser visitado e de deslocar o lugar de pesquisador para o lugar do outro sujeito da pesquisa. Conteí o que me contaram, aprendi a olhar com os olhos que olharam e no cruzamento desses olhares, com os saberes dos autores, também tive meu olhar transformado, tanto nas praias do Farol, quanto nas 'praias do conhecimento acadêmico'. Nos dois casos, as ondas são fortes e desafiadoras, mas valem o risco. Percebo que as mesmas ondas que, às vezes, quase nos derrubam, também nos ensinam levantar, tentar de novo, tentar um pouco mais...até conseguir.



REFERÊNCIAS

ARANTES, Eduardo Manchon; SANTOS, Rafael José. **Turismo e Dinâmica Cultural em uma Comunidade de Pescadores Artesanais: O caso do Farol de Santa Marta Laguna (SC)**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), v.4, n. 1, p.5-23, 2010.

ANDRUKIU, Alcimara Meira Gonçalves; BRAMBATTI, Luiz Ernesto; ZARDO, Juliana. Rafting em Antonina, Paraná, Brasil: Reflexões sobre os Efeitos do Turismo sob a Perspectiva do Residente. In: XI SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Ceará. **Anais do XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: Aleph, 2014. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DCL/DCL2/013.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas: Papyrus, 2003.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Quem é o Sujeito da Comunicação? A proposição de sujeito-trama, como campo caosmótico, e suas imbricações complexas, em tempos de internacionalização. In: **VI COLÓQUIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2014, Foz do Iguaçu. Anais Intercom 2014 - Foz do Iguaçu, 2014. p. 1-13.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, p. 342-355, 2014.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Traços Especulares e de Autopoiese Inscricional. In: **XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL**, 2013, Santa

Cruz do Sul. Intercom. Santa Cruz do Sul: Intercom/UNISC, 2013.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. INVESTIG(AÇÃO) E INSCRIACIONICE NA PESQUISA EM TURISMO: Desafios na produção das trilhas e costura metodológica da viagem investigativa . In: **X SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**, 2013, Caxias do Sul. X Anais ANPTUR 2013, 2013.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. Senac, 2001.

BHABHA, Bhabha Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ufmg, 1998. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves.

BURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia: Uma Introdução**. São Paulo: Chronos, 2002. 208p.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. A Pesquisa em Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, S.l., v. , n. 2, p.15-51, dez. 2008. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/hospitalidade/article/view/151/176>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CARNAC, Pierre. **Os Conquistadores do Pacífico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo X Espaço: reflexões necessárias na pós modernidade. In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo na Pós modernidade (des)inquietações**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 43-50.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DALL'AGNOL, Sandra. **Laguna como destino turístico: o pensar dos residentes**.

2009. 145 pág. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Turismo UCS. Caxias do Sul. 2009.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha. **Etnografia: Saberes e Práticas**. ILUMINURAS, Porto Alegre, v.9, n.21, p.1-23, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>> Acesso em: 2 set. 2013

FERREIRA, Helena Catão Henriques. Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: aventureiro-Ilha Grande/RJ. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo – Rbtur**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.361-379, Não é um mês valido! 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/689/647>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

GÂNDARA, José Manoel Gonçalves; HACK NETO, Eduardo; MANOSSO, Franciele Cristina. Percepções Turísticas:: Como a Comunidade Local Representa e Simboliza o Destino Foz do Iguaçu – PR?. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Ceará. **Anais do XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: Aleph, 2014. p. 0 - 0. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DGE/DGE1/063.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo na Pós modernidade (des)inquietações**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas** . Rio de Janeiro: Guanabara Koogam, 1989.

HANNERZ, Ulf. FLUXOS, FRONTEIRAS, HÍBRIDOS: PALAVRAS-CHAVE DA ANTROPOLOGIA TRANSNACIONAL. **Cadernos Naui**, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 7-39, set. 2010. Disponível em: <http://nauui.ufsc.br/files/2010/09/Hannerz_Fluxos-fronteiras-hibridos.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2014.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Economia do Turismo Uma perspectiva macroeconômico 2003-2009**. Publicação Online: S.E. , 2002. 0p. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/outros_estudos/estudos_ibge/downloads_estudos_pesquisas_IBGE/Estudo_Economia_do_Turismo_x_Uma_Perspectiva_Macroeconxmica_-_2003-2009.pdf> Acesso em: 29 mai. 2014

JIMÉNEZ, Celeste Nava; VALDÉS, Rubén Mendoza; NECHAR, Marcelino Castillo. Una mirada ética-crítica al turismo como objeto/fenómeno intercultural de estudio. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo – Rbtur**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 185-200, 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/759/638>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: ALEPH, 2000.

LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre, Corag, 1986.

MALINOWSKI, Bronisław Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 2. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Fernanda C. Schmidt; BASTOS, Sênia R.. Carnaval, Turismo e Hospitalidade: a Escola de Samba Camisa Verde e Branco. In: XI SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11. 2014, Ceará. **Anais do XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: Aleph, 2014. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DHT/DHT2/088.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2015.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico** (2. ed.) . São Paulo:

Contexto, 2002.

MUÑOZ, Alejandro Palafox; BASTO, Alejandra del Rosario Dzib; KAUIL-FERNANDEZ, Emmanuel. Una mirada al turismo residencial en la Isla de Cozumel, México. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo – Rbtur**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.326-339, 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/742/645>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

OLIVEIRA, Fábio Raimo. Ecoturismo e turismo de aventura: Organização e perspectivas. In MENDONÇA, Rita; NEYMAN, Zysman (org.). **Ecoturismo no Brasil** - Barueri, SP: Manole, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (WNMTO) **Panorama OMT del turismo internacional, Edición 2014**. Madrid: WNMTO, 2014. 0p. Disponível em: <http://dtxqt4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_highlights14_sp.pdf> Acesso em: 23 set. 2014

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Dumará, 1995.

RAMOS, Silvana Pirillo. Educação Patrimonial e Turismo Cultural em Centros Históricos: Desvendando entrelinhas de uma relação. In: XI SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Fortaleza. **Anais do XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: Aleph, 2014. Disponível em: < http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DCL/DCL1/003.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SANTUR, Secretaria de Turismo do Estado de Santa Catarina, 2013. **Pesquisa de Demanda Turística do estado de Santa Catarina 2013**. Visto em: <<http://turismo.sc.gov.br/institucional/index.php/pt-br/informacoes/estatisticas-e-indicadores-turisticos/category/8-pesquisa-de-demanda-turistica-2013>> Acesso em: 12 fev. 2014.

SANTUR, Secretaria de Turismo do Estado de Santa Catarina, 2013. **Pesquisa de**

Demanda Turística do município de Laguna 2013. Visto em: <<http://turismo.sc.gov.br/institucional/index.php/pt-br/informacoes/estatisticas-e-indicadores-turisticos/category/8-pesquisa-de-demanda-turistica-2013>> Acesso em: 12 fev. 2014.

SILVA, Mario Fernandes da; CAMARGO, Luiz Octávio de Lima; BUENO, Marielys Siqueira. A produção de teses e dissertações sobre centros culturais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo – Rbtur**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.78-98, 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/610/630>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

SMITH, Valene; BRENT, Maryann. **Hosts and guests revisited. Tourism issues of the 21st century** Cognizant Communication Corporation, Elmsford, NY, 2001.

SOUZA, Chelly Costa. Turismo de Sol e Praia e Segunda Residência: transformações territoriais na Ilha de Itaparica (BA). In: XI SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Fortaleza. **Anais do XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: Aleph, 2014. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DTP/DTP1/104.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SUL Por Elas. S.l.: Canal Off, 2014. Son. color.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A Viagem: Caminho e Experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada**. Rocca, 2001.

YÁZIGI, Eduardo. **A Alma do Lugar**. São Paulo: Contexto, 2001.

ATOW-INJ-Associação de Tow In de Jaguaruna. Disponível em: <<http://lajedajagua.blogspot.com.br/search/label/ATOW-INJ>> Acesso em: 10 jun. 2014

Blog Baú do Surf. Disponível em: <<https://baudosurf.wordpress.com/author/guerrerosurf/>> Acesso em: 13 dez. 2014

Google. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Laguna+-+SC/@-28.4847917,48.7777182,12z/data=!4m2!3m1!1s0x952153956f71ef4d:0x1503ed077723da5>> Acesso em: 11 jun. 2014

IPHAN. PAC, Laguna (SC). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=C8A07C68C0AB14EAB447EEA1E7BCAEF1?id=18113&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

Laguna, Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/pontos-turisticos.php>> Acesso em: 02 mai. 2014.

Mapas Blog. Disponível em: <<http://mapasblog.blogspot.com.br/2011/02/mapas-do-farol-de-santa-marta-sc.html>> Acesso em: 4 jun. 2014

Marcos Conceituais do Turismo- MTUR 2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf> Acesso em: 21 ago. 2014

Prefeitura Municipal de Jaguarão, 2014. Disponível em: <http://www.jaguarao.rs.gov.br/?page_id=1031> Acesso em: 25 mai. 2014

Redação Almasurf, 2013 Disponível em:<<http://www.almasurf.com.br/news.php?id=3387&canal=6>> Acesso em: 10 jun.14